



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TATIANE FERREIRA VILARINHO

**PADRÕES DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA
NAS CIÊNCIAS SOCIAIS:
A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE
ECONOMIA, CIÊNCIA POLÍTICA, SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

Brasília – DF

2015

TATIANE FERREIRA VILARINHO

**PADRÕES DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA
NAS CIÊNCIAS SOCIAIS:
A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE
ECONOMIA, CIÊNCIA POLÍTICA, SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Linha de Pesquisa: Comunicação e Mediação da Informação, Grupo de Pesquisa: Comunicação Científica, para obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suzana Pinheiro Machado Mueller

Brasília – DF

2015

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 988131.

Vilarinho, Tatiane Ferreira.

V697p Padrões de comunicação científica nas Ciências sociais: A interdisciplinaridade entre economia, ciência política, sociologia e antropologia / Tatiane Ferreira Vilarinho. - - 2015.

222 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2015.

Inclui bibliografia.

Orientação: Suzana P. M. Mueller .

1. Comunicação na ciência - Brasil . 2. Periódicos - Economia – Sociologia – Antropologia – Ciência Política.

I . Mueller , Suzana Pinheiro Machado. II . Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "Padrões de Comunicação Científica nas Ciências Sociais: a interdisciplinaridade entre Economia, Ciência Política, Sociologia e Antropologia".

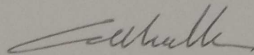
Autor (a): Tatiane Ferreira Vilarinho

Área de concentração: Transferência da Informação

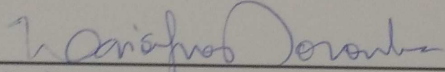
Linha de pesquisa: Gestão da Informação

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor** em Ciência da Informação.

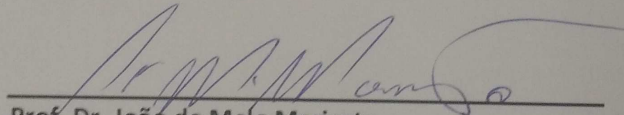
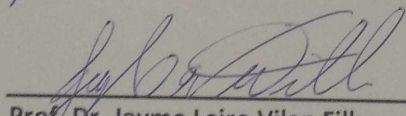
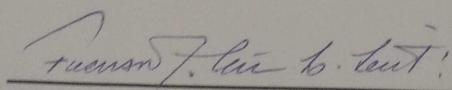
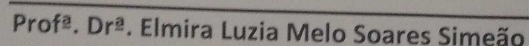
Tese aprovada em: 27 de novembro de 2015



Prof^a. Dr^a. Suzana Pinheiro Machado Mueller
Presidente (UnB/PPGCINF)



Prof^a. Dr^a. Daisy Pires Noronha
Membro Externo (USP)


Prof. Dr. João de Melo Maricato
Membro Externo (UFG)
Prof. Dr. Jayme Leiro Vilan Filho
Membro Interno (UnB/PPGCINF)
Prof. Dr. Fernando César Lima Leite
Membro Interno (UnB/PPGCINF)
Prof^a. Dr^a. Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Suplente (UnB/PPGCINF)

*A meu esposo Juliano pelo apoio
cúmplice e incondicional neste e em
todos os projetos em que me envolvo.*

*A minha filha Alícia pelo mais
puro amor.*

AGRADECIMENTOS

O Doutorado representou um período de superação pessoal e profissional.

Agradeço a Deus por mais esta vitória em minha vida.

A Prof. Dra. Suzana Pinheiro Machado Mueller, mais que orientadora, um exemplo de vida que vem me acompanhando ao longo de dez anos. Obrigada pela paciência, pelo empenho e também por ter acreditado e confiado em mim.

Aos membros da banca Prof. Dra. Daisy Pires Noronha, Prof. Dr. João de Melo Maricato, Prof. Dr. Jayme Leiro Vilan Filho, Prof. Dr. Fernando Leite e Prof. Dra. Elmira Simeão pela grandiosa contribuição.

Aos professores da Faculdade de Ciência da Informação, em especial, aos Prof(as). Dr(as). Sely Maria de S. Costa, Sofia Galvão Baptista, Tarcisio Zandonade, Murilo Bastos Cunha e André Porto Ancona Lopez pela atenção dedicada e conhecimento compartilhado.

A Martha, Vívian e Jucilene, funcionárias do PGCInf, que sempre foram gentis quando delas precisei.

A todos os amigos, familiares e colegas de trabalho que me incentivaram nessa jornada.

Enfim, a todos que diretamente ou indiretamente colaboraram com este trabalho.

RESUMO

VILARINHO, T. F. **Padrões de comunicação científica nas Ciências sociais: a interdisciplinaridade entre Economia, ciência política, sociologia e Antropologia.** 222 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2015.

Estuda os padrões de comunicação científica das ciências sociais no Brasil. Baseado na afirmação de Hjørland que a ciência da informação deve conhecer as especificidades de comunicação das disciplinas e no relatório sobre as ciências sociais, elaborado pela Fundação Calouste Gulbenkian que enfatiza a interdisciplinaridade entre as ciências sociais a partir de 1945, tem como objetivo descrever, quantitativamente, indicadores de inter-relacionamento das disciplinas economia, sociologia, ciência política e antropologia no Brasil, por meio da análise de características de artigos e de periódicos dessas quatro áreas listadas nos estratos Qualis A1 e A2 da Capes, no período de 2010 a 2012. O estudo foi realizado em duas etapas: a primeira consistiu em identificar as áreas de origem dos periódicos e a segunda identificou a colaboração entre autorias dos artigos em diferentes níveis de filiação: departamental, institucional e procedência geográfica. A análise das inter-relações na inclusão de periódicos na Lista Qualis utilizou a bibliometria e o exame da colaboração entre as quatro áreas, em diferentes níveis de filiação, a ARS de colaboração. O universo da primeira etapa da pesquisa foi formado pelos periódicos listados no Qualis da Capes nos estratos A1 e A2 das áreas estudadas, somando um total de 510 títulos em agosto de 2013. A amostra desta etapa foram os periódicos que declararam interesse principal idêntico à lista na qual se achavam indexados, totalizando 201 revistas. A segunda etapa da pesquisa teve como universo os 24.298 artigos destes 201 periódicos. Desse total de artigos extraiu-se amostras distintas para cada uma das quatro áreas cujo somatório foi 376 artigos. Foi desenvolvida uma tabela de dados no MS-Excel e tratamento estatístico no SPSS para estudar as redes de colaboração utilizou-se o Ucinet e para os grafos o NetDraw. Os resultados demonstram que, quanto às inter-relações entre as

disciplinas, a economia se inter-relaciona somente com periódicos classificados como multidisciplinares, ao contrário da sociologia que se inter-relacionou com todas as outras disciplinas e a antropologia foi a que mais utilizou de periódicos das ciências naturais. Na análise dos artigos constatou-se que em níveis de filiação departamental não ocorreu inter-relação disciplinar na amostra estudada, na filiação institucional ocorreu inter-relação entre todas as quatro disciplinas e na procedência geográfica observou-se que não ocorre com a antropologia, mas somente com as três demais disciplinas. Verificou-se, que as diferentes comunidades das ciências sociais no Brasil têm hábitos de informação e publicação que variam conforme características de suas disciplinas, confirmando Hjørland; também se verificou que há inter-relações entre disciplinas, corroborando com o a intensificação das colaborações interdisciplinares e multidisciplinares a partir de 1945, conforme Gulbenkian.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade - Ciências sociais. Periódicos científico - Economia - Sociologia - Antropologia - Ciência Política. Bibliometria. Análise de Redes Sociais. Colaboração científica.

ABSTRACT

VILARINHO, T.F. **Scientific communication standards in the social sciences: interdisciplinarity among Economics, Political Science, Sociology and Anthropology.** 153 f. Thesis (Doctorate in Information Science) - University of Brasilia School of Information Science, Brasília, 2015

This focus of this research are the standards of scientific communication standards in social sciences, in Brazil. It takes as starting point Hjørland's assertion that information science must be aware of the specific needs in communication of the different disciplines, as well as the conclusion of the report prepared by the Calouste Gulbenkian Foundation on the development of the social sciences which, noting the increase in interdisciplinary transgression of frontiers among disciplines after 1945, recommends an opening of the social disciplines. Its aims is to describe quantitatively indicators of inter-relationship involving the disciplines economy, sociology, political science and anthropology in Brazil, through the analysis of articles and regular features of these disciplines listed in the strata Qualis A1 and A2 Capes, the period from 2010 to 2012. The study was carried out in two stages: identification of source areas of journals and identification of collaboration in the authorship of articles in the four areas, involving membership: university departments, institutions and countries. The acknowledgment of interrelationships between the four disciplines was based on the inclusion of journals in the discipline's Qualis list (Capes). Bibliometrics was used for the analysis of the data. Collaboration between the four areas at different levels of membership was performed through analysis of collaborative social networks. Analysis was divided in two stages. The universe for the first stage was formed by the 510 journals listed in Qualis Capes Lists, strata A1 and A2 of the areas studied, as collected in August 2013. The sample of this stage was formed by the journals that reported its major concern as identical to the subject of the list in which they were indexed, accounting 201. The second stage of the research involved the articles in theses 201 journals, totaling 24,298, from which samples were extracted for each the four areas, amounting 376 articles. A

data table was developed in MS-Excel and then transferred to SPSS, for statistical analysis. Ucinet and graphs the NetDraw were used to study the collaborative networks. Results demonstrate that, as for interrelationship between disciplines, economy is interconnected only with journals classified as multidisciplinary, unlike sociology that is interrelated with all other subjects. Anthropology was the only discipline that used journals of natural sciences. In the analysis of articles, it was found that at the departmental and membership levels no disciplinary inter-relationship occurred in the sample; at the institutional affiliation level, it occurred interrelationship between all four disciplines and at the international affiliation level, it was observed that anthropology does not present any interrelationship. It was found that the different communities of the social sciences in Brazil have information habits and publication that vary according to the characteristics of their subjects, confirming Hjørland; it was also found that there are interrelationships between disciplines, supporting interdisciplinary and multidisciplinary collaborations since 1945, as noted by Gulbenkian. It was also verified that there are interrelationships among disciplines, confirming the Gulbenkian Report.

Keywords: Interdisciplinarity - Social Sciences. Scientific journals -Economy - Sociology - Anthropology - Political Science. Bibliometrics. Social Network Analysis. Scientific collaboration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Acontecimentos históricos por século.....	73
Figura 2 - Distribuição dos estratos Qualis entre as disciplinas estudadas.....	845
Figura 3 – Quantidade de periódicos listados nos estratos A1 e A2 por disciplina	856
Figura 4 – Universo de periódicos da pesquisa.....	856
Figura 5 - Amostra dos periódicos	867
Figura 6 – Distribuição do universo de artigos	878
Figura 7 – Distribuição da amostra dos artigos por disciplina.....	890
Figura 8 - Gráfico de inter-relações da área que o periódico declara	97
Figura 9 - Rede formada entre a área que o periódico declara ser e as disciplinas dos estratos Qualis estudadas	101
Figura 10 - Rede formada entre os periódicos que declaram ser de origem de uma das quatro disciplinas estudadas e as disciplinas estudadas.....	102
Figura 11 - Produção de artigos publicados por país, conforme localização da instituição à qual o autor é afiliado, nas quatro áreas estudadas.....	105
Figura 12 – Distribuição de número de autores por artigos de periódicos listados no Qualis das disciplinas estudadas	106
Figura 13 – Idioma por artigo, conforme idioma em que o artigo foi escrito ..	107
Figura 14 - Inter-relação dos departamentos verificada por autores de departamentos diferentes escrevendo artigos em colaboração	112
Figura 15 - Rede entre departamentos	115
Figura 16 - Inter-relação das instituições	120
Figura 17 - Rede das principais inter-relações entre instituições	122
Figura 18 - Rede de colaboração entre as instituições	124
Figura 19 - Rede de colaboração de Economia entre instituições	125
Figura 20 - Rede de colaboração de Sociologia entre instituições	126
Figura 21 - Rede de colaboração de Antropologia entre instituições	126

Figura 22- Rede de colaboração de Ciência Política entre instituições	127
Figura 23 - Inter-relação dos países	129
Figura 24 - Rede de inter-relação entre países	130
Figura 25 - Rede de inter-relação de países por disciplina vinculada	131

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferentes níveis de colaboração e distinção.....	36
Quadro 2 - Principais autores brasileiros nas ciências sociais do século XX.....	60
Quadro 3 - Disciplinas citadas como ciências sociais	62
Quadro 4 – Descrição das variáveis	823
Quadro 5 - Periódicos não disponíveis para acesso	87
Quadro 6 - Conceitos que compõem a análise de redes sociais.....	94
Quadro 7 - Características das áreas.....	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Autoria múltipla nas ciências sociais.....	35
Tabela 2 - Matriz com dados brutos entre a área que o periódico	96
Tabela 3 - Estatísticas descritivas gerais do Grau de Centralidade na rede formada entre a área que o periódico declara ser e as disciplinas dos estratos Qualis estudadas	99
Tabela 4 - Grau de centralidade, intermediação e proximidade	100
Tabela 5 - Produção de artigos publicados por país, conforme localização da instituição a qual o autor é afiliado, nas quatro áreas estudadas.....	104
Tabela 6 - Quantidade de departamentos vinculados a artigos escritos em colaboração.....	108
Tabela 7 - Estatística descritiva do grau de centralidade	109

Tabela 8 - Grau de Centralidade, intermediação e proximidade entre os departamentos com mais de dois inter-relacionamentos	109
Tabela 9 - Número de instituições diferentes por artigo.....	116
Tabela 10 - Estatística descritiva do Grau de Centralidade da rede de ocorrência das instituições	117
Tabela 11 - Grau de Centralidade, intermediação e proximidade entre as instituições com mais de dois inter-relacionamentos.....	118
Tabela 12 - Grau de centralidade das instituições conforme disciplina vinculada	123
Tabela 13 - Descritiva estatística de artigos por disciplina.....	127
Tabela 14 - Grau de centralidade, intermediação e.....	128
Tabela 15 - Quantidade de países que se inter-relacionam.....	131
Tabela 16 – Quantidade de países que se inter-relacionam por disciplina estudada.....	1313

LISTA SIGLAS

ABA - Associação Brasileira de Antropologia

ABCP – Sociedade Brasileira de Ciência Política

ANPEC - Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em
Economia

ARS - Social Network Analysis

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EUA – Estados Unidos da América

SBS - Sociedade Brasileira de Sociologia

SNPG - Sistema Nacional de Pós-graduação

SPSS – Statistic Package Social Science

UNICAMP – Universidade de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	18
2 INTRODUÇÃO	20
3 OBJETIVOS	23
3.1 OBJETIVO GERAL	23
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	23
4 HIPÓTESES DE TRABALHO	24
5 CONTEXTUALIZAÇÃO	26
5.1 A BIBLIOMETRIA E AS REDES SOCIAIS DE COLABORAÇÃO	32
5.1.1 Estudos sobre colaboração	35
5.2 ESTUDO DA INTERDISCIPLINARIDADE DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.	38
6 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	42
6.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	49
6.2 A DELIMITAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	55
6.2.1 Economia.....	62
6.2.2 A Sociologia.....	65
6.2.3 A Antropologia.....	67
6.2.4 A Ciência Política	69
6.3 AS DISCIPLINAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL	73
7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	78
7.1 DESCRIÇÃO DA FONTE DE DADOS	78
7.2 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS	82
7.3 UNIVERSOS E AMOSTRAS	83
7.3.1 Análise dos periódicos para identificação das suas origens.....	89
7.3.2 Identificação da colaboração departamental, institucional e procedência geográfica.....	91
7.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS	92
8 RESULTADOS OBTIDOS	95
8.1 ANÁLISE DOS PERIÓDICOS	95

8.2 COLABORAÇÃO ENTRE AS QUATRO ÁREAS	103
8.2.1 Análise geral das características dos artigos.....	103
8.2.2 Análise das inter-relações dos departamentos	108
8.2.3 Análise das inter-relações das instituições.....	116
8.2.4 Análise das inter-relações dos países.....	127
9 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	133
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	142
APÊNDICES.....	155

1 APRESENTAÇÃO

Este texto, apresentado ao Programa de Pós-Graduação - Doutorado em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, está organizado nas seguintes seções: depois desta introdução são explicitadas as perguntas de pesquisa, objetivos e justificativa. A seguir, a pesquisa é contextualizada na ciência da informação, especificamente na comunicação científica, são descritas as ferramentas que apoiam o estudo da colaboração e identificado o marco teórico que norteia a pesquisa. Em seguida são relatados os resultados da busca na literatura para contextualizar o desenvolvimento das ciências sociais, realizada para confirmar o lugar central das quatro disciplinas escolhidas nas ciências sociais e ressaltar fatos históricos relevantes para esta pesquisa. Dai seguem-se as seções sobre procedimentos metodológicos, análises dos resultados, discussões e conclusões.

Ao contrário das ciências naturais e das humanidades, as disciplinas das ciências sociais modernas se formalizaram somente a partir da segunda metade do século 19, apresentando-se bem definidas nas primeiras décadas do século 20. Mas, por volta de 1945, final da segunda guerra mundial, essa situação começou a mudar e vem mudando desde então, com o surgimento de inúmeras novas disciplinas e com a ocorrência de pesquisas envolvendo mais de uma área, ou seja, a transposição de fronteiras disciplinares (Gulbenkian, 1966). Como consequência, a identificação e delineamento das disciplinas que compõem as ciências sociais tem se mostrado um desafio para estudiosos da sua comunicação científica, embora haja consenso quanto àquelas que formam o seu cerne, composto pela economia, sociologia, ciência política e antropologia (Gulbenkian, 1996).

O tema deste trabalho é a comunicação científica dessas quatro disciplinas centrais das ciências sociais e a relação entre elas. Inspirada na afirmação de Hjørland, (2002, p.422), que as disciplinas devem ser estudadas respeitando suas

peculiaridades, e no relatório elaborado com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian *Para abrir as ciências sociais* (1996), que enfatiza a intensificação da comunicação entre as disciplinas científicas a partir de 1945, esta pesquisa investiga características dos principais periódicos e de artigos das quatro disciplinas centrais das ciências sociais em busca de evidências de inter-relações entre elas e especificidades de cada uma.

2 INTRODUÇÃO

Nas ciências sociais há uma diversidade de disciplinas com variados hábitos de comunicação. Assim, Hjørland (2002) defende que a Ciência da Informação deve conhecer muito bem os hábitos de comunicação adotados por cada disciplina ou comunidade científica. Neste estudo, o ponto principal é o pressuposto de que as diferentes comunidades científicas têm hábitos de informação e publicação que variam conforme a sua natureza e que o conhecimento de tais hábitos permitem uma melhor caracterização de cada disciplina ou comunidade.

Por sua vez, o Relatório Gulbenkian (1996), que se dedicou ao estudo sobre a evolução e formação das disciplinas sociais, mostra como, desde o final da Segunda Guerra Mundial, tem se dado um movimento em direção à interdisciplinaridade dessas áreas. Considerados juntos, esses dois estudos levantam uma questão interessante e contraditória sobre a existência simultânea de especificidade e interdisciplinaridade, ou inter-relacionamento, das disciplinas sociais.

Este estudo pretendeu investigar essas questões em relação às disciplinas de economia, sociologia, ciência política e antropologia no Brasil, tendo como fonte de dados artigos e periódicos listados nas suas Listas Qualis. Essas Listas, que serão descritas mais adiante, são produzidas a partir da ação de monitoramento e avaliação da Capes sobre os cursos de pós-graduação dessas áreas e listam, em estratos que expressam qualidade, os títulos de periódicos considerados de interesse para cada comunidade ou domínio. Esses estratos são enquadrados com indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero. Para esta pesquisa, devido ao grande número de artigos disponíveis, optou-se por estudar os estratos A1 e A2, uma vez que representam, conforme a declaração de cada área, os periódicos de maior qualidade.

Em razão da possível existência concomitante de especificidade e interdisciplinaridade das disciplinas das ciências sociais, este estudo pretende responder à seguinte pergunta:

Como se dá a interdisciplinaridade das disciplinas de economia, sociologia, ciência política e antropologia no Brasil?

A justificativa para esta pesquisa vem da convicção de que a organização dos saberes em poucas e bem demarcadas disciplinas, estabelecidas entre 1850 e 1945, foi contestada e desmontada a partir de 1945, conforme Goubenkian (1996), observando-se a emergência de colaborações interdisciplinares e multidisciplinares e de novas disciplinas e programas, com suas novas revistas, classificadas em novas categorias nas bibliotecas.

Ainda, pela ideia de que quanto maior o entendimento dos veículos de comunicação científica, especialmente periódicos, maior será o avanço da ciência da informação nessa área, seguindo a recomendação de Hjørland (2002) de que cada disciplina deve ser tratada respeitando suas especificidades. Tanto a ciência da informação quanto a biblioteconomia são áreas aplicadas, cujos praticantes desempenham papel social facilitando aos indivíduos o acesso à informação. Assim, o bibliotecário tem o papel social de entender as especificidades das áreas para exercer seu papel de intermediador entre a informação e quem a procura. Essas ideias fornecem uma das justificativas deste trabalho.

Hjørland defende uma abordagem sociocognitiva para a ciência da informação, afirmando que as necessidades de informação são consideradas como algo que se desenvolve no próprio indivíduo, mas são originadas por fatores sociais e culturais. Todavia essa abordagem é pouco utilizada, ou seja, adotar uma perspectiva social no estudo das práticas de informação de uma disciplina científica. Sob essa perspectiva, a aplicação dos estudos bibliométricos para o estudo da inter-relação de disciplinas ainda não foi

completamente tratada, havendo, neste sentido, um vasto campo de trabalho (HJØRLAND, 2002).

Hjørland (2004, p. 4) afirma que “um domínio pode ser uma disciplina ou um grupo de pesquisa. Pode ser ainda uma comunidade discursiva conectada a um partido político, à religião, ao comércio, ou a um lazer”. Ele relaciona esses domínios específicos às práticas da ciência da informação, como a bibliometria e a recuperação da informação, mostrando que o conhecimento de características de uma disciplina pode melhorar as práticas informacionais, contribuir para o provimento de melhores serviços de informação e para a integração de diversos campos de pesquisa. Hjørland (2002) alega ainda que os recursos informacionais devem ser tratados, ou seja, identificados, descritos, organizados e disseminados para servirem a um objetivo específico.

Diante do exposto, a presente pesquisa espera contribuir para ampliar o conhecimento sobre a comunicação científica nas quatro áreas escolhidas, economia, sociologia, antropologia e ciência política, além de colaborar para estudos mais aprofundados que busquem reconhecer e explicar as diferenças na prática de comunicação das ciências sociais. Espera ainda colaborar com profissionais da informação para a prestação de serviços diferenciados aos usuários dessas áreas, retomando o que fala Hjørland.

No Brasil, estudos bibliométricos sobre comunicação científica que tem como objeto de estudo a própria ciência da informação são os mais frequentes, como demonstram os Anais dos Encontros da Ancib (ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008, 2009, 2011). Há, relativamente, poucos estudos sobre as ciências sociais.

A identificação de padrões de comunicação científica destas disciplinas das ciências sociais, pretendida nesta pesquisa, busca auxiliar estudiosos de suas literaturas na delimitação de áreas para estudo e na formulação de pressupostos para análise dos resultados bibliométricos.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Entender como se dá a interdisciplinaridade das disciplinas de economia, sociologia, ciência política e antropologia.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Identificar as áreas de origem dos periódicos que compõem os estratos de cada uma das disciplinas estudadas.
- 2) Verificar, nos artigos com autoria múltipla do grupo de periódicos com origem na própria área, a ocorrência de colaboração entre autores com filiações, com o intuito de identificar inter-relações segundo filiação institucional e procedência geográfica.

4 HIPÓTESES DE TRABALHO

Para entender a natureza das ciências Wilhelm Windelband as classificou em nomotéticas e idiográficas. Resumidamente as pesquisas idiográficas pretendem entender tudo sobre um único caso, enquanto pesquisa nomotéticas pretendem reconhecer padrões comuns a vários casos, ainda que o entendimento não seja perfeito sobre cada caso particular. (Lamiell, 1998; Babbie, 2001 p.33-34). As disciplinas economia, sociologia e ciência política são consideradas nomotéticas e antropologia idiográfica.

Essas quatro disciplinas são ciências sociais. De acordo com Gulbenkian (1996), a ciência política e a economia tiveram origem na economia política, mas se distinguem segundo o argumento que o Estado e o mercado funcionam segundo lógicas distintas. A sociologia, que teve origem no trabalho realizado pelas associações que lutavam contra as injustiças sociais no século 19, estudava a civilização europeia contemporânea, tentando formular leis gerais que pudessem explicar o comportamento humano. A antropologia se encarregava de estudar as sociedades primitivas.

Diante deste cenário e em relação aos objetivos da pesquisa, elaborou-se as seguintes hipóteses de trabalho:

H1 – É possível verificar interdisciplinaridade entre economia e ciência política e entre sociologia e antropologia.

H2- A lista Qualis de economia, estratos A1 e A2, inclui o menor número de periódicos de outras áreas estudadas e a lista Qualis de sociologia, estratos A1 e A2, inclui maior número de periódicos de outras áreas.

H3 - Nas autorias múltiplas de artigos publicados nos periódicos, das listas Qualis, de cada uma das quatro áreas, estratos A1 e A2, ocorre colaboração entre disciplinas (autores com filiações em departamentos ou faculdades diferentes), entre instituições (diferentes afiliações institucionais dos autores) e entre países (origem das instituições de afiliação), com predominância

de países desenvolvidos sobre colaboração entre países em desenvolvimento ou entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente estudo desenvolveu-se sob a ótica da Ciência da Informação e da Comunicação Científica e utiliza-se da bibliometria e do estudo de redes sociais como técnicas para a sua realização. Fundamenta-se no fato de que, após 1945, a organização das ciências sociais em poucas e bem delimitadas disciplinas, que se consolidou entre 1850 e 1945, foi abalada no período pós-guerra. A partir de então, tem-se observado colaborações interdisciplinares e multidisciplinares e a emergência de novas disciplinas e programas, com suas novas revistas, classificadas em novas categorias nas bibliotecas (GULBENKIAN, 1996, p.73).

Hjørland e Albrechtsen (1995) reconhecem na Ciência da Informação a responsabilidade de entender as diferenças de hábitos de comunicação de domínios específicos, disciplinas ou áreas do conhecimento. Esses autores enfatizam essa necessidade da atenção às diferentes formas de comunicação que cada comunidade científica apresenta, pois tais hábitos refletem as características próprias advindas dos seus objetos de estudo e papel na sociedade, (HJØRLAND E ALBRECHTSEN, 1995, p. 400).

Na década de 90 Saracevic já afirmara que:

A Ciência da Informação é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação... (SARACEVIC, 1996).

Com o passar dos tempos, os problemas informacionais foram se modificando e a maneira de estudar a informação também mudou. Entretanto, a necessidade da recuperação mais eficiente das publicações científicas continua ocupando os cientistas da informação até hoje. O estudo da comunicação científica é tema central da ciência da informação, mas diversas outras áreas também compartilham desse interesse.

Entre os primeiros estudos sobre comunicação científica estão aqueles realizados por Solla Price. Seu livro *Little Science, Big Science* publicado em 1963, provocou uma impulsão nesses estudos. Price estudou diversos aspectos da atividade científica, propondo considerar esses aspectos como fenômenos mensuráveis, por exemplo, a distribuição de periódicos, produtividade de autores, estudos de citação, dispersão e distribuição dos artigos científicos, entre outros (MUELLER e PASSOS 2000, p.14-15).

Os estudos de Garvey e Griffith (1979) também tiveram grande impacto entre os estudiosos da comunicação científica. Esses autores mapearam o fluxo da informação científica, mostrando os seus vários estágios, abrangendo atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento da concepção da ideia até a sua divulgação. No desenho do fluxo informacional na comunicação científica que propuseram, o ponto culminante é a publicação do artigo científico, mas após a publicação, a comunicação da informação continua, por canais secundários e terciários.

Partindo do modelo centro-periferia de Shils, Scott (1994, citado por MUELLER e OLIVEIRA, 2003) mapeou os países agrupando-os conforme sua capacidade de inovação em quatro grupos: grupo principal, grupo quase principal, centros secundários que formam rede e centros secundários. De acordo com Mueller e Oliveira (2003), o estudo de Scott (1994) mostra que os Estados Unidos compõem o principal centro de atividade científica e os demais centros sofrem sua influência e também buscam referência dele (centro principal). O modelo de Scott, que reflete o mundo em 1994, tinha ainda como “centros quase principais” a Alemanha Ocidental (hoje reunida com a Alemanha Oriental), o Reino Unido e a França; como centros secundários que formam rede o Canadá, Japão, Suíça, Holanda, Bélgica, Itália, Áustria, Suécia, Israel e Austrália; como centros secundários Dinamarca, Noruega, Espanha, entre outros.

O processo de comunicação da ciência, que inclui a obtenção e divulgação das informações científicas, é essencial para a ciência, uma vez que a pesquisa

científica que não é comunicada não existe (STUMPF 2000, p. 109). A importância da comunicação para o progresso da ciência é incontestável e os canais de comunicação científica desempenham um papel vital para o desenvolvimento científico. Entre as principais vias de comunicação da pesquisa estão os periódicos, tradicionalmente mais utilizado nas Ciências Naturais do que nas Ciências Sociais e Humanidades (MEADOWS, 1999 p. 69). Além dos periódicos, os cientistas também utilizam vários outros canais para comunicar os resultados de pesquisa, entre eles os livros, os eventos, os relatórios e as conversas em geral. O conjunto destas publicações e ações permite ao autor expor seu trabalho ao julgamento de seus pares (MUELLER 2000, p. 22). Sem o julgamento pelos pares, o trabalho do pesquisador não será considerado científico (Ziman, 1979).

De acordo com Meadows (1999), Stumpf (2000) e Targino (2000), a comunicação científica é realizada por meio de canais formais e informais. Os canais formais da comunicação científica são descritos por Targino (2000, p. 20) como aqueles de ampla divulgação, caracterizados pelo maior controle, armazenamento e preservação, como livros, periódicos, obras de referência em geral, relatórios técnicos, revisões de literatura e bibliografias de bibliografias. E os canais informais são caracterizados pelos contatos interpessoais entre os pesquisadores, sem formalismo, tais como as conversas, eventos científicos, comissões científicas e técnicas, conferências, entre outros. Stumpf (2000, p. 109) se refere aos os canais de comunicação científica como “os meios pelos quais passa o conhecimento produzido pelos cientistas, constituindo-se tanto como produto para disseminar o fruto do seu trabalho quanto fonte para novas descobertas”.

Os pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento costumam dar preferência a canais diferentes para comunicar o resultado de suas pesquisas (MUELLER, 2005). Nesse referido trabalho, a autora afirma que os principais canais de comunicação científica são os periódicos, anais de congresso, livro e capítulo de livro. Segundo Meadows (1999, p.162), o livro, para as disciplinas

tecnológicas e técnicas, é um instrumento didático, não sendo considerado como um canal de disseminação da pesquisa original. No entanto, as humanidades e as ciências sociais têm uma relação diferenciada com os livros no que diz respeito à disseminação dos resultados de pesquisa.

Lindholm-Romantschuk e Warner (1996, p. 395) verificaram entre outras proposições, o impacto dos livros em relação aos artigos de periódicos nas disciplinas filosofia, sociologia e economia, a partir de citações de artigos. Encontraram fortes indícios de que os livros têm maior impacto que artigos de periódicos nas três disciplinas analisadas, sendo que na filosofia, a citação de livros constitui mais de 80% e na sociologia e na economia, mais de 60 % das citações.

Mueller (2005) estudou a produção acadêmica de professores de pós-graduação de várias disciplinas publicada no Currículo Lattes, em estágio de pós-doutorado. Este estudo confirmou que livros e capítulos de livros são relevantes para divulgação dos resultados de pesquisa somente nas disciplinas das ciências humanas, ciências sociais aplicadas, e linguística, letras e artes (classificação de áreas da CAPES).

Vários autores enfatizam a importância de congressos e eventos científicos para as Engenharias, desempenhando um papel maior do que nas outras ciências. Mais que estágios intermediários no fluxo da comunicação do conhecimento gerado nas pesquisas dessas áreas, são utilizados como canais principais de disseminação (GARVEY et al, 1979, p. 196). Tais resultados são confirmados por Meadows (1999, p. 161-165), uma vez que esse autor, ao verificar a produtividade de várias áreas, percebeu que as Ciências Tecnológicas publicam mais em anais de eventos.

O periódico é considerado o principal canal para disseminação do conhecimento científico nas ciências “naturais” (KHUN, 2003) e sua importância vem crescendo também nas ciências sociais. Segundo Mueller (1999), o periódico científico tem sido objeto de vários estudos devido o papel que representa para o conhecimento científico. O periódico é apresentado numa

perspectiva histórica, entre outros pesquisadores, por Osburn (1984), Meadows (1999) e Stumpf (1996; 2008). Segundo estes autores, as revistas científicas apareceram por iniciativas de sociedades científicas e têm evoluído desde então. Os primeiros periódicos científicos foram publicados no ano de 1665 na França, o *Journal des Sçavants*, e no mesmo ano em Londres, o *Philosophical Transactions* da *Royal Society*. O processo definitivo de mudança para o novo periódico só foi concluído no século XIX, quando as revistas adquiriram credibilidade para, inclusive, substituir os livros (STUMPF, 1996, p. 2). Segundo essa autora o declínio do livro e surgimento do periódico se deu devido a pressões na comunidade científica:

O declínio do livro como meio mais importante e completo para a publicação da pesquisa original foi devido a dois tipos de pressão que começaram a ocorrer na comunidade de pesquisadores: o reclamo pela prioridade das descobertas e o custo de sua produção. Essas pressões estavam intimamente ligadas, pois se a primeira foi causada pela demora na publicação das monografias, que comprometiam a prioridade, a segunda foi consequência da extensão desses trabalhos, que dificultavam e oneravam a impressão. Os cientistas primeiramente resolveram esses dois problemas mediante a publicação de suas pesquisas em partes. Assim, os resultados logo apareciam, ficando assegurada a prioridade da descoberta, e o custo não era tão elevado, se comparado com a publicação de um livro muito volumoso. Essa forma de comunicação, assim dividida, não satisfiz por completo a comunidade científica devido, principalmente, à divisão dos assuntos em partes. Daí, para legitimar a reunião de pequenas contribuições de vários autores e de sua publicação regular em fascículos, foi apenas um passo. (STUMPF, 1996, p. 2).

Os aspectos externos e o crescimento dos periódicos das áreas sociais no anos 1970 foram estudados por Line e Roberts (1976) e nos anos 1990 por Margens (1991). Já na década de 1970, Line e Roberts (1976, p. 125), se referiam a problemas no estudo do crescimento dos periódicos, notando que eram maiores do que se supunha no passado. Afirmam que dados sobre periódicos variam entre países e que dados sobre livros também mostram crescimento e variações entre países, áreas do conhecimento e comunidades científicas. Por exemplo, notaram que apesar dos periódicos das áreas sociais

terem crescido muito, esse crescimento foi menor que em periódicos de outras áreas,

Quanto à preferência pelo meio de comunicação pelas diversas áreas, Meadows (1999, p. 69), afirma que os periódicos compõem a mais importante fonte de informação nas Ciências Naturais, porém são menos utilizados nas Ciências Sociais e menos ainda nas Humanidades. Entretanto, as pressões pela prioridade das descobertas científica e o custo da produção de livros, a que se refere Stumpf (2000, p.2), podem estar alterando também o cenário das comunicações nas Ciências Sociais e até mesmo nas Humanidades. Ainda em 1972, Garvey, Lin e Nelson (1972, p.282) desenvolveram um estudo no qual demonstram que as Ciências Puras, talvez devido à maior agilidade na comunicação, apresentavam preferência pelo periódico. Mas notaram também que nas Ciências Sociais estava ocorrendo crescimento na publicação de artigos.

Em estudo mais recente sobre a literatura utilizada nas ciências sociais, Hicks (2005, p.1) destaca quatro literaturas: os livros, os artigos de periódicos em língua inglesa indexados em bases internacionais, a literatura em línguas vernáculas que não são indexados em bases internacionais e a literatura não acadêmica.

A diversidade de canais utilizada pelas Ciências Sociais já havia sido notada na década de 1980, por Schleyer, que analisou o ciclo da comunicação e informação nas ciências sociais na época e elaborou um modelo operacional do ciclo da comunicação. Segundo a autora, a exposição constante e ininterrupta a diversos canais de comunicação, formais e informais, influencia de tal maneira a rotina da pesquisa que pode ser considerada como um dos fatores que provocam a complexidade e a falta de estruturação coordenada das pesquisas (SCHLEYER, 1980).

Na década de 1970, o estudo feito por Garvey, Lin e Nelson mostrou que os cientistas sociais, naquele período, demoravam em média quatro meses ou mais para chegar à fase de publicação, que os físicos produziam mais pré-publicações que o cientistas sociais e que o grau de rejeição de manuscritos

enviados para seleção e posterior publicação era maior nas Ciências Sociais. Schleyer (1980) cita Garvey, Lin e Nelson (1970), ao considerar que provavelmente a natureza eclética das Ciências Sociais contribui para a falta de coesão na estrutura de sua comunicação, na imprevisibilidade das sequencias e menos eficiência no processamento da informação.

Tendo em vista que estudos citados anteriormente foram desenvolvidos há mais de quarenta anos, é natural esperar que diversas mudanças tenham acontecido. O estudo feito por SANTOS (2010) mostra que em relação às características extrínsecas os periódicos de Ciências Sociais brasileiros têm evoluído significativamente e já não estão mais tão distantes, em termos de aspectos formais, dos periódicos de outras áreas com maior tradição de publicação em periódicos científicos.

5.1 A BIBLIOMETRIA E AS REDES SOCIAIS DE COLABORAÇÃO

Grande parte dos estudos realizados sobre comunicação científica tradicionalmente se utilizam de técnicas bibliométricas. Mais recentemente, a aplicação da metodologia para estudo das redes sociais vem sendo empregada nos mesmos estudos, revelando novos ângulos para sua compreensão. Assim, a seguir, a bibliometria é discutida de forma sucinta como também a metodologia de análise de redes sociais.

A Bibliometria surgiu como *statistical bibliography* em 1922 com E. Wyndham Hulme. A denominação atual apareceu inicialmente no *Tratado da Documentação*, de Paul Otlet em 1934. Mas o termo consolidou-se apenas partir de 1969, após a publicação do artigo de Pritchard, sob o título *Bibliografia estatística ou Bibliometria?* (VANTI, 2002). Segundo Pritchard (1969), a bibliometria seria usada para quantificar os processos de comunicação escrita.

Há três leis básicas na bibliometria. A primeira, proposta por Lotka (1926), se refere à produtividade de cientistas; a segunda, proposta por Bradford (1934), se refere à dispersão do conhecimento científico; a terceira proposta por

Zipf (1949) se refere à distribuição e frequência de palavras num texto. Em 1967, Goffman e Newill propuseram a teoria epidêmica da transmissão de ideias, que explica a propagação de ideias dentro de uma determinada comunidade como um fenômeno similar à transmissão das doenças infecciosas (ARAÚJO, 2006). Os estudos de citação têm sido predominantes na adoção da bibliometria como técnica para análise (VANZ E CAREGNATO, 2003; ARAÚJO, 2006; MUELLER, 2007). Segundo Hjørland (2002), a análise de citação por meio de bibliometria muito contribui para a visualização de uma área científica.

Conforme Andrés (2009, p.9) a área do conhecimento a ser estudada influi na definição do estudo bibliométrico, inclusive na escolha dos documentos a serem selecionados para o estudo. Devem-se observar, ainda, de acordo com a autora, os pesquisadores, os periódicos, os países e qualquer outro dado de desenvolvimento da área. É igualmente necessário definir, em primeiro lugar o tipo de dado que será avaliado. Tal decisão irá determinar se no estudo será usado um ou mais indicadores bibliométrico (ANDRÉS, 2009, p.9). Para Andrés, a origem do documento selecionado e seu conteúdo são a base para o estudo bibliográfico, sendo ainda preciso verificar a abrangência do tema, a consistência e precisão dos dados a serem analisados e os campos a serem preenchidos na base de dados. Além dessas características, a autora destaca particularidades da base de dados como o buscador, as opções de busca, entre outras, que facilitam o estudo bibliométrico.

De acordo do Andrés (2009, p.13) a análise descritiva das principais características da área a ser pesquisada é a maneira mais fácil de iniciar um estudo bibliométrico. O estudo temporal da coleção, para verificar se houve evolução de pesquisas na área, e análise descritiva do número de autores que colaboraram com a publicação, que segundo Andrés (2009, p.17) indica o grau de colaboração entre autores, são dois indicadores significativos, além dos estudo da produtividade de instituições e países.

A bibliometria possibilita ainda fornecer indicadores que podem contribuir para a compreensão dos objetivos da pesquisa, das estruturas da comunidade científica, do seu impacto social, político e econômico (TRZESNIAK, 1998, SPINAK, 1998). Esses indicadores bibliométricos podem ser divididos em indicadores de produção, indicadores de citação e indicadores de ligação (MACIAS-CHAPULA, 1998; SPINAK, 1998). De acordo com Santos e Kobashi (2006), o indicador de produção científica é verificado por meio do número de publicações por tipo de documento, por instituição, área de conhecimento, país, etc. Ainda segundo esses autores, o indicador de ligação pode ser aferido pela co-ocorrência de autoria, citações e palavras, sendo aplicados na elaboração de mapas de estruturas de conhecimento e de redes de relacionamento entre pesquisadores, instituições e países. E o indicador de citação, por sua vez, é desenvolvido pela contagem do número de citações recebidas por uma publicação de artigo de periódico. A citação é universalmente reconhecida como meio de atribuir crédito ao autor (SANTOS e KOBASHI, 2006).

O uso de indicadores bibliométricos, conforme Sancho (1990) possibilita conhecer:

- a) o crescimento de qualquer campo da ciência (por meio da variação cronológica do número de trabalhos publicados);
- b) o envelhecimento da ciência (pela análise da “vida média” das referências das publicações);
- c) a avaliação cronológica da produção científica (pelo ano de publicação dos documentos);
- d) a produtividade dos autores ou instituições;
- e) a colaboração entre os cientistas;
- f) o impacto ou visibilidade das publicações dentro da comunidade científica internacional;
- g) fontes difusoras dos trabalhos (medido pelo impacto destas fontes)
- h) dispersão das publicações científicas entre as diversas fontes.

5.1.1 Estudos sobre colaboração

Conforme Meadows (1999), o trabalho colaborativo existiu desde sempre. A Royal Society, por exemplo, já via no trabalho cooperativo um modo de promover novas pesquisas. Para Katz e Martin (1995), a colaboração pode existir entre dois ou mais pesquisadores em um mesmo departamento institucional, entre departamentos de uma instituição, entre instituições, entre setores, entre regiões geográficas e entre países. A colaboração científica, segundo Sonnenwald (2003) envolve esforços conjuntos de autores para a produção de conhecimentos técnico-científicos, visando objetivos comuns.

Uma característica da pesquisa científica colaborativa é dispersão de autores entre diferentes instituições, dando origem a colaborações entre duas ou mais instituições (KATZ e MARTIN, 1995). A utilização de métodos diferentes, de acordo com Larsen (2008), torna possível a visualização de redes de autores, coautores e instituições facilitando a análise das colaborações em termos de dimensão, efeitos de produtividade e desenvolvimento de áreas de conhecimento ou temáticas específicas.

A colaboração, segundo Vilan Filho (2010) pode se manifestar na literatura científica como autoria múltipla, autoria em parceria, coautoria ou autoria colaborativa. Meadows (1999) afirma que a tendência da autoria múltipla é de crescimento em todas as áreas, tanto no âmbito acadêmico como nas empresas, embora seja maior nas ciências e menor nas humanidades.

Há diferenças no nível de colaboração conforme as áreas, que podem ser percebidas pelo número de colaboradores em autorias múltiplas em cada literatura (MEADOWS, 1999, p. 110). O autor embasou essa afirmação em um estudo de várias disciplinas, entre elas algumas das ciências sociais, as quais Meadows exemplificou em uma tabela:

Tabela 1 - Autoria múltipla nas ciências sociais

Matéria	Um autor (%)	Dois autores (%)	Três autores (%)	Quatro ou mais autores (%)
Economia	83	16	1	-
Serviço Social	75	20	4	1
Sociologia	75	21	3	1
Psicologia	45	36	15	4
Bioquímica	19	46	22	13

Fonte: Meadows (1999, p.110).

O estudo de Hou et al (2008) mostra a colaboração científica em três níveis diferentes: o micro (entre pessoas), o médio (entre instituições) e o macro (entre países). Balancieri, et al. (2005), notam que os prefixos “inter” e “intra”, têm sido adotados, respectivamente, para distinguir os diferentes níveis de colaboração (indivíduos, grupos, departamentos, instituições e setores, nas mais diferentes combinações dessas unidades, dentro de uma mesma nação ou envolvendo nações diferentes), nas formas inter e intra. Os autores traduziram o quadro de Katz e Martin de 1997, para ilustrar a questão:

Quadro 1 - Diferentes níveis de colaboração e distinção

NÍVEL	INTRA	INTER
Individual	-	Entre indivíduos
Grupo	Entre indivíduos do mesmo grupo de pesquisa	Entre grupos (por exemplo, no mesmo departamento)
Departamento	Entre indivíduos ou grupos no mesmo departamento	Entre departamentos (na mesma instituição)
Instituição	Entre indivíduos ou entre departamentos na mesma instituição	Entre instituições
Setor	Entre instituições no mesmo setor	Entre instituições em diferentes setores
Nação	Entre instituições no mesmo país	Entre instituições em diferentes países

Fonte: Katz e Martin (1997) adaptado por Balancieri et al. (2005).

De acordo com Glänzel (2002), a análise de citações mostra que os artigos publicados em coautoria internacional conseguem maior impacto e visibilidade, sugerindo que a colaboração científica internacional pode influenciar de maneira

benéfica o impacto e a visibilidade de uma pesquisa. Por outro lado, pesquisas desenvolvidas somente em colaboração nacional tendem a ter menos impacto e visibilidade,

As redes de colaboração científica, segundo Bufrem (2011), são objeto de estudo na literatura sob diversos aspectos, como estrutura, dinâmica estrutural de relacionamento, grau de colaboração, padrões de produtividade, análise de domínio e de produção científica.

A visualização da rede na forma de grafos, segundo Bufrem (2011) é considerada mais intuitiva do que a visualização na forma de matrizes, embora os dados coletados sejam, normalmente, apresentados dessa forma.

Neste contexto, afirmam Maia, Zanotto e Caregnato (2011), há um esforço em buscar as melhores formas de abordagem e o desenvolvimento de métodos, procedimentos e ferramentas que auxiliam na sistematização da análise de dados que envolvem os processos de colaboração na construção do conhecimento. De acordo com (VANZ e STUMPF, 2010) entre esses esforços destacam-se as análises de redes sociais (ARS).

Por meio da análise de redes sociais é possível identificar conceitos como centralidade de atores em uma rede de colaboração, assim como graus de proximidade e intermediação entre os autores, departamentos, instituições e países. A ARS do inglês *Social Network Analysis* - ARS é uma abordagem oriunda da sociologia, da psicologia social e da antropologia (FREEMAN, 1996; WASSERMAN e FAUST, 1999). Segundo Marteleto (2001), é o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através de suas interações uns com os outros. A autora afirma que a análise de redes é o meio, e não o fim para realizar, uma análise estrutural dos fenômenos analisados.

A rede, afirma Tomaél et al (2005), é uma estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e auto organizável, que se estabelece por relações horizontais de cooperação. As análises de redes sociais (ARS) vêm sendo utilizadas desde a metade da década de 1930, porém só a partir da década de 90 se desenvolveram as técnicas e ferramentas que

mostram com mais clareza as relações entre indivíduos, instituições ou países (CARRINGTON et al., 2005).

Tais relações ou interações, ou seja, a colaboração identificada entre as diversas disciplinas são entendidas por Le Coadic (2004, p.20) como interdisciplinaridade, que é o tema central deste trabalho, especialmente as inter-relações entre as ciências sociais. Assim, a seção a seguir comenta, de maneira sucinta, textos que se ocuparam desse tema. Buscou-se apresentar apenas os aspectos mais relevantes do tema tendo em vista o entendimento desta pesquisa.

5.1 ESTUDO DA INTERDISCIPLINARIDADE DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

De acordo com Gulbenkian (1996) a organização das disciplinas das ciências sociais em áreas bem demarcadas que caracterizou as universidades no final do século 19 e início do século 20 foi alterada após 1945, no período do pós-guerra. Esse movimento foi estimulado pelas novas situações sociais, econômicas e políticas, e se manifestou pela emergência de novos programas nas universidades, novas revistas e finalmente novos departamentos universitários. Assim, a interdisciplinaridade seria um fenômeno presente em todas as disciplinas, em maior ou menor grau, e de acordo com Japiassu (1976), se manifesta por interações, aproximações e métodos comuns entre as disciplinas. No entanto, segundo Espírito Santo (1978), os diversos graus de relacionamento entre as disciplinas ainda não foram satisfatoriamente discernidos.

Disciplinas são resultantes da divisão da ciência, necessária para possibilitar o ensino e a pesquisa nas universidades. Dessa maneira, uma disciplina pode ser vista como uma unidade de conhecimento. De acordo com Espírito Santo (1976), com a expansão das disciplinas, a dependência entre as elas se tornou uma “interdependência inextrincável”, onde umas interpretam as outras de forma dinâmica. Conforme o autor, o fenômeno é também descrito por

Bliss (1929), quando afirma que um estudo, quanto mais fundo for, mais reunirá especialidades e mais penetrará em outros domínios.

O interesse interdisciplinar entre as ciências se deve à necessidade de comunicar as formas novas de organização que o homem cria (JANTSCH e BIANCHETTI, 1995, p. 64). Gulbenkian (1996, p. 72-73) salienta o fim das fronteiras artificiais do conhecimento, recomendando o trabalho interdisciplinar.

Para Japiassu (1976) o fenômeno interdisciplinar está muito longe de ser evidente e se caracteriza por uma reorganização do sistema das ciências e pelo seu esforço em direção da ação (JAPIASSU, 1976, p.44). Para este autor a interdisciplinaridade favorece a eficácia e o aumento da produtividade do trabalho científico.

Como visto acima Gulbenkian (1996) a interdisciplinaridade entre as ciências como enfoque teórico-metodológico surge na segunda metade do século 20. Segundo Thiesen (2008, p.546), a motivação seria a necessidade de superar a fragmentação e a especialização excessiva do conhecimento que ocorria principalmente nos campos das ciências humanas e da educação. Esse mesmo autor cita Lucien Goldman segundo quem “um olhar interdisciplinar sobre a realidade nos permite entender melhor a relação entre seu todo e as partes que a constituem”. (THIESEN, 2008, p.546).

De acordo com Olga Pombo (2003), a termo interdisciplinaridade está gasto, não havendo consenso sobre sua definição. Ainda assim, vem sendo utilizado em diversos contextos. Atualmente, a ciência recorre à interdisciplinaridade como instrumento teórico-metodológico importante no processo de integração de conhecimentos. Segundo Pimenta (2005), ela ocorre no processo de da investigação, quando um conjunto de especialistas, com diferentes formações disciplinares, partem se integram em um projeto comum, buscando novos conhecimentos científicos. Ainda segundo Pimenta, a interdisciplinaridade pode manifestar-se de forma diferente conforme o conjunto de ciências estudadas. Por exemplo, Heine Andersen (1999) verificou em meio

aos cientistas sociais dinamarqueses que, entre outros resultados, 15% deles tinham experiência educacional de alguma disciplina diferente das ciências sociais, como engenharia ou humanidades. Ainda segundo o autor, 44% de todos os pesquisadores em ciências sociais na Dinamarca classificam a sua própria investigação como interdisciplinar ou multidisciplinar (ANDERSEN, 1999).

Em 2012, Shi e Young publicaram o artigo “The interdisciplinary structure of research on intercultural relations: a co-citation network analysis study”, no qual mapearam o conteúdo de pesquisas sobre a área de relações interculturais verificadas em redes de co-citação de 30 anos de publicações acadêmicas. Os pesquisadores utilizaram o campo buscador “palavra-chave” do Web of Science (1980-2010) e filtraram por meio de um manual de codificação semântica. Por meio de análise estrutural das redes de co-citação, os autores identificaram um *cluster* que contém conhecimento fundamental da área. Revelou também que esse cluster central está bem ligado a quase todos os outros *clusters* e abrange uma ampla gama de categorias de assuntos. A análise da evolução dos temas mostrou tendências de aproximação (por exemplo, psicologia e economia e negócios) e distanciamento (por exemplo, o ensino da língua e da comunicação) em relação ao cluster central.

Bowman; Tsou; Ni e Sugimoto (2014) realizaram um estudo envolvendo recém-doutores com dados disponíveis no ProQuest de Ciências Sociais, período de 2009 a 2010, nas áreas de economia, sociologia e ciência política. Segundo os autores, os resultados mostraram que sociologia é ao mesmo tempo a mais especializada e a mais interdisciplinar das três disciplinas selecionadas; a economia é a menos interdisciplinar, pois tem a menor proporção de dissertações com outra ciência social, e Ciência Política é a menos especializada, apresentando o menor número no segundo nível ciências sociais do ProQuest). Para Bowman; Tsou; Ni e Sugimoto (2014) estas questões são intensificadas pelo crescimento da interdisciplinaridade entre os setores. Notam ainda que as pesquisas interdisciplinares se tornaram mais comum nos últimos

quarenta anos, com o aumento da inter-relação entre disciplinas, profissionais e estudiosos.

Referindo-se especificamente à interdisciplinaridade das Ciências Sociais no Brasil, Lima e Cortes (2013) notam que ela pode ser percebida nos programas da área e na diversidade de propostas e organização. Segundo os autores “embora a interdisciplinaridade apresente-se como o futuro da investigação científica e imponha limites aos excessos da especialização, paradoxalmente, a solidez disciplinar torna a interdisciplinaridade mais efetiva”. (LIMA; CORTES, 2013, p.416).

Embora a interdisciplinaridade das ciências em geral seja inerente aos estudos de comunicação científica sob a ótica da ciência da informação, os estudiosos brasileiros da área têm se preocupado principalmente com a interdisciplinaridade da própria ciência da informação, como por exemplo, entre os programas, com outras disciplinas, autores e a própria formação interdisciplinar da área, como atestam os trabalhos de Pinheiro (1995; 1999; 2005; 2006), Bicalho (2009), Gomes (2009), Oliveira (2001), Silva; Lima e Araújo (2009), Andalécio e Marteleto (2009), Santos e Rodrigues (2014), Santos (2012), Dal'Evedove e Fujita (2013), Souza (2011), entre outros. Na literatura da ciência da informação internacional, no entanto, o tema é estudado com mais frequência.

Um último ponto tem a ver com a identificação das disciplinas que compõem a grande área das ciências sociais, tarefa que tem se mostrado um desafio para estudiosos da sua comunicação científica. Como será visto na próxima seção, apesar das diversas controvérsias, há consenso quanto àquelas que formam o seu cerne, composto pela economia, sociologia, ciência política e antropologia (GULBENKIAN, 1996).

6 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O mundo, durante longos anos, foi permeado de mitos religiosos e a substituição de tais mitos pela ciência e técnica tem sido muito difícil (COLLINS, 2009). A religião cristã surgiu no século I, tendo como base o amor entre os seres humanos, opondo-se à escravidão e contrariando os interesses do Império naquele tempo. Oferecia a possibilidade da salvação e da vida eterna após a morte a todos aqueles que acreditavam em Deus e seguissem seus mandamentos. Desse modo, o cristianismo passou a satisfazer as expectativas da humanidade que a filosofia ou a pura razão não conseguiam satisfazer (BETTENCOURT, 1984, p.8). Os homens se voltaram para a vida mística, julgando que a filosofia não conseguia fazê-los compreender a sua face.

Segundo Bettencourt (1984, p. 8), o cristianismo conseguiu aceitação e propagação entre os povos uma vez que: “as mentes dos homens estavam francamente dispostas a ouvir a palavra vinda do alto”, em contraposição aos pensamentos filosóficos, segundo os quais, o homem seria um ser capaz de dar respostas racionais às perguntas racionais, e que a caracterização da humanidade seria o emprego do diálogo na busca da verdade.

Questionando se o homem seria um animal racional, Santo Agostinho coloca em dúvida o poder da razão ao sustentar que o homem é incapaz de saber, quando não está iluminado pela elevação divina; ele defendia que a razão, por si, era equívoca e duvidosa. E, naquele contexto, São Tomás de Aquino reconhecia o valor da racionalidade, entretanto não se afastava do pensamento agostiniano de que não se faz justo o uso dos poderes da razão se ela não for guiada pela graça de Deus. Portanto, o pensamento de que o homem, como imagem de Deus, não poderia deixar de ser mistério, perdurou por toda a Idade Média.

Em paralelo aos debates em torno das concepções de homem e de mundo, ainda na Baixa Idade Média, ocorreu grande crescimento demográfico devido à

suspensão das invasões. Esse crescimento populacional afetou negativamente o sistema feudal que, até então, era baseado na economia de subsistência. A produção tornou-se insuficiente, pois o consumo era cada vez maior e, com isso, muitos camponeses abandonaram os feudos. Os nobres sem domínios feudais tornaram-se cavaleiros prestadores de serviços aos reis, aos grandes senhores e às cidades. Os servos ou vilões passaram a trabalhar como artesãos ou vendedores ambulantes, outros se tornaram mendigos, andarilhos e salteadores de estradas. Assim, o comércio foi ressurgindo em vários lugares e crescendo significativamente a partir do século XV. Nesse contexto, de transformação das instituições artesanais em manufaturas, tem início o que mais adiante tornar-se-á a indústria. Segundo Marx, o referido cenário pode ser descrito como:

[...] com a manufatura, as diversas nações entraram numa concorrência, empenhando-se em lutas comerciais por meio de guerras, direitos alfandegários, protecionistas e proibições, ao passo que antes, as nações, quando em contato mantinham entre si trocas inofensivas. O comércio a partir de então, tem significação política [...]. As expedições de aventureiros, a colonização e, sobretudo a extensão dos mercados até a formação de um mercado mundial – que se tornara possível e se ampliava cada dia mais – provocaram nova fase no desenvolvimento histórico. (MARX, 1989, p. 87-88).

No final da Idade Moderna, a Igreja não conseguia mais manter-se unida e tornava-se necessária uma nova moral que atendesse aos interesses econômicos da burguesia em ascensão. Os debates em torno das concepções de homem e de mundo passam de atitude meramente intelectual, como na Idade Média, para questionamentos que observavam a vida civil não como um dado, mas como uma experiência. A abertura dos portos, de acordo com Duverger (1969), fez com que novas sociedades fossem conhecidas por meio dos relatos e dos objetos exóticos trazidos pelos navegantes, despertando a curiosidade pelo concreto e pelo fato, o que passa a favorecer métodos experimentais. Segundo Duverger (1969), na ocasião, a estatística nasce na Itália como ciência descritiva do Estado, precedente à atual ciência política. Mesmo com várias transformações

na sociedade, a ciência possuía, naquele instante, tendência geral mais filosófica do que científica.

Durante o período cristão, a filosofia englobava todos os ramos do conhecimento puro, em contraste com o que chamavam “artes” ou “técnicas”. Uma primeira tendência à especialização levou gradualmente à separação de uma área de investigação que se ocupava dos fenômenos naturais, aqueles que não dizem respeito ao homem como ser intelectual, moral e político. Essa área, então, denominada filosofia natural, impulsionou-se a partir do século XVII, quando passou a ser cultivada sob novo enfoque metodológico. Foi justamente dessa nova filosofia natural que surgiu a ciência como hoje percebida.

No início do século XVII, o pensar científico passou a ser novo instrumento para entendimento do homem e seu universo. O homem e a natureza passaram a fazer parte de uma configuração cósmica (HEGEMBERG, 1973). Aceitou-se o ponto de vista de Copérnico, de que a Terra não passava de um grão no cosmos e o homem nada mais era que um ponto no espaço infinito; o trabalho da ciência, diante de tal cenário, foi mostrar que a cosmologia confirmava o poder da razão. Conforme Merton (1974), é com a ciência astronômica de Copérnico que a burguesia começa a minar o aparelho espiritual feudal controlado pela Igreja. Essa burguesia, ao conquistar o poder, abandona seus ideais de lutar pela classe oprimida e torna-se classe dominante, não pensa mais como classe dominada, e sim dominante. Pensadores como Descartes, Galileu e Leibniz fizeram ver que as verdades matemáticas comparavam-se às certezas divinas no grau de certeza que as envolvia. Assim, a razão matemática passa a ser a chave da compreensão da ordem cósmica e moral. Para Merton (1974), a consolidação da ciência foi marcada, no século XVII, pela estabilização das instituições e comunidades científicas. Nesse contexto, os cientistas, ainda segundo Merton, eram os profissionais das universidades ou simples amadores, mas com ligações geralmente fortes nos meios de comércio, na Inglaterra, ou da administração, na França. Devido ao surgimento das

referidas ligações e à maior maleabilidade política, conseguiram, aos poucos, agruparem-se em sociedades científicas e controlar as antigas universidades medievais. Suas discussões e preocupações giravam em torno da linguagem técnica, na tentativa de obter fundamentação lógica para o método científico e, segundo Gressler (2003), os principais pensadores foram três:

Na França René Descartes pautou sua defesa acerca do método dedutivo; na Inglaterra, o grande teorizador Francis Bacon, deu uma configuração doutrinária à indução experimental, procurando ensinar alguns métodos rudimentares de observação e apontamentos e na Itália, Galileu Galilei, preocupado em instituir um pensamento baseado na experimentação, resolveu pôr à prova alguns ensinamentos de Aristóteles. (GRESSLER, 2003, p. 28).

As mudanças no cenário histórico foram marcadas por um período de revoluções científicas, as quais foram amplamente difundidas por diversas áreas do conhecimento, a partir do século XVIII, na Europa. O impulso dado por Galileu na investigação do movimento dos corpos contribuiu para a construção teórica de Isaac Newton, criando, a partir de então, uma cultura mecanicista e materialista em contraposição às tradições teológicas, e, por conseguinte, dando-se a valorização dos conhecimentos produzidos, comprovados experimentalmente, e reduzindo-se a importância da reflexão teórica e especulativa no processo de construção do conhecimento. Em tal conflito de ideias e pensamentos, ocorre a transposição da subjetividade à objetividade, do pensamento ao experimento que, para se fazer ciência, para produzir conhecimento científico, passa a ser necessário. A meta passa a aperfeiçoar os meios e as experiências para descobrir os segredos da natureza. O pensamento e a construção de teorias são consequências da atividade experimental bem-sucedida, uma vez que a “verdade” científica dos fenômenos já está na natureza, não depende do pensamento do investigador, cabendo-lhe ter a capacidade técnica para descobri-la.

Com o desenvolvimento do pensamento científico, durante o século XVIII, segundo Duverger (1969), surge uma separação rigorosa entre a ciência e a filosofia. Conforme Marcellino (1988), a ciência substitui inteiramente a filosofia quanto à interpretação ou à explicação dos fenômenos da natureza, que se tornam sinônimos de ciências naturais. De acordo com o autor:

Estas se desprendem do tronco comum que era a filosofia, conseguindo delimitar seu campo de estudo com objetos específicos: a Física, no século XVII com Galileu, Química, no século XVII com Lavoisier, e a Biologia, no século XIX com Claude Bernard, Haeckel e outros. (MARCELLINO, 1988, p.20).

Os cientistas naturais, com o seu perfil positivista, passaram a ocupar as universidades. Até então, as ciências naturais não precisavam das universidades para institucionalizar-se e tornar-se autônomas, uma vez que conseguiam conquistar apoio social e político, antecedendo as expectativas por produzir resultados práticos de utilidade imediata. As universidades, no século XVIII, ainda eram poucas e estavam em decadência devido às ações praticadas pela Igreja. Elas eram criações da Idade Média e consistiam geralmente de quatro faculdades: a Faculdade Universal Inferior das Letras, na qual se estudavam textos filosóficos, e as três faculdades superiores de Teologia, Direito e Medicina, cada uma delas ligadas a uma profissão. Entretanto o Estado passa a investir nas universidades ao perceber que a ciência proporcionava, entre outras melhorias, o aprimoramento da produção industrial, com as aplicações científicas aos problemas da indústria, conseqüentemente, tornando-se campo fértil a seu favor. Além do Estado, segundo Gulbenkian (1996), foram os estudiosos de literatura, os historiadores e os classicistas que mais fizeram para revitalizar as universidades.

Com os cientistas naturais ocupando espaço nas universidades do século XVIII, iniciou-se uma tensão entre dois modos de conhecimento: de um lado, artes e letras, ou humanidades; e de outro, as ciências naturais. Estas últimas fundamentavam-se na observação e, tendo a objetividade e a neutralidade como

pressupostos básicos, sustentavam-se pelo “método experimental”. Assim, elas ganharam força e seguiram como modelo de cientificidade. As humanidades tentaram utilizar o método das ciências naturais, porém a rigidez aplicada a essas ciências não era passível de aplicação às artes e letras. Por isso, iniciam-se diversas discussões sobre a cientificidade das humanidades. Essas discussões têm como princípio a dificuldade de reconhecer as humanidades como ciência verdadeira.

Snow (1993), observando o fenômeno, chamou-o de duas culturas, afirmando que existiria um “abismo” entre os intelectuais e os cientistas, um grupo tinha do outro uma “imagem distorcida”. De acordo com Snow, os cientistas, apesar de diferentes, segundo o objetivo de sua pesquisa, têm valores, comportamentos, abordagens e suposições comuns. Entre os humanistas, a variação de atitudes seria maior, embora tenham também, em comum, sentimentos anticientíficos, bem como a desconsideração pelo valor da pesquisa do mundo natural e suas consequências. As afirmações de Snow são voltadas para um conflito de ideologias que marca o cenário das ciências.

De acordo com Popper (1955), a diferença entre ciência natural e social estaria na impossibilidade da adoção de um modelo pressuposto à racionalidade de todos os indivíduos envolvidos e à avaliação dos desvios de comportamento das pessoas a partir desse modelo. No entanto, segundo Meadows (1999), a linha divisória entre as humanidades e as ciências sociais está, a cada dia, mais tênue, e a diferenciação intelectual entre muitos de seus domínios não pode ser descrita.

Outra divisão das ciências, entre pesquisadores em geral, caracteriza-se como rígida (*hard*) e flexível (*soft*), a primeira significando conhecimento quantitativo e rigoroso, a segunda, como conhecimento flexível. Contudo Meadows (1999, p.60) assevera que “a pesquisa, em geral, não se enquadra totalmente num ou noutro caso”, todas as áreas apresentam aspectos *hard* e *soft*, conforme são tratadas. Para o autor, essa divisão é geralmente encontrada no

ambiente acadêmico, no qual as ciências naturais e a tecnologia estariam enquadradas como *hard*; as humanidades, como *soft*; e as ciências sociais estariam no meio.

A afirmação de que entre as ciências naturais e as humanidades ficaram as ciências que pretendiam estudar as realidades sociais, é consenso entre pesquisadores. Segundo Gulbenkian (1996), o saber contemporâneo se constituiu em três principais divisões: humanidades, ciências sociais e ciências naturais. No entanto, segundo Collins (2009), foi difícil criar uma ciência técnica e mais difícil ainda criar uma ciência social, pois a pressão da ortodoxia social foi tão grande que as heresias intelectuais demoraram a ser formuladas. Para Collins (2009, p.15), talvez, por essa razão outras ciências tenham vindo antes das ciências sociais.

Cada vez mais é seguida a ideia de se reivindicar para as ciências sociais um estatuto epistemológico e metodológico próprio, com base na especificidade do ser humano e sua distinção polar em relação à natureza (SANTOS, 1988). Seguindo esse pensamento, Santos (1988) afirma ainda que:

[...] as ciências sociais não dispõem de teorias explicativas que lhes permitam abstrair do real para depois buscar nele, de modo metodologicamente controlado, a prova adequada; as ciências sociais não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados; as ciências sociais não podem produzir previsões fiáveis porque os seres humanos modificam o seu comportamento em função do conhecimento que sobre ele se adquire; os fenômenos sociais são de natureza subjetiva e como tal não se deixam captar pela objetividade do comportamento; as ciências sociais não são objetivas porque o cientista social não pode libertar-se, no ato de observação, dos valores que informam a sua prática em geral e, portanto, também a sua prática de cientista. (SANTOS, 1988).

De acordo com o mesmo autor, as ciências sociais empreendem a ação humana, não podem ser descritas e muito menos explicadas com base nas suas características exteriores e objetiváveis, uma vez que o mesmo ato externo pode

corresponder a sentidos de ação muito diferentes. As ciências sociais serão sempre subjetivas, e não objetivas como as ciências naturais (SANTOS, 1988).

Corroborando tal afirmação, Ziman (1996) enfatiza que o ideal da ciência é atingir graus cada vez maiores de consenso. E, nessa busca, os cientistas frequentemente recorrem a uma linguagem formalizada, formalização esta que teria seu ápice na linguagem matemática, a qual, por sua natureza, é clara e universalmente válida. Essa é uma das principais objeções à sua utilização nas ciências sociais: os objetos, conteúdos e relações que elas focalizam dificilmente podem ser traduzidos em linguagem matemática. A exigência fundamental, segundo Ziman (1996), é a de que a mensagem seja significativa e que possa ser expressa de maneira suficientemente clara para que se consiga estabelecer um diálogo promissor com os demais pesquisadores da área. Entretanto o autor ressalta que as ciências sociais estão cheias de modelos pressupostos que jamais foram submetidos a uma validação crítica.

6.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O pensamento social começou 500 a.C., nas cidades-estados da Grécia antiga, onde, pela primeira vez, formou-se uma comunidade intelectual que não era subordinada ao governo ou à religião (COLLINS, 2009). As escolas intelectuais gregas surgiram com a literatura e conhecimento oriental em torno dos filósofos. Tais escolas eram também facções políticas dentro das cidades-estados e fonte de renda para professores que ensinavam a retórica. Para vender seus bens para o público, os intelectuais concorriam entre si. E essa competição promovia novas ideias. O resultado disso, segundo Collins (2009) foi o florescimento de um período de vigor intelectual, conhecido como Idade de Ouro, período no qual se encontram os primórdios da ciência social. Durante a Idade Média, de acordo com Collins (2009), as bases para as instituições intelectuais estavam sendo construídas. Depois disso, alguns nomes se

destacaram no campo das ciências sociais, tais como, em 1200, Tomás de Aquino, em 1500, Nicolau Maquiavel, e, em 1600, Thomas Hobbes, entre outros.

No entanto a massa crítica do pensamento social moderno foi alcançada somente a partir do século XVIII. Nesse período, criou-se uma comunidade intelectual secular sediada nos países da Europa. Os intelectuais desse período atuavam em diversas áreas, como Adam Smith, que escreveu sobre economia e filosofia; Voltaire e Kant, que colaboraram para ciência, política, literatura e história. De acordo com Collins (2009), essas disciplinas não existiam como tais, especialmente, porque não existiam comunidades separadas de cientistas que pudessem constituir padrões específicos. O autor afirma que:

Há duas coisas notáveis nos tipos de ideias que eram produzidas nesse contexto. Era a primeira vez em que os pensadores se esforçavam por oferecer explicações gerais sobre o mundo social. Eles podiam se abster, ao menos em princípios gerais que explicariam a vida social. Esses princípios não eram necessariamente sofisticados, mas eles marcaram o começo da ciência social, na medida em que formularam claramente o objetivo a ser alcançado por essa ciência. (COLLINS, 2009, p. 24).

Com o "Contrato Social" de Rousseau, publicado no século XVIII, conforme Duverger (1969, p.23), nasce então a ideia de que os fenômenos sociais possuem um caráter de regularidade e, portanto, estão sujeitos a leis naturais mais ou menos análogas às leis que governam o universo físico. Entretanto, nesse período, continua predominando o caráter filosófico da ciência social, pois as investigações ainda tratam mais sobre como devem ser as sociedades humanas do que como são.

A partir do século XIX, o poder potencial do mundo dos negócios da classe média aumentava e com menor interferência do governo. Os problemas que atingiam a vida das pessoas deixavam de ser determinados por leis da natureza como nos séculos anteriores. Então, surgiram novas maneiras de analisar os problemas de caráter social, pois era um momento de perda de

certezas e fragilidade da autoridade e poder do Estado, em que as ciências sociais ascendem e tornam-se centrais, pois a evidência da "inadequação dos modos tradicionais de abordagem dos fenômenos sociais se instala" (ELIAS, 2006, p. 177), criando "uma demanda por especialistas que pudessem desenvolver uma maneira de descrevê-los semelhante a que se tinha construído para os eventos naturais" (ELIAS, 2006, p. 177).

Na Europa ocidental, nesse século XIX, as ciências sociais são definidas como ciência e pretendem, segundo Gulbenkian (1996), buscar verdades além do legado ou dedução. Procuram desenvolver um conhecimento sistemático sem intervenções religiosas da realidade e passível de ser validado.

Nesse momento, de acordo com Duverger (1969), August Comte contribui para a delimitação da ciência social, até então não delimitada. Cunhou o termo sociologia, definiu os objetivos da ciência social e a afirmação do seu caráter positivista. Auguste Comte, com o intuito de estabelecer a ordem e o progresso social, encontrou na matemática as bases fundamentais para a formatação do método positivista (COSTA, 2005). De acordo com essa autora, Comte foi o primeiro a definir precisamente o objeto e a formar conceitos e uma metodologia de investigação da sociedade. Comte, na sua obra "Curso de Filosofia Positiva" (1842), elabora um ponto de vista de compreensão científica que leva o método positivo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, defendendo uma forma de unidade metodológica das ciências. E leva, ainda, a subordinação da humanidade a uma mesma lei fundamental de desenvolvimento contínuo, que representava a evolução contemporânea. O positivismo reconhecia que os princípios reguladores do mundo físico e do mundo social diferiam quanto à sua essência, pois, enquanto o primeiro dizia respeito a eventos exteriores ao homem, o segundo dizia respeito a questões humanas (COSTA, 2005).

Dessa forma, segundo Costa (2005), Comte pretendia padronizar ciências sociais no molde do paradigma das ciências naturais, ou seja, da sua "física

social”. Correspondente de Comte na Inglaterra, John Stuart Mill, defendia os ideais positivistas, uma ciência social exata. Mas foi Émile Durkheim, como afirma Moura ([200?], p. 3), “quem levou a cabo essa pretensão, fazendo com que o positivismo fosse a base filosófica, inclusive, do funcionalismo que gerou a sociedade americana tal qual a conhecemos hoje”. Conforme Costa (2005), Durkheim é apontado como um dos primeiros grandes teóricos das ciências sociais e definiu com clareza que o objeto da sociologia seria os fatos sociais. Durkheim considerava que a sociedade seria constituída pela consciência coletiva e estaria acima das consciências individuais. Portanto, o indivíduo social seria produto da sociedade (COSTA, 2005, p.72).

Segundo Duverger (1969), Karl Marx estabelece o caráter objetivo e o caráter relativo dos fenômenos sociais, que se tornam essencial para construir a sociologia como ciência. Para Karl Marx, o homem é tido como um ser concreto e histórico distanciando os conceituais abstratos. Esse ser é definido pelas relações que estabelece com o meio onde está inserido, dessa forma, os problemas de uma sociedade serão compreendidos quando se consideram todos os componentes que a estruturam e quais são os processos de interação do homem com estes componentes. Ou seja, para se entender a sociedade, faz-se necessário considerar a interdependência do meio e o indivíduo.

Um dos principais responsáveis pela adoção de um método próprio para as ciências sociais, ou ainda, ciências da cultura (do espírito), Max Weber, defendia que o objeto dessas ciências era as ações humanas (TOMAZZETE, 2008). Nessa concepção, ele não se preocupa apenas com a explicação do aspecto exterior do fenômeno analisado, mas sim com a compreensão de seu sentido, o significado das ações (TOMAZZETE, 2008). Para Weber o conhecimento científico é “objetivo”, atem-se aos fatos e não envolve avaliações. De acordo com Cohn (2006), em Max Weber, o conhecimento científico é objetivo nos resultados, mas não na gênese, pois o que move a

pesquisa são valores. O autor complementa afirmando que sem referência a valores não se pratica ciência.

No final do século XIX, as ciências sociais tiveram o reconhecimento formal das universidades, estabelecendo a configuração que conhecemos hoje. Antes disso, contudo, já existiam bibliografias que tratavam as questões centrais das ciências sociais (GULBENKIAN, 1996). Verificadas desde os anos 1500, de acordo com o mesmo relatório, tais questões referiam-se ao funcionamento das instituições políticas, às políticas macroeconômicas dos Estados, às regras entre as relações internacionais e à descrição dos sistemas sociais fora da Europa. Segundo Gulbenkian (1996), a institucionalização das ciências sociais no século XIX não ocorreu em todo o mundo ocidental. Para Gulbenkian ocorreu ainda, especialmente, nos países cujas universidades tiveram prestígio, como a Itália, a França, a Grã-Bretanha, a Alemanha e os Estados Unidos.

Em meados do século XX, afirma Tomazzete (2008), as ciências sociais são desafiadas a libertarem-se do naturalismo. Ainda segundo esse autor (2008, p.12), Max Weber se insere nesta ocasião e define as ciências sociais, como “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos”. De acordo com Brandão (2008), Max Weber seguia uma tendência adepta à distinção entre ciências naturais e ciências sociais, da qual os principais representantes foram Wilhelm Dilthey, Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert. Ainda segundo Brandão, Wilhelm Dilthey, enfatizava a diferença profunda entre o homem e Natureza e, portanto, entre ciências naturais – *Naturwissenschaften* – e as humanas, que seriam vistas por ele como ciências do Espírito ou da Cultura – *Geisteswissenschaften*.

No século XX, já não se fala de ciência social, mas de ciências sociais Duverger (1969). E, nesse período, não há uma teoria geral para as ciências sociais, fato que, juntamente com o isolamento das várias disciplinas universitárias e as formações diversas dos cientistas sociais, agravou a intenção

a separações entre elas, resultando nas várias disciplinas das ciências sociais de hoje. Entretanto, mesmo sendo várias as disciplinas, segundo Ranganathan (2009), o objeto de estudo das ciências sociais tem sido o próprio homem.

Para Dilthey, os fatos humanos, ao contrário dos acontecimentos naturais, são históricos, dotados de valor, de significado, de sentido e finalidade. (BRANDÃO, 2008). A posição de Dilthey era de rejeição do empréstimo do método das ciências naturais para as ciências do espírito, quer em pesquisas contemporâneas, quer em investigações históricas. Para Dilthey, a diferenciação entre as ciências naturais e ciências do espírito se expressava nas atitudes dos investigadores, no modo de encaminhar e realizar a pesquisa e de como traçar os seus objetivos de pesquisa. De acordo com Hanssen (1999), para Dilthey, a realidade de mundo exterior baseia-se numa experiência imediata de vontade. Da mesma forma imediata e irracional, apreende-se a existência dos semelhantes. Assim, a intuição desempenha, para Dilthey, um papel importante no campo histórico.

No final da década de 1960, a expansão descontrolada das universidades e a sobreposição de áreas científicas tornavam cada vez mais complicado diferenciar os domínios, provocando combates entre as áreas (GULBENKIAN, 1996). Segundo o relatório, em 1970, surgiram programas para desenvolver novos estudos interdisciplinares nas universidades. Mesmo assim, vários combates sociais ainda existem, não apenas nas ciências sociais. Porém essas se configuraram pelos efeitos desses combates, do mesmo modo que sua estrutura histórica foi construída (GULBENKIAN, 1996).

Segundo Duverger (1969), até os anos de 1960, perduraram nas ciências sociais um conflito inicial entre o ponto de vista moral e o metafísico, o científico e o objetivo. E existe ainda a confusão entre determinar as regras da sociedade, de como ela deve ser *versus* analisar a organização social de como ela é de fato. Essas características denotam a natureza confusa das ciências sociais que, conforme Duverger (1969), é uma área muito difícil de definir.

6.2 A DELIMITAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Wilhelm Windelband, filósofo alemão do final do século XIX, defende uma diferenciação de método nas ciências sociais. Foi Wilhelm Windelband quem criou a classificação nomotética e idiográfica para as ciências sociais. Essa distinção se tornou básica para os estudos da escola de Baden (escola do sudoeste alemão, menos formalista que as demais que buscam a razão-prática e as leis axiológicas). Para Windelband, de acordo com Wallerstein (2007, p.4), o estudo da realidade social: “[...] pode ser dividido entre as disciplinas *Nomotéticas* - que tomaram as ciências naturais como exemplo e se firmam na previsibilidade, no controle e no rigor da quantificação e, as *Idiográficas* - que não se preocupavam com esse rigor e sim com o registro verdadeiro do passado”. Paternoso (1999) também contribui para a discussão:

[...] o idiográfico trata do fato individual, como na história ou na cartografia; o nomotético ocupa-se de leis gerais, como na física ou na matemática. Aliás, para Windelband uma tal distinção não se aplica aos objetos, ou fatos cognoscíveis, mas aos ‘objetivos’: ‘no que diz respeito ao seu tratamento do ponto de vista do conhecimento, os fatos se comportam de modo totalmente neutro, de maneira que os mesmos objetos podem ser examinados tanto de um ponto de vista nomotético como idiográfico. Contudo, dependendo do procedimento escolhido, os fatos reconhecidos diferem radicalmente’. PATERNOSO (1999).

As disciplinas nomotéticas, de acordo com Wallerstein (2007), buscam normas gerais que possam reger o comportamento humano e preocupam-se com o método e a hipótese, seguindo o princípio de que toda ciência deve-se basear em argumentos de validade universal. O termo foi solidificado com os critérios positivistas de August Comte, na França do século XIX, que reconhece como ciência apenas o que se pode testar empiricamente (WALLERSTEIN, 2007).

Para Piaget (1973), as ciências nomotéticas procuram extrair leis, no sentido, por vezes, de relações quantitativas exprimíveis por funções

matemáticas e também no sentido de fatos gerais ou de relações ordinais, de análises estruturais que se traduzam por meio da linguagem corrente e formal. Na classificação de Piaget (1973), as ciências sociais são as nomotéticas, e existem, também, as ciências históricas ou idiográficas, as ciências jurídicas e, ainda, as disciplinas filosóficas.

Em oposição às ciências nomotéticas, estão as ciências idiográficas. Estas, de acordo com Wallerstein (2007), baseiam-se no individualismo metodológico, estudam o único ou o singular, elas realçam antes a riqueza do detalhe e a complexidade de explicação que uma narrativa oferece. De acordo com Bonavides:

O dualismo, nomotético/idiográfico, é puramente formal, entende com fins do conhecimento, que num caso procura a lei geral, noutra o acontecimento histórico, particular, nada tendo, pois, que ver com o conteúdo do conhecimento em si. O mesmo objeto pode sujeitar-se licitamente tanto à investigação nomotética como idiográfica, sendo, por consequência, relativo o contraste entre o que é sempre idêntico e o que é único e individual. (BONAVIDES, 1976, p.2).

Rikert, em sua obra “Kulturwissenschaft und Naturwissenschaft”, segundo Bonavides (1976), aponta equívocos que poderiam decorrer da terminologia nomotético e idiográfico, criada por Windelband. Uma vez que o primeiro termo se ocupa do geral e o segundo termo, do particular ou especial, seria melhor, na opinião do autor, referir-se a um método individualizador e outro generalizador, não se estabelecendo diferença absoluta, mas tão somente relativa. De acordo com Roberto Wu (2010), Rickert defende a tese de que não há saltos na natureza, e sim a continuidade do fluxo. Nesse fluxo, não há nenhum ente igual a outro, de modo que o *continuum* é heterogêneo. O modo de apreender o heterogêneo contínuo é pela operação racional da formação de conceitos, e esta apreensão não é o conhecimento do objeto em si, mas da reconstrução do objeto como conceito. Segundo Roberto Wu (2010), para Rickert, o processo de formação do conceito se desenvolve de acordo com o objetivo da pesquisa – buscar a similaridade, o universal, o que caracteriza as

ciências naturais, ou a dissimilaridade e o particular na história. A inversão das tarefas ocasionaria o colapso da atividade científica; a determinação específica de Rickert visava combater a divisão entre *Natur* e *Geist*, assim como rejeitar a proposta do positivismo de um método universal para ambos.

Faz-se necessário considerar que o processo metodológico do conhecimento nomotético evidencia o aspecto do acontecimento que geralmente não muda e possui características permanentes. Entretanto o processo metodológico do conhecimento idiográfico confirma o aspecto do evento que já ocorreu e que talvez não possa ocorrer novamente. A classificação de Windelband é metodológica, uma vez que os mesmos sujeitos podem ser objetos de investigação nomotética ou idiográfica. Assim, o nomotético e o idiográfico são, então, adjetivos que qualificam a natureza do conhecimento pretendido pelo pesquisador, e não do nível analítico possível ou qualidade do objeto. Para Windelband, o geral (uma estrutura de maior permanência) é uma propriedade do evento que tem relação com o que lhe é particular.

O estudo das realidades sociais se deu uma vez que o Estado moderno percebeu a necessidade de se basear em conhecimentos mais exatos para tomar suas decisões, pois as cidades começaram a ficar ingovernáveis. De acordo com Gulbenkian (1996, p. 22), essa necessidade do Estado conduziu ao “surgimento de novas categorias do conhecimento já no século XVIII”. Os pensadores europeus começaram a explorar múltiplos sistemas sociais que até então não eram reconhecidos. Gulbenkian (1996, p. 23) relata ainda que “a criação de disciplinas múltiplas teve por premissa a crença segundo a qual a investigação sistemática exigia uma concentração especializada nos múltiplos e distintos domínios da realidade”. Neste panorama, no final do século XVIII, a universidade constituiu-se como local preferencial para a geração do conhecimento nas múltiplas disciplinas.

Após 1945, essa estrutura clara começou a ruir por diversas razões. A ascensão de estudos de área levaram à incursão das disciplinas de

tendência ocidental nos estudos do restante do mundo e subjugou a função da Antropologia e dos estudos orientais a disciplinas especiais dessas áreas. A expansão mundial do sistema universitário levou a um aumento considerável do número de cientistas sociais. A conseqüente busca de nichos levou a muitos “furtos” através das fronteiras disciplinares e, de fato, a uma considerável liquidez dessas fronteiras. Posteriormente, nos anos 70, a demanda pela inclusão acadêmica de grupos anteriormente ignorados (mulheres, “minorias”, grupos sociais não abordados centralmente) acarretou a criação de novos programas de estudos interdisciplinares nas universidades. Tudo isso significava que o número de nomes de áreas de estudo legítimos havia começado a aumentar, e tudo indica que esse número continuará crescendo. (WALLERSTEIN, 2007, p. 5).

As mudanças sociais e novos problemas fizeram com que as ciências sociais ampliassem suas disciplinas, uma vez que as já existentes não atendiam mais à demanda da sociedade. Essas disciplinas das ciências sociais começaram a criar suas próprias comunidades científicas, que, por sua vez, foram atingindo cada vez mais um elevado nível de sofisticação. Atualmente, não há clareza na classificação das ciências sociais, e, sim, um processo de ofuscação, além da diminuição no consenso em torno das disciplinas tradicionais (GULBENKIAN, 1996). Para Wallerstein (2007), no século XXI, haverá questionamentos sobre a legitimidade da divisão entre as duas culturas e uma incerteza sobre as fronteiras das ciências sociais.

De acordo com Kerlinger (1980), o termo ciências sociais é usado, contudo o termo “ciências comportamentais” é mais abrangente. E aduz que as ciências comportamentais estudam e procuram entender o homem, as instituições humanas e as ações e comportamentos humanos. Segundo Kerlinger (1980), as disciplinas das ciências sociais são a sociologia, a psicologia, a antropologia, a economia e a ciência política.

As disciplinas classificadas como das ciências sociais, apresentadas por Kerlinger, coincidem, geralmente, com as classificações que alguns outros autores propõem, como Felix Kaufmann, em "Metodologia das ciências sociais", que divide as ciências sociais em sociologia, economia, jurisprudência, entre outras disciplinas. Segundo Kaufmann (1977), o surgimento de dúvidas a

respeito de leis e métodos anteriormente encarados como firmemente estabelecidos pelas ciências gerou uma insatisfação com os resultados da investigação social, uma vez que esses resultados são demasiadamente vagos para sustentar uma base sadia para a solução de questões práticas.

Sem discutir a problemática do método e leis nas ciências sociais, Lakatos e Marconi (1995) relatam a classificação das ciências desde Comte, que segundo as autoras, classificou as ciências em ordem crescente de complexidade em matemática, física química, biologia, sociologia e moral. Além dessa proposta de classificação das ciências, apresentam várias outras propostas por outros autores e propõem também uma classificação própria, que seria a divisão entre ciências formais e factuais; as factuais, por sua vez, se dividem em ciências naturais e sociais. As ciências sociais se subdividem em antropologia social, direito, economia, política, psicologia social e sociologia.

Na coletânea “As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil”, os autores: Helena Maria Bousquet Bomeny, Patrícia Birman e Antônio Luiz Paixão (1991), fazem uma tomada do estado da arte das ciências sociais no país e tratam como disciplinas desse domínio a economia, a sociologia, a antropologia e a ciência política. Nesse mesmo documento, Schwartzman (2000) afirma que a diferença entre as ciências naturais e as ciências sociais é a natureza do campo que as classes desenvolvem. Nelson Marcellino (1988) também afirma que as ciências humanas são: economia, sociologia, política e antropologia.

Ainda Schwartzman (2000), ao publicar, no "Ciência Hoje", o artigo “As ciências sociais brasileiras no século 20”, colocou, em um quadro, as “perspectivas dominantes de um grupo significativo e influente de cientistas sociais”. Nesse quadro, o autor explica que economistas, sociólogos, cientistas políticos e antropólogos são os cientistas sociais. Segue o quadro:

Quadro 2 - Principais autores brasileiros nas ciências sociais do século XX

	Total		Economistas		Sociólogos		C. políticos		Antropólogos	
	influência	mérito	influência	mérito	influência	mérito	influência	mérito	influência	mérito
Gilberto Freyre	44,9%	44,9%	28,6%	28,6%	50,0%	50,0%	46,2%	53,9%	66,7%	50,0%
Celso Furtado	42,9%	44,9%	92,9%	85,7%	0,0%	0,0%	53,9%	61,5%	0,0%	0,0%
Raymundo Faoro	34,7%	34,7%	28,6%	35,7%	20,0%	10,0%	38,5%	38,5%	50,0%	50,0%
Sérgio Buarque de Hollanda	34,7%	28,6%	35,7%	35,7%	20,0%	20,0%	53,9%	15,4%	33,3%	50,0%
Victor Nunes Leal	20,4%	24,5%	7,1%	0,0%	20,0%	20,0%	38,5%	46,2%	33,3%	50,0%
Florestan Fernandes	10,2%	20,4%	14,3%	14,3%	20,0%	20,0%	7,7%	23,1%	16,7%	33,3%
Caio Prado Júnior	18,4%	20,4%	28,6%	28,6%	10,0%	10,0%	23,1%	30,8%	0,0%	0,0%
Oliveira Viana	16,3%	16,3%	0,0%	0,0%	10,0%	10,0%	46,2%	23,1%	6,7%	33,3%
Euclides da Cunha	14,3%	14,3%	7,1%	7,1%	0,0%	0,0%	15,4%	15,4%	33,3%	33,3%

Fonte: enquête entre 49 cientistas sociais brasileiros. Cada qual indicou até cinco obras mais importantes e cinco mais influentes. Quando não foi feita a distinção, a obra foi considerada importante e influente.

Fonte: Shwartzman (2000).

Ampliando mais as disciplinas, Stuart Chase, em “Introdução as ciências sociais” (1956), infere que são ciências sociais a antropologia social, a psicologia social, a sociologia, a economia e a ciência política. Seda Nunes (1973) traz a divisão entre as disciplinas nomotéticas e idiográficas e define como disciplinas das ciências sociais a geografia humana, demografia, economia, ciência política, sociologia, psicologia social, linguística social, etnologia social e antropologia.

De acordo com Haart (1983), seu estudo verificou que há uma unanimidade entre os cientistas em afirmar que a sociologia e a economia são ciências sociais e poucos afirmam que o direito pertence a essa área. A ciência política e a educação têm grande aceitação como ciências sociais, já a história não apresenta uma unanimidade. Essa mesma pesquisa evidencia as chamadas “subdisciplinas” que tratam assuntos interdisciplinares, como a criminologia,

educação, finanças, administração, entre outras, que se desenvolveram a partir de disciplinas principais como economia, sociologia e psicologia.

As disciplinas das ciências sociais também foram definidas por Jean Viet, no livro publicado em 1973, “Métodos estruturalistas nas ciências sociais”. Nesse trabalho, o autor afirma que o método estruturalista é um esforço de fundamentação das disciplinas por um procedimento científico. E, para Jean Viet, são disciplinas das ciências sociais a psicologia social, a antropologia social, a sociologia, a ciência econômica e a ciência política.

Randall Collins (2009), em as "Quatro tradições sociológicas", considera o pensamento sociológico desde sua origem e, no decorrer de sua obra, afirma que as ciências sociais são, entre outras disciplinas, a economia, a sociologia, a antropologia, a ciência política, a psicologia e a história. Já para Piaget (1973) as disciplinas das ciências sociais são a sociologia, a psicologia, a etnologia, a economia, a demografia e outras disciplinas.

Para Max Weber, em “Ciência e política: duas vocações”, as ciências sociais são chamadas de filosofia da cultura, tem por objeto a interpretação dos diversos tipos de conhecimentos precedentes e são elas a sociologia, a economia, a história, a ciência política e outras.

De acordo com esses autores, há consenso total apenas na indicação de duas disciplinas: sociologia e economia, e parcial para as disciplinas ciência política e antropologia. Psicologia, história e educação foram mencionadas apenas por alguns autores. No quadro a seguir, resume-se quais autores citam quais áreas como disciplinas das ciências sociais:

Quadro 3 - Disciplinas citadas como ciências sociais

Autores	Disciplinas							
	Sociologia	Economia	Ciência Política	Antropologia	Psicologia	História	Educação	Outras
Relatório Gulbenkian (1996)	0	x	x	x		x		
Wallerstein (2007)	x	x	x	x		x		
Schwartzman (2005)	x	x	x	x			x	
Piaget (1973)	x	x			x			x
Marcellino (2012)	x	x	x	x				
Kerlinger (1980)	x	x	x	x	x			
Weber (2011)	x	x	x			x		x
Kaufmann (1977)	x	x						
Bomeny, Birman e Paixão (1991)	x	x	x	x				
Chase (1956)	x	x	x	x	x			
Nunes (1973)	x	x	x		x			x
Collins (2009)	x	x	x	x	x	x		x
Haart (1983)	x	x	x		x	x	x	
Jean Viet (1973)	x	x	x	x	x			
Marconi; Lakatos (2003)	x	x	x	x	x			x

Fonte: autor.

Como pode ser visto, entre os diversos autores citados, autores clássicos sobre as ciências sociais, livros texto e de referência, há consenso total que a sociologia e a economia são disciplinas das ciências sociais e um consenso parcial para as disciplinas ciência política e antropologia. Outras disciplinas foram mencionadas por poucos autores. Diante do exposto, a seguir, o presente estudo terá como centro de sua análise as quatro disciplinas mais citadas.

6.2.1 Economia

Na antiga Grécia, a economia se utilizava de comprovações empíricas que a colocavam entre as principais áreas do conhecimento humano (ROCHA, 2004). O primeiro a utilizar o termo “economia”, de *oikos*, casa, e *nomos*, lei, foi

o filósofo Xenofonte, no período 431 a 355 a.C., com o sentido de gestão de bens privados. A "Crematística" (de *chrema*, posse riqueza), de Aristóteles, recomendava que o valor dos bens fosse atribuído com base em sua utilização, uma concepção ética. Na Idade Média, entre os séculos XI e XIV, a Igreja, tentando "moralizar" o interesse pessoal, reconheceu a dignidade do trabalho, condenou as taxas de juros, incentivou a busca pelo "justo preço", a moderação dos agentes econômicos e o equilíbrio dos atos econômicos. A partir da metade do século XV, o mercantilismo imprimiu ao pensamento econômico preceitos de administração pública que os governantes deveriam usar para aumentar a riqueza da nação (ROCHA, 2004, p.1).

Até meados do século XVIII, de acordo com Gulbenkian (1996), a disciplina recebia a designação de economia política, e os estudos eram voltados para os relatos históricos, mas, a partir de então, a disciplina economia surge, voltada para o presente, com as questões centrais das ciências sociais. A economia, com esse nome, aparece nas faculdades de Direito ou Filosofia no século XIX. Oriunda da economia política, desiste de seu componente político, adotando o princípio do *laissez-faire* (GULBENKIAN, 1996). A nova economia se desenvolveu baseada em pressupostos nomotéticos universalizantes, voltada para o presente, relegando a segundo plano a história econômica (GULBENKIAN, 1996). Nesse mesmo período, a economia recebe o *status* de uma ciência social que estuda a produção, a distribuição e o consumo de bens e de serviços destinados a atender as necessidades de pessoas, individualmente ou em grupos (WHITE, 1973).

A trilogia clássica para o conceito de economia era formação, distribuição e consumo das riquezas (ROSSETTI, 1987). Conforme esse mesmo autor, tal trilogia foi substituída pela dicotomia escassez de recursos e necessidades ilimitadas. E, ainda, o objeto da economia evoluiu historicamente, desde as primeiras escolas econômicas do século XVIII até os dias atuais.

A economia é uma ciência nomotética – seu objeto de estudo é bem definido. De acordo com Ziman (1968) a economia é uma matéria bastante tecnológica e, em meio a material quantitativo com que trabalham os economistas, surgem princípios aceitos universalmente, que são ensinados aos alunos, ainda que possam existir controvérsias.

Conforme Rossetti (1987), o laboratório da economia é a própria sociedade humana, cujo comportamento não pode ser inteiramente condicionado ou controlado, pois não é possível isolar a matriz sociocultural na qual se insere a humanidade, uma vez que os fatores inerentes a seu comportamento são complexos e mutáveis.

Adam Smith, economista e filósofo escocês do século XVIII, autor de "Wealth of Nations", afirma que o objeto da economia é empreender pesquisas sobre a natureza e as origens da riqueza das nações (ROSSETTI, 1987). Segundo Gastaldi (2001), Adam Smith é considerado o fundador da economia como ciência autônoma e com leis próprias. O livro identificava o trabalho, a terra e o capital como os três fatores de produção e maiores contribuidores para a riqueza de uma nação.

Para Adam Smith, um sistema econômico ideal seria um de mercado autorregulador, que automaticamente satisfaria as necessidades econômicas da população. Ele descreveu o mecanismo de mercado como uma "mão invisível" que leva todos os indivíduos, na busca de seus próprios interesses, a produzir o maior benefício para a sociedade como um todo. A abordagem geral que Adam Smith ajudou a formular foi chamada de economia política e, mais tarde, de economia clássica (GASTALDI, 2001).

De acordo com Rossetti (1987), depois da economia clássica, surge a economia marxista, mais tarde, chamada marxiana, que se originou da obra de Karl Marx, "O Capital". Ainda segundo Rossetti (1987), o primeiro volume da obra foi publicado em alemão em 1867. Nela, Marx foca na teoria do valor-trabalho e o que ele considera a exploração do trabalho pelo capital. A teoria se

transformou em um método para medir a exploração do trabalho no sistema capitalista (ROSSETTI, 1987). Marx propôs conceitos que se tornaram conhecidos: mais-valia, capital variável, capital constante, bens, entre outros.

A economia keynesiana, segundo Rocha (2004), deriva de John Maynard Keynes, com a publicação de seu livro "A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda", de 1926, o que deu início à macroeconomia como um campo de estudo distinto. Conforme Rocha (2004), Keynes apresenta determinantes da renda nacional no curto prazo, cujos preços são relativamente inflexíveis. A teoria tentou explicar ainda por que o alto desemprego poderia não ser autocorrigido devido à baixa "demanda efetiva" e por que mesmo a flexibilidade dos preços e a política monetária podem não ser suficientes para corrigir a situação (ROCHA, 2004).

No longo período desde os filósofos gregos até a modernidade, o pensamento econômico passou por ideias e sistemas conflitantes. Porém, apesar desses conflitos, os pensadores econômicos sempre tiveram vários pontos em comum (ROSETTI, 1987). Sua preocupação básica sempre foi a pesquisa de melhor solução para os problemas econômicos de cada época.

6.2.2 A Sociologia

Oriunda do latim *socius*, que significa associado, companheiro, sócio e, do grego *logos*, que se refere à ciência; sociologia é uma ciência moderna que busca estudar o homem na sociedade. A palavra sociologia foi criada por Augusto Comte, no século XIX, para estudar a sociedade pós-revolução industrial. Originalmente, foi denominada física social pelo mesmo autor, e caracterizava-se pelo "positivismo" e pela adoção do método das ciências naturais. Em razão da resistência dos cientistas naturais em aceitar o estudo da sociedade como ciência, de acordo com Chinoy (1975), a sociologia passou a incorporar os currículos das grandes universidades no mundo somente no século

XX. "Ao migrar para as universidades, os sociólogos abandonaram a militância ativa, orientando seus estudos para o presente, conferindo à sociologia um caráter nomotético." (GULBENKIAN, 1996 p. 37).

De acordo com Martins (1994), a sociologia é uma resposta intelectual às situações ocorridas devido à Revolução Industrial. Conforme o mesmo autor, os principais temas discutidos na sociologia, como a classe trabalhadora, cidade industrial, tecnologias, entre outros temas, são retirados das situações provocadas pela Revolução Industrial. Até então, os acontecimentos nas sociedades não eram tão instáveis a ponto de necessitar de estudos, não eram “problemas” a serem investigados. Assim, a sociologia surge em consequência das novas condições de existência criadas pela Revolução Industrial e também pelas modificações que estavam ocorrendo na forma de pensar: as explicações sobrenaturais já não são aceitas, sendo substituídas por observações empíricas (MARTINS, 1994).

De acordo com Bottomore (1962), a sociologia teve origem na filosofia política e na filosofia da história, nas teorias biológicas da evolução e nos movimentos para reforma social e política. Ainda segundo Bottomore (1962), foi Durkheim quem explicou que a sociologia geral só pode ser a síntese das ciências especiais, como só pode consistir na comparação de seus resultados mais gerais, só é possível na medida em que essas ciências se desenvolvam. Conforme coloca Bottomore (1962), para Durkheim, os sociólogos precisam saber as informações das ciências sociais específicas, pois é aí que se encontram os materiais de que a sociologia deve ser construída. Em diversos países, a sociologia foi rejeitada, a princípio, em razão do seu caráter enciclopédico.

Assim, em vários lugares, buscou-se delimitar seu campo, por influência, em parte, de Simmel, como coloca Waiter (2009). Uma vez que Simmel tratara da necessidade de conceitos metodológicos para descrever o mundo social, observa que tais conceitos, assim como a adoção de pontos de vista independentes, no que se diz respeito aos valores, requerem uma teoria da

constituição da sociedade. Para Simmel, segundo Waiter (2009, p.80), “a compreensão sociológica não é pura e simplesmente um método de uma disciplina, ela já é ativa nas relações entre indivíduos, e remete à socialização e às ligações sociais que os indivíduos mantêm”. Diferente de Simmel, os trabalhos de Max Weber e Durkheim procuravam promover a interação sociológica das disciplinas, ou seja, da sociologia com outras disciplinas.

Nos dias atuais, a sociologia, assim como a antropologia social, ocupa-se da vida social como um todo, da estrutura social. De acordo com Bottomore (1962), a sociologia se ocupa em apresentar o elo entre as instituições particulares e a estrutura social como um todo e persiste na importância do estudo comparado.

6.2.3 A Antropologia

A palavra antropologia vem do grego *anthropos*, homem, e *logos*, *logia*, estudo, e, etimologicamente, significa estudo do homem (MARCONI; PRESOTTO, 2006). Alguns relatos afirmam que a antropologia remonta à Grécia antiga. Os gregos teriam sido os primeiros a reunir informações sobre diversos povos e culturas. Entretanto somente no século XVIII é que a antropologia passa a ser considerada uma ciência.

A antropologia teve origem nas viagens exploratórias de viajantes e colonizadores e, assim como a sociologia, institucionalizou-se no século XIX como disciplina universitária. Distinguiu-se por estudar povos isolados e primitivos, sem sistema de escrita, com pouca tecnologia, e cuja religião era também restrita a cada grupo. Esses povos eram geralmente colônias dos países de origem dos pesquisadores. “A antropologia também se distinguiu das ciências sociais nomotéticas por desenvolver a etnografia e a observação participante como método, uma epistemologia idiográfica” (GULBENKIAN, 1996, p. 39-41).

O desenvolvimento da antropologia se deu, inicialmente, com as descobertas das sociedades tribais na América, na África e no Pacífico (COLLINS, 2009, p.37). Inicialmente, foi uma disciplina que englobava características biológicas, históricas e socioculturais (FGV, 1990). Era uma ciência que afirmava em suas pesquisas e teorias explicações irreduzíveis para os fenômenos de diferenciação entre os homens e a sociedade, tudo se reduzia a problemas geográficos e de raças. O cunho racista inicial da antropologia produziu interpretações que permeavam desde o comportamento criminoso ao desviado. Os paradigmas implantados pela antropologia geral permanecem até os dias atuais e são de difícil superação.

No final do século XIX, a referida antropologia geral começa a dividir-se em duas grandes disciplinas, uma voltada para os aspectos biológicos e outra para os fenômenos sociais. De acordo com Barrio (2005, p.20), a antropologia física (ou biológica) pode ser definida como o estudo do homem enquanto organismo vivo, atendendo, além disso, à sua evolução biológica dentro das espécies animais. De acordo com o autor, a antropologia física tem trabalhos próximos da arqueologia, recolhimento de fósseis, antropometria e, ultimamente, análises mais sofisticadas relativas às características serológicas, genéticas ou fisiológicas e sua relação com o ambiente (BARRIO, 2005, p.20). E, ainda, segundo Barrio (2005), a antropologia cultural pode ser definida como a descrição dos comportamentos aprendidos que caracterizam os diferentes grupos humanos. A área, de acordo o autor, ocupa-se das obras materiais e sociais que o homem criou através de sua história e que lhe deixaram fazer frente a seu meio ambiente e relacionar-se com seus congêneres (BARRIO, 2005, p.21).

A antropologia cultural se subdivide em a arqueologia, quando estuda os vestígios materiais de culturas que não contaram com testemunhos escritos. A linguística antropológica (ou etnolingüística), que se ocupa de todas as línguas passadas e presentes. O resto da antropologia cultural, precisamente sua parte mais substancial e genuína, está compreendido sob o rótulo de etnologia geral (estudo dos povos) e,

segundo o enfoque que siga, será denominada de *etnografia* (se descrever as formas de vida de determinados grupos sociais); *etnologia* (se enfatiza a comparação de culturas, a reconstrução da história das culturas ou o tema da mudança cultural) ou *antropologia social* (que também compara as culturas, mas de modo a estabelecer generalizações acerca da ligação sociedades humanas-grupos sociais). (BARRIO, 2005, p.21).

De acordo com Beattie (1971, p. 33), a antropologia social não está preocupada com as experiências mentais dos indivíduos, mas com as relações entre as pessoas, como são institucionalizadas em sociedades particulares, e com as crenças e valores que partilham em razão da cultura em comum. Para Beattie (1971), a diferença entre a sociologia e a antropologia social é que a primeira se preocupa com a investigação e compreensão das relações sociais; e a segunda, além de dividir a preocupação dos sociólogos, centra seus estudos em valores e crenças das pessoas, mesmo quando não tenham relação direta com o comportamento social. A antropologia social se difere da sociologia uma vez que seu ponto de vista é mais geral, sua metodologia não é o questionário direto, e seu objetivo são as normas e os códigos de conduta e simbólicos denominados de cultura (BARRIO, 2005, p.24).

6.2.4 A Ciência Política

A política tem origem no grego antigo *politeia*, que faz referência aos procedimentos destinados às *polýs*. De acordo com Bobbio (1984), política deriva do grego *politikós* (de polis-), que refere-se à cidade, civil, ao público, sociável e social. O termo foi divulgado por Aristóteles em sua obra “A política”, que, segundo Bobbio (1984), foi o primeiro tratado sobre a natureza, as funções, a distribuição dos encargos estatais e sobre as formas de governo, em especial, sobre a arte de governar.

A ciência política, assim como a economia, teve origem na economia política, mas distinguia-se da economia segundo o argumento que o Estado e o

mercado funcionam segundo lógicas distintas. Dedicou-se ao estudo do Estado contemporâneo e ao seu componente político, conteúdos potencialmente nomotéticos, porém demorou a firmar-se como disciplina autônoma porque era dominada pelas Faculdades de Direito, disciplina não nomotética (DUVERGER 1962; BOBBIO, 1984; GULBENKIAN, 1996).

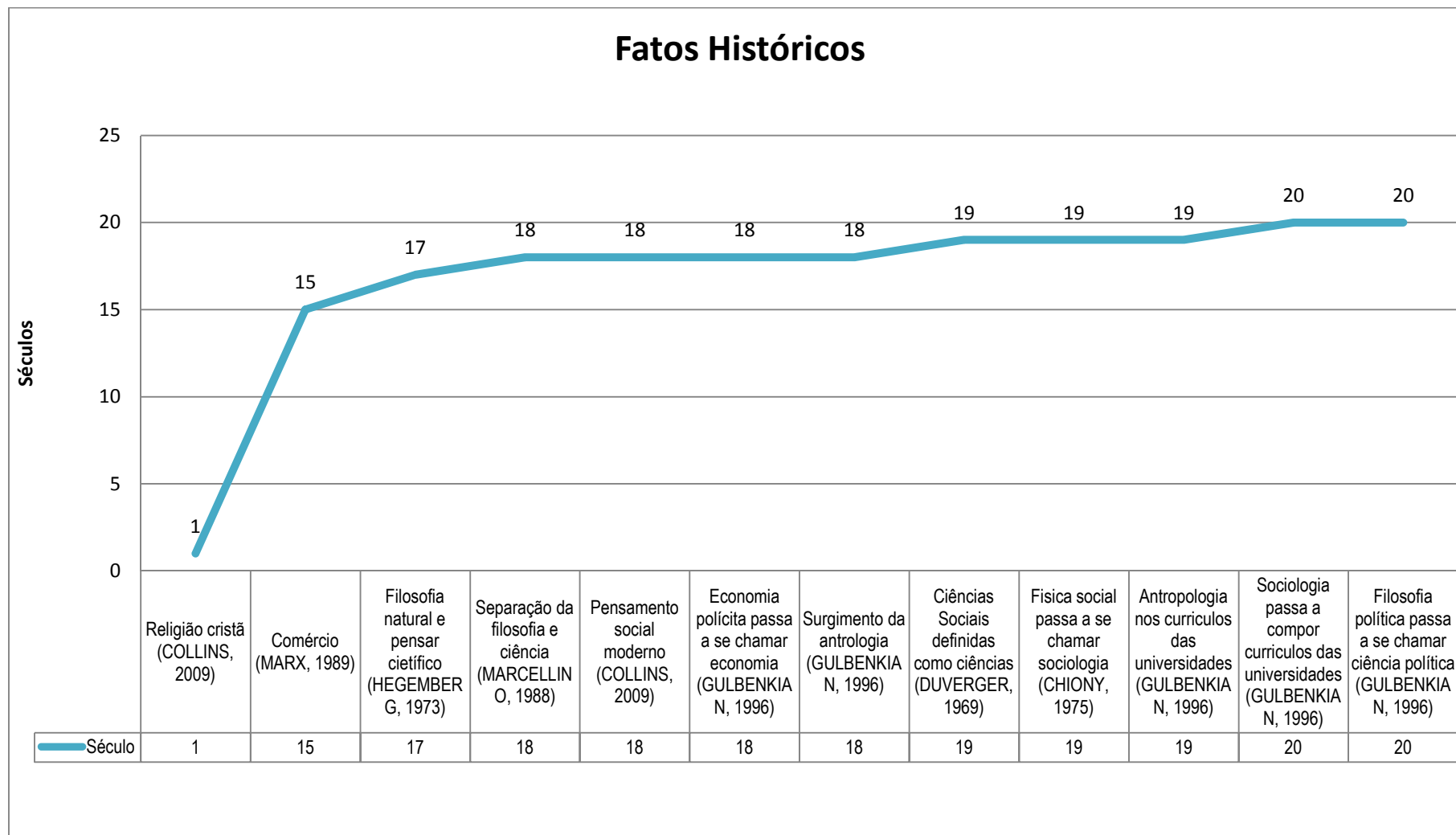
No decorrer dos tempos, o termo sofreu mudanças de significado, entretanto, segundo Bobbio (1984), sempre prevaleceu o sentido de coisas ligadas ao Estado. Na modernidade, o termo é empregado para indicar as atividades do Estado. Bobbio (1984), Duverger (1962), Parsons (1963) e Azambuja (2008) asseveram que o conceito de política está ligado com o de poder; e o conceito de poder foi definido como “algo que se baseia nos meios para obter uma vantagem” (Hobbes), “o conjunto de meios que permite obter efeitos desejados” (Russel) e. para Duverger (1962). “o conceito de poder é equivalente ao fenômeno chamado autoridade”.

Em “Reflexões sobre o conceito de política”, Philippe Schmitter afirma que a ciência política contemporânea tem a vontade de ser ciência. Porém, segundo Shmitter (1984), nenhuma ciência se define pelo simples desejo de ser científica. Para esse autor, a ciência política não possui uma consciência clara da delimitação da disciplina, assim, suas descobertas têm pouca pertinência. Confirma com tal declaração Azambuja (2008), ao enunciar que, mesmo entre especialistas, não há consenso quanto ao objeto, à finalidade e ao conteúdo da ciência política. Duverger (1962) coloca que a ciência política é uma ciência jovem, ainda na infância, pois seu domínio ainda não foi inteiramente explorado. Entretanto, segundo Duverger (1962), todas as definições de ciência política giram em torno de “poder”. Para esse autor, poder designa, ao mesmo tempo, o grupo governante e a função que ele exerce. A ciência política aparece, assim, como a ciência dos governantes, dos chefes: estuda sua origem, suas prerrogativas, extensão e os fundamentos da obediência (DUVERGER, 1962, p.11).

Para Duverger (1962), a ciência política surge com a origem da humanidade. E durante todo esse período, ela pode ser dividida em duas fases, a primeira, até o século XIX, quando ainda não há uma ciência política propriamente dita, e a segunda, a partir do século XIX, em que a ciência política se afirma. Platão e Aristóteles são considerados pais da ciência política, todavia Maquiavel, no século XVI, foi quem iniciou a teorização da política, sendo seguido no decorrer de séculos por outros teóricos como Hobbes e Marx (NOGUEIRA FILHO, 2006, p.62). Duverger (1962) cita que a ciência política, entre 1900 e 1945, foi exclusivamente uma ciência americana e somente após a Segunda Guerra Mundial se tornou uma ciência internacional.

Atualmente, a ciência política mantém uma linha divisória tênue com outras disciplinas, como o direito constitucional, a economia, a história, a psicologia e a sociologia. Para Azambuja (2008), as ciências sociais são auxiliares da ciência política uma vez que contribuem entre si. Para Bonavides (2009), a sociologia representa uma limitação ao desenvolvimento da ciência política, pois é objeto da sociologia política a força que o fator político faz sobre a sociedade e vice-versa. Dependendo do ponto de vista que se colocar essas duas ciências, a sociologia política pode absorver a ciência política. No entanto, geralmente, a sociologia política está no interior da ciência política, e não ao contrário. A seguir, Fig. 1, o resumo dos fatos históricos descritos.

Figura 1 – Acontecimentos históricos por século



Fonte: Elaboração própria a partir dos documentos estudados.

6.3 AS DISCIPLINAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL

Até a chegada da família real ao Brasil, em meados de 1808, os brasileiros faziam seus estudos superiores na Europa (LUCKESI, 1992, p.34,). Com a vinda de D. João VI para a Colônia, instituíram-se os cursos e as academias no Rio de Janeiro. De acordo com Luckesi (1992), a Faculdade de Medicina da Bahia (em 1808) é resultante da evolução de cursos de anatomia, cirurgia e medicina e; as Faculdades de Direito de São Paulo e Recife (em 1854) resultam dos cursos jurídicos. Em 1874, separam-se os cursos civis dos militares, com a constituição da Escola Militar e Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Logo depois, em Ouro Preto, Minas Gerais, é inaugurada a Escola de Engenharia. Por volta de 1900, estava consolidado, no Brasil, o ensino superior em forma de faculdade ou escola superior. O pensamento social e político brasileiro se desenvolveu especialmente a partir do direito, que influenciava a formação das elites políticas, jurídicas e intelectuais desde o Brasil Colônia.

De acordo com Evangelista (2001), a primeira instituição fundada e regida de acordo com as regras do Estado foi a Universidade de São Paulo. Criada em 1934, a Universidade de São Paulo promoveu uma inovação na concepção estrutural e funcional das faculdades preexistentes e passou a ser um divisor de águas (PELETTI; PELETTI, 1990). A criação da Universidade de São Paulo, assim como as demais universidades do país, deu-se a partir da incorporação de um conjunto de escolas profissionalizantes preexistentes (EVANGELISTA, 2001).

No período entre 1930 e 1940, houve esforços para a construção de uma “ciência social”, por meio de padrões considerados científicos e pesquisa de campo, com o objetivo de compreender cientificamente os problemas brasileiros. A tentativa de se pensar o país aconteceu num período conturbado cujo foco era o desenvolvimento de um projeto político para a nação. Tal processo iniciou com a formação da Escola Livre de Sociologia e Política, da

Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro (MARQUES, 2001).

Até o início desse referido processo, nos anos de 1930, os estudos sociais eram de caráter histórico, somente a partir desse momento que surgiu a preocupação com o caráter científico da área. A então chamada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo foi a primeira escola de ciências sociais no Brasil, criada no ano de 1934. E a faculdade se tornou organismo de articulação e reflexão após vinte e cinco anos de existência, com a reforma universitária de 1960 e 1970. Para Miceli (1982), o elemento de diferenciação decisivo para os rumos do processo de institucionalização das ciências sociais brasileiras variou conforme a margem de distância institucional em relação às escolas superiores tradicionais, conforme o grau de autonomia em face de seus mentores políticos, partidários e/ou confessionais e conforme o espaço social de recrutamento dos quadros profissionais para as novas disciplinas.

Em estados mais afastados dos centros da vida intelectual no país, como Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, o suprimento de praticantes das ciências sociais ocorreu por meio das escolas superiores tradicionais, ou então, por intermédio do trabalho de divulgação exercido por autodidatas. Em Minas Gerais, por exemplo, o ensino das ciências sociais se implantou primeiro nos colégios universitários conhecidos como "cursos pré", anexos às faculdades superiores, ou então, no ensino secundário, em ambos os casos, por meio de docentes improvisados. Em 1941, o primeiro curso universitário de ciências sociais foi organizado na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais, contando com apenas quatro alunos na primeira turma, tendo encerrado suas atividades no ano seguinte por falta de candidatos. O curso de ciências sociais da Faculdade de Filosofia reiniciou suas atividades em 1947 e, já em 1953, a Faculdade de Ciências Econômicas abriu os cursos de Sociologia

Política e de Administração Pública, buscando, mediante essa articulação curricular, abrir outros caminhos de profissionalização (MICELI, 1989).

De acordo com Edson Marcellino, em “Introdução às ciências sociais” (1988), as ciências sociais no Brasil passaram, entre os anos de 1950 e 1970, por um processo de ensino voltado à pesquisa empírica sem se preocupar com a fundamentação teórica do assunto estudado. Segundo o mesmo autor, a partir dos anos de 1970, desenvolveu-se uma tendência contrária que priorizava modelos distantes da realidade social. Assim, de acordo com Marcellino (1998), tanto uma como a outra abordagem metodológica não ofereciam condições para se estabelecer relações entre teoria e prática. No entanto passou mais de quinze anos da publicação da referida publicação, o que não permite afirmar que o fato ocorre nos dias atuais.

Os programas de pós-graduação e os pesquisadores em antropologia no Brasil são representados pela Associação Brasileira de Antropologia, ABA, segundo a qual (ABA, 2014) é a mais antiga das associações científicas existentes no país na área das ciências sociais. Desde a sua fundação, há mais de 55 anos, a antropologia brasileira vem crescendo. O principal evento da área no Brasil é a Reunião Brasileira de Antropologia, promovida pela ABA.

A pós-graduação em antropologia no Brasil vem crescendo significativamente e contava, no triênio 2010-2012, com 26 programas de pós-graduação, oferecendo cursos de mestrado e doutorado, distribuídos por todas as regiões do país. Segundo a Capes (2013), devido à política científica brasileira, além da demanda por pesquisa na área, existem ainda as políticas voltadas para as comunidades indígenas que representam mercado de trabalho em crescimento para os antropólogos. Todos esses aspectos propiciam o aumento da demanda por qualificação em curso de pós-graduação.

Conforme a Capes (2013), para que os programas de antropologia tenham maior nota nas avaliações se faz necessário, especialmente, a internacionalização da disciplina, com a publicação em veículos internacionais da ciência,

intercâmbio com instituições estrangeiras, entre outros mecanismos. A produção científica de valor para a disciplina de antropologia no Brasil, de acordo com a Capes (2013), é composta pelos livros e capítulos qualificados e artigos de periódicos com estratos A1, A2 e B1 do Qualis da Capes.

Semelhante a Antropologia, os estudos em sociologia, no Brasil, iniciaram-se na década de 1930. De acordo com a Sociedade Brasileira de Sociologia, SBS (2014), essa sociedade foi fundada em 1937, primeiramente como uma sociedade estadual, Sociedade Paulista de Sociologia, e rebatizada e transformada em sociedade científica em 1950, como Sociedade Brasileira de Sociologia. Desde 1987, mantém a regularidade bienal do Congresso Brasileiro de Sociologia, principal evento da disciplina no Brasil. A pós-graduação em sociologia e ciências sociais no país contava, no triênio 2010-2012, com 53 programas entre mestrados e doutorados (sendo 25 especificamente de sociologia), distribuídos por todas as regiões do país. A disciplina considera como produção científica de excelência, segundo a Capes (2014), livros e capítulos de livros L4 e periódicos com estrato Qualis A1, A2 e B1.

Já a economia iniciou mais tarde. Conforme a Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia - Anpec (2014), essa associação se constituiu em 1973. Congrega as instituições brasileiras que desenvolvem atividades de pesquisa e formação em nível de pós-graduação na disciplina de economia. A ANPEC promove anualmente o Encontro Nacional de Economia com o objetivo de estimular o intercâmbio entre economistas e profissionais de disciplinas afins. O encontro consiste no mais importante evento científico nacional na sua disciplina. A economia contava, no triênio 2010-2012, segundo a Capes (2013), com 56 programas de pós-graduação entre mestrados e doutorados, distribuídos em todo país, especialmente na região Sudeste. A disciplina considera para avaliação positiva da produção científica especialmente artigos de periódicos com estratos Qualis A1 e A2.

A mais recente das quatro disciplinas no Brasil é a ciência política. A ciência política no Brasil começou nos anos de 1960 no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belo Horizonte e Rio Grande do Sul com os programas iniciais (FORJAZ, 1997). De acordo com a autora, o relativo atraso da institucionalização e profissionalização da ciência política não é fenômeno apenas brasileiro (FORJAZ, 1997). A construção da ciência política no Brasil está ligada à extensão norte-americana, que alimentou e constituiu a maioria dessa geração, como esclarece Forjaz (1997). No entanto institucionalizou-se somente nos anos de 1970, com os primeiros programas de pós-graduação. E a maior expansão aconteceu nos anos de 1980, com a interiorização dos programas de pós-graduação. Durante muito tempo, a política foi tratada no Brasil, assim como nos Estados Unidos, como uma parte da sociologia. Assim, não foi simples garantir a autonomia da ciência política em meio a fortes correntes de cientistas sociais que buscavam encarar a política como uma seção da sociologia ou da economia, conforme coloca Forjaz (1997).

A Associação Brasileira de Ciência Política, ABCP, é a entidade que representa os programas de pós-graduação em ciência política no Brasil. Foi fundada em 1986. Desde essa data, conforme a ABCP (2014), realiza seus encontros nacionais de forma bienal, que são os principais eventos da disciplina no Brasil. A ciência política no Brasil vem crescendo, assim como as demais disciplinas das ciências sociais e, segundo Capes (2013), contava, no triênio 2010-2012, com 50 programas de pós-graduação. A disciplina considera como produção científica de excelência os livros e capítulos de livros e artigos de periódicos de estratos Qualis A1, A2 e B1.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo proposto para este estudo foi descrever, quantitativamente, indicadores de inter-relacionamento das disciplinas de economia, sociologia, ciência política e antropologia no Brasil, por meio da análise de características de artigos e de periódicos dessas disciplinas listados nos estratos Qualis A1 e A2 da Capes, no período de 2010 a 2012. Para alcançar esse objetivo, foram analisadas certas características de artigos e de periódicos das disciplinas em questão que poderiam indicar suas inter-relações, e para tanto, utilizaram-se técnicas bibliométricas e metodologia de análise de redes sociais.

Descrevem-se, neste capítulo, os procedimentos metodológicos adotados para atingir os objetivos propostos, divididos em duas etapas:

a) primeira etapa – a identificação das áreas de origem dos periódicos e características dos periódicos;

b) segunda etapa – a identificação da colaboração entre autorias dos artigos das quatro áreas, em diferentes níveis de filiação: departamental, institucional e procedência geográfica.

A seguir, estão descritos o instrumento para coleta dos dados, as definições das variáveis, o universo e os procedimentos para cálculo da amostra analisada, os tratamentos estatísticos utilizados e a metodologia de análise de redes sociais.

7.1 DESCRIÇÃO DA FONTE DE DADOS

O sistema de avaliação da Capes foi estabelecido em 1976 e, desde então, vem cumprindo papel fundamental na pós-graduação nacional (CAPES, 2009). Para Sá (2009), a avaliação da Capes tem influenciado os rumos da pós-graduação no Brasil. De acordo com Capes (2014), o Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG) é um produto da CAPES constituído por sua presidência,

conselhos e diretorias responsáveis pela política de gestão, financiamento, indução e ampliação de programas e pós-graduação no Brasil e, conseqüentemente, de produção de ciência. Grande parte das ações do SNPG é orientada pelo “Plano Nacional de Pós-Graduação do Brasil (2011-2020)”, no qual estão traçadas as metas, os desafios e a direção que deve tomar a pós-graduação brasileira até 2020.

A avaliação do SNPG é orientada pela Diretoria de Avaliação/Capes e realizada com a participação da comunidade científica por meio de consultores *ad hoc* (CAPES, 2014). Até dezembro de 2014, a avaliação ocorria trienalmente e, a partir de então, passou a acontecer a cada quatro anos, conforme a CAPES (2014), “a primeira avaliação quadrienal está prevista para ser realizada em março de 2017, versando sobre dados e informações dos anos 2013, 2014, 2015 e 2016”. O processo de avaliação ocorre por meio dos documentos de área, tanto na elaboração e submissão de propostas de cursos novos quanto na avaliação dos cursos em funcionamento. Neles estão descritos o estado atual, as características e as perspectivas, assim como os quesitos considerados prioritários na avaliação dos programas de pós-graduação pertencentes a cada uma das 48 áreas de avaliação. Assim, foi desenvolvida uma ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do SNPG (CAPES, 2014). Conhecida como Plataforma Sucupira, em homenagem ao professor Newton Sucupira, autor do documento que institucionalizou a pós-graduação brasileira nos moldes atuais, a ferramenta executa o gerenciamento operacional de todos os processos. Na plataforma Sucupira, existe um módulo específico para coletar dados dos cursos de pós-graduação, conhecido como *Coleta de Dados*. Entre os dados que podem ser extraídos desse aplicativo estão informações sobre os veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para pesquisa e a divulgação de sua produção.

A coleta de dados da Plataforma Sucupira, de acordo com Capes (2014), alimenta as informações que geram uma lista Qualis com a classificação dos

veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. Essa lista é conhecida como Qualis, e segundo a Capes (2014), é o resultado dos procedimentos utilizados por essa agência para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Assim, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação (CAPES, 2014). Para este trabalho interessam os periódicos científicos.

A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero. De acordo com Capes (2014), o mesmo periódico, ao ser classificado em duas ou mais áreas distintas, pode receber diferentes avaliações. Isso não constitui inconsistência, mas expressa o valor atribuído, em cada área, em pertinência ao conteúdo veiculado. Assim, segundo a Capes (2014), não se pretende com essa classificação definir qualidade de periódicos de forma absoluta.

Para divulgar a classificação resultante dessa estratificação, está disponível o aplicativo *Web Qualis*, com o qual, por meio do sítio da Capes, qualquer usuário pode acessar a classificação dos veículos de divulgação da produção científica dos programas de pós-graduação. Atualmente, estão disponíveis no *Web Qualis* apenas a qualificação da produção divulgada em periódicos e anais de eventos. Os demais veículos são qualificados, mas não estão disponíveis, sendo exclusivos para fins de processos de avaliação.

O coordenador da área, ao cancelar as listagens com a classificação dos periódicos, disponibiliza no *Web Qualis* as listas para acesso de todos os usuários interessados. Segundo a Capes (2009), para fins de avaliação da produção, as áreas podem classificar revistas típicas de outros segmentos, mas não precisam indicá-las para publicação no Qualis da área.

Para manter informação clara aos interessados, a própria Capes orienta que sejam indicados todos os periódicos considerados como típicos da área. Ou seja, um periódico de economia classificado e publicado como “A1” em educação pode ser incluído também como “C” no Qualis da disciplina de economia. Para fins de pontuação da produção, a disciplina de economia deve classificar o periódico conforme seus critérios, mas não precisa indicá-lo para integrar a lista a ser publicada. Ainda segundo a Capes (2009), a transparência do processo de avaliação continuará garantida, pois, no Caderno de Avaliação, pode-se identificar a qualificação da produção sem que o periódico figure nos respectivos Qualis das áreas.

Conforme a Capes (2009), a atualização do Qualis ocorre quando há inclusão de novos veículos, a saber:

- a) novos veículos citados na Coleta de Dados e ainda não classificados;
- b) outros veículos não citados na Coleta de Dados, mas que a área deseja incluir para compor um cenário mais amplo de publicações de seu campo;
- c) classificação nos estratos correspondentes de veículos já citados em coletas anteriores, mas que ainda não foram classificados pela comissão de área.

A reclassificação no Qualis ocorre quando há mudança na categoria em que o veículo foi enquadrado. Deve acontecer no primeiro ano de cada triênio de avaliação, exceto nos casos considerados relevantes pela área ou ainda na classificação anteriormente realizada.

O aprimoramento dos processos de avaliação a partir dos critérios das áreas faz do Qualis um referencial para o pesquisador se orientar na escolha do local de publicação de sua pesquisa.

Nem todos os periódicos listados no Qualis da Capes são de acesso livre. Assim, pesquisadores e estudantes, com filiação em instituições de ensino e pesquisa brasileiras, para acessar livremente o conteúdo dos periódicos pagos, podem utilizar a rede Comunidade Acadêmica Federada (CAFe). A CAFe é um serviço de gestão de identidade que reúne instituições de ensino e pesquisa

brasileiras através da integração de suas bases de dados. Isso significa que, por meio de uma conta única (modelo *single sign-on*), o usuário pode acessar, de onde estiver, os serviços de sua própria instituição e os oferecidos pelas outras organizações que participam da federação. Essa autenticação elimina a necessidade de múltiplas senhas de acesso e processos de cadastramento, gerando uma relação de confiança. Serviços de ensino a distância, acesso a publicações científicas e atividades de colaboração estão entre os maiores beneficiários das infraestruturas oferecidas por federações (RNP, 2014).

Assim, para atingir os objetivos desta pesquisa, as listas de periódicos Qualis da Capes foram utilizadas como fonte de dados. A lista Qualis da Capes está disponível no Portal da Capes. Esta pesquisa utilizou a rede CAFE para busca dos artigos, disponíveis no período da coleta, segundo semestre de 2014, na referida rede. Todas as buscas da pesquisa feitas na rede CAFE, utilizaram o campo “Título do periódico”.

7.2 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS

Para atingir os objetivos deste estudo e aceitar ou não as hipóteses propostas as variáveis foram reunidas conforme foram estudadas e suas definições:

Quadro 4 – Descrição das variáveis

Nº	VARIÁVEL	FONTE DE COLETA	DEFINIÇÃO E/OU OPERACIONALIZAÇÃO
1	Autores	ARTIGO	Quantidade de autores que assinam um artigo.
2	Filiação departamental	ARTIGO	Filiação a departamento do(s) autor(es). O quantitativo de departamentos. Por exemplo: um autor filiado à Faculdade de Educação: a variável será Faculdade de Educação. Nos casos nos quais não há departamento declarado, considerou-se como departamento a própria instituição.
3	Filiação institucional	ARTIGO	Filiação institucional do(s) autor(es). O quantitativo de instituições.
4	Procedência geográfica	ARTIGO	País que sedia a instituição à qual o autor é filiado. Para a variável, utilizou-se o nome do país em português. Abreviou-se somente Estados Unidos da América - EUA.

Nº	VARIÁVEL	FONTE DE COLETA	DEFINIÇÃO E/OU OPERACIONALIZAÇÃO
5	Inclusão nas Listas Qualis	PERIÓDICO	Periódicos indexados nas Listas Qualis da Capes com estratos A1 e A2 das quatro disciplinas estudadas. Número de periódicos com origem em uma área e listados por outra área.
6	Economia	PERIÓDICO	As informações editoriais afirmam que o periódico é da área de economia.
7	Sociologia	PERIÓDICO	As informações editoriais afirmam que o periódico é da área de sociologia.
8	Antropologia	PERIÓDICO	As informações editoriais afirmam que o periódico é da área de ciência política.
9	Ciência Política	PERIÓDICO	As informações editoriais afirmam que o periódico é da área de antropologia.
10	Outra(s) Ciências Sociais	PERIÓDICO	As informações editoriais afirmam que o periódico é da área das ciências sociais diferente das quatro analisadas.
11	Multidisciplinar/ Interdisciplinar	PERIÓDICO	As informações editoriais afirmam que o periódico é inter, multi, transdisciplinar ou outra palavra que possa ser similar; Ou ainda, aqueles periódicos que declaram ser de disciplina(s) das ciências sociais e de disciplinas de outras áreas.
12	Ciências Naturais	PERIÓDICO	As informações editoriais afirmam que o periódico é da área das ciências naturais, exatas, biológicas e outras similares.
13	Ciências Humanas	PERIÓDICO	As informações editoriais afirmam que o periódico é da área das ciências humanas ou humanidades (história, artes).

Fonte: autor.

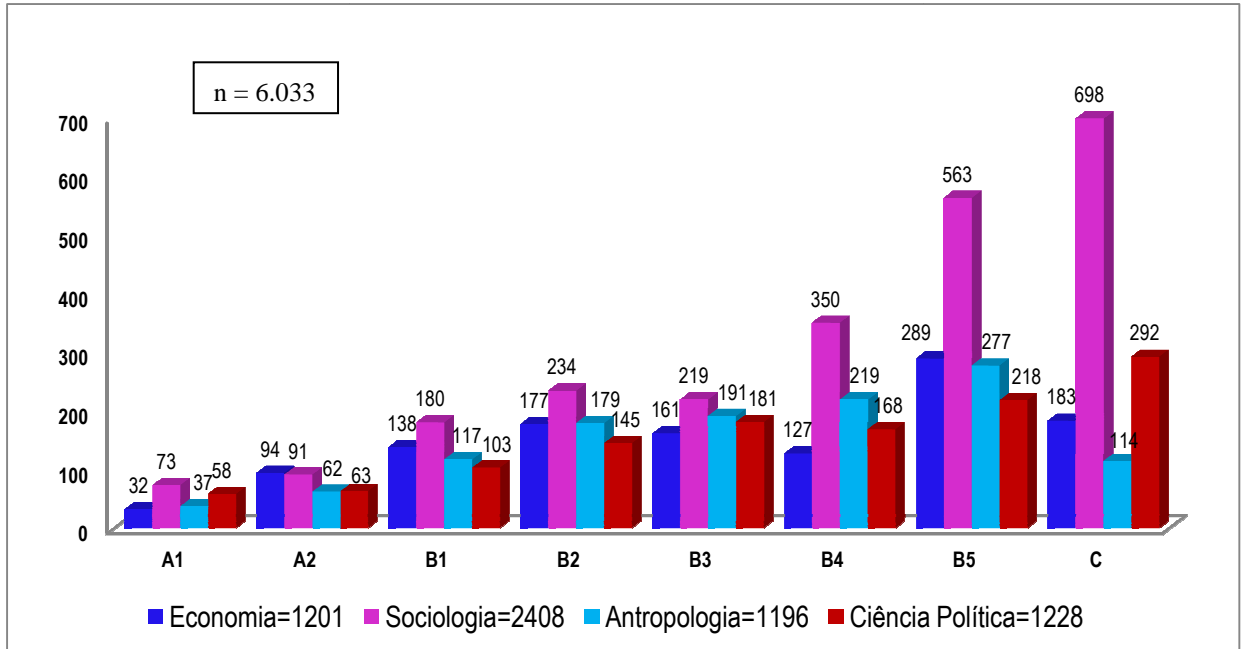
7.3 UNIVERSOS E AMOSTRAS

Esta pesquisa utilizou-se de dois universos distintos para confirmar ou não as evidências pressupostas. O primeiro universo atende à primeira etapa da pesquisa, ou seja, é composto por periódicos. E o segundo universo apoia a segunda etapa do estudo e é composto pelos artigos dos periódicos da primeira etapa, que por sua vez utilizou como fonte de dados as Listas Qualis da Capes.

As Listas Qualis da Capes das disciplinas estudadas foram as disponíveis em agosto de 2013. Nesse período, os títulos das quatro Listas Qualis somavam um total de 6.033 periódicos. Sendo 2.408 de sociologia, 1.196 de antropologia, 1.201 de economia e de 1.228 de ciência política. Cada uma das disciplinas avaliou seus periódicos distribuindo-os por listas organizadas em oito estratos

hierárquicos de qualidade, A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, como demonstra a Fig. 2 a seguir:

Figura 2 - Distribuição dos estratos Qualis entre as disciplinas estudadas



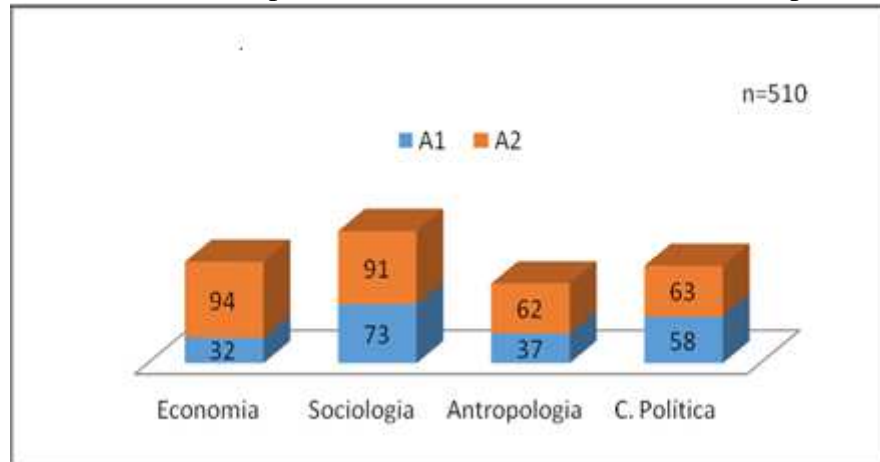
Fonte: autor.

Pode-se perceber que a quantidade de periódicos em cada estrato varia de disciplina para disciplina. A antropologia possui proporcionalmente baixo número de periódicos no estrato A1, mas o número de periódicos listados aumenta à medida que o estrato fica mais baixo. Note-se que, no estrato C, cujo valor é zero, a quantidade de periódicos da antropologia é menor que nas demais disciplinas. A disciplina economia apresenta baixo número de periódicos nos estratos A1 e B4 e maior número no estrato A2 em relação às demais disciplinas estudadas. A sociologia indica alto número de revistas no estrato C, cujo valor é zero. A observação não se aplica à antropologia e à economia, pois essas duas áreas possuem baixo número de periódicos no estrato C.

De acordo com o volume de dados e o significado dos estratos em relação aos objetivos da pesquisa, decidiu-se limitar a coleta de dados aos dois estratos mais altos. Portanto, o universo desta pesquisa foi composto pelos periódicos indexados nas Listas das áreas economia, sociologia, ciências política e

antropologia nos estratos A1 e A2 do Qualis da Capes, em agosto de 2013, assim, somando o total de 510.

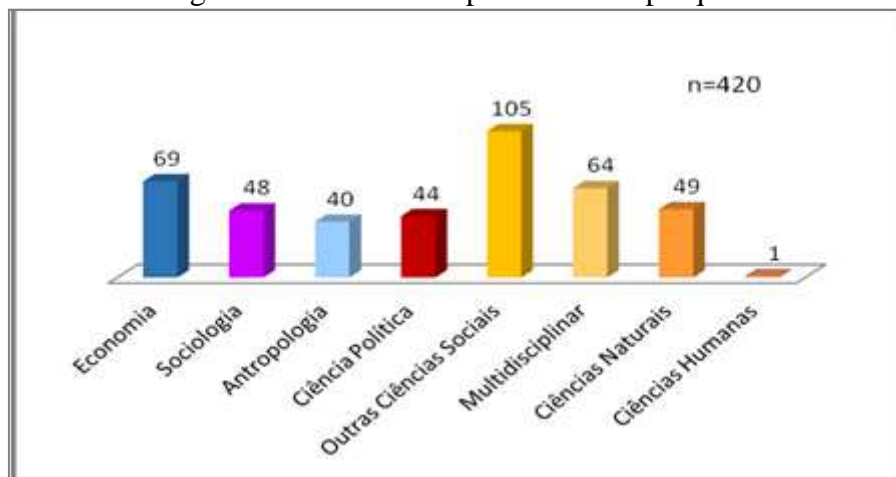
Figura 3 – Quantidade de periódicos listados nos estratos A1 e A2 por disciplina



Fonte: autor.

Desses 510 periódicos, 89 se repetem ou informam versão impressa e *on-line* do mesmo título. Assim, ao extrair os títulos que se repetiam, o quantitativo passa a ser 420. Dos quais: 254 são A2; 139 A1 e 27 são A1 e A2. Aqueles títulos que estavam listados em mais de uma disciplina foram identificados como pertencentes somente à área por eles mencionadas como prioritária (se apresentava em primeiro lugar) segundo descrição em seus documentos editoriais. A Fig. 4 a seguir ilustra o universo de periódicos da pesquisa, assim distribuídos conforme as disciplinas:

Figura 4 – Universo de periódicos da pesquisa

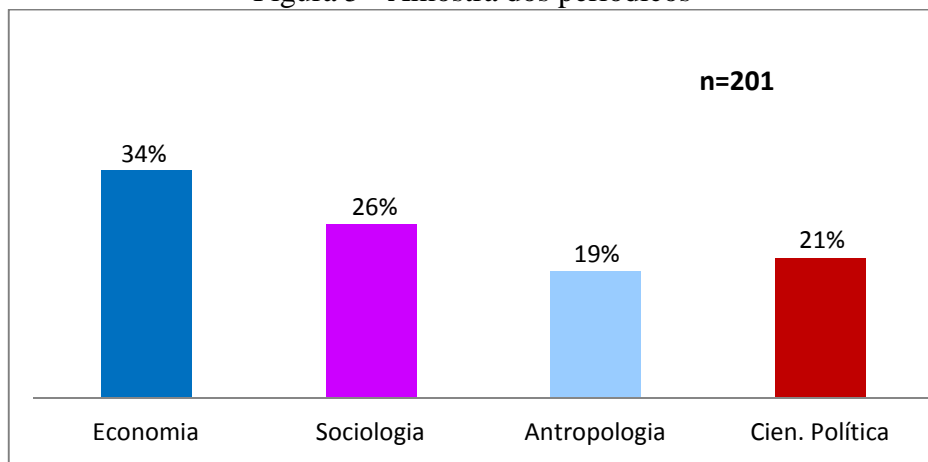


Fonte: autor.

Os periódicos que compõem esse universo foram analisados de forma a identificar as inter-relações das áreas para cumprir parte do primeiro objetivo específico da pesquisa.

Ainda na primeira etapa, foi extraída do universo a amostra dos periódicos que declararam interesse principal idêntico à lista na qual se achavam indexados, todos classificados nos estratos A1 e A2 do Qualis da Capes. Ou seja, a partir de então, os periódicos analisados foram aqueles que tinham como a origem declarada nos documentos editoriais do periódico: economia, sociologia, antropologia ou ciência política. Assim, o total de periódicos passou a ser de 201. Ou seja, mais de 50% das revistas das quatro áreas listadas no Qualis A1 e A2 de 2013 tinham como interesse prioritário outras áreas que não as quatro aqui analisadas. A Fig. 5 representa graficamente em porcentagem a distribuição dos 201 periódicos pelas Listas Qualis das quatro áreas objeto deste estudo.

Figura 5 - Amostra dos periódicos



Fonte: autor.

Percebe-se que economia tem a maior porcentagem dos periódicos, 34%, que declararam ser de área idêntica à disciplina que o indexou no Qualis. E a disciplina que menos tem periódicos da própria área é antropologia, com 19% das revistas do Qualis declarando ser da área de antropologia.

Para a segunda etapa da pesquisa, foram considerados como universo todos os artigos publicados entre 2010 e 2012, desses, 201 periódicos com origem declarada em economia, sociologia, antropologia ou ciência política.

Entretanto, das 201 revistas, quatro não puderam ser estudadas por não estarem disponíveis para acesso no portal de periódicos da Capes ou em outros meios acessíveis no período da pesquisa, ou seja, a amostra estudada foi de 197 revistas. A seguir, as quatro revistas que não estavam disponíveis no período da pesquisa:

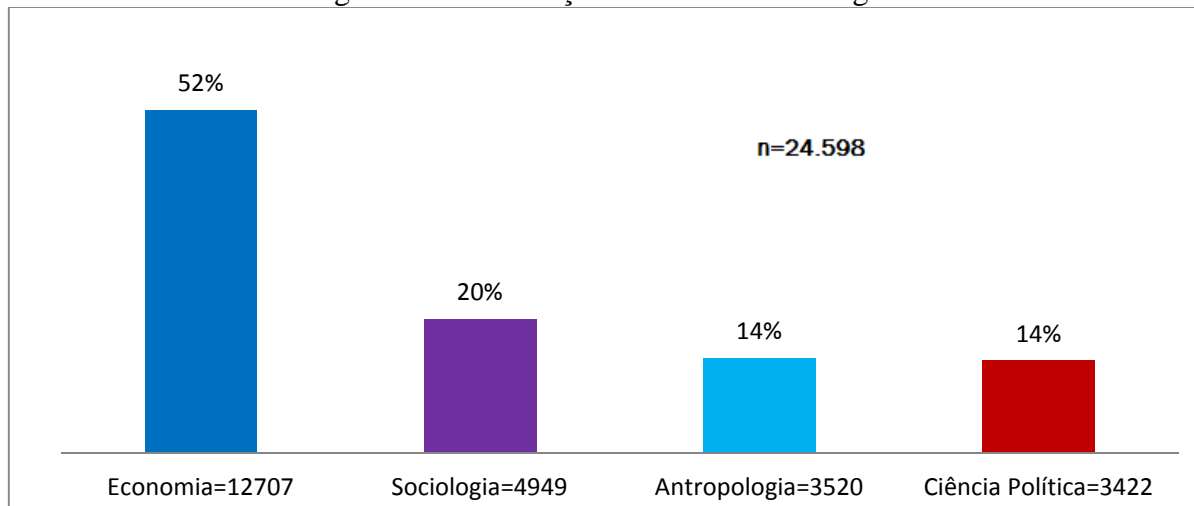
Quadro 5 - Periódicos não disponíveis para acesso

Periódico	ISSN	Estrato	Disciplina
The Journal of Business (Chicago)	0021-9398	A2	Economia
Journal of Political & Military Sociology	0047-2697	A2	Sociologia
International Studies Review (Malden, Mass.)	1521-9488	A1	Ciência Política
Internationale Politik (Bonn. Verl. fur Intern. Politik)	1430-175X	A2	Ciência Política

Fonte: autor.

Após definida a amostra dos periódicos, iniciou-se a catalogação dos artigos das 197 revistas do período de 2010 a 2012. Nesse triênio, foram catalogados 24.598 artigos, sendo 12.707 de economia, 4.949 de sociologia, 3.520 de antropologia e 3.422 de ciência política. Então, o universo de artigos da pesquisa pode ser representado na Fig. 6 a seguir:

Figura 6 – Distribuição do universo de artigos



Fonte: autor.

Percebe-se que economia possui um total de artigos significativamente maior que as outras três disciplinas, praticamente a soma das demais disciplinas.

Talvez, se possa inferir que um dos fatores seja que parte dos periódicos de economia é de publicação mensal e até semanal e a maioria dos periódicos das demais é de publicação trimestral e até mesmo semestral.

Desse universo foi selecionada a amostra dos artigos. Para tanto, este trabalho contou com o apoio e consultoria da Empresa Júnior de Estatística *Statuss Jr*, da Universidade Federal de Goiás, que colaborou na definição e seleção da amostra. Desse modo, a partir dos 24.598 artigos, foram realizadas amostragens distintas para cada uma das áreas, conforme a fórmula:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Onde:

n – tamanho da amostra calculada;

N – tamanho da população;

Z - variável normal padronizada associada ao nível de confiança;

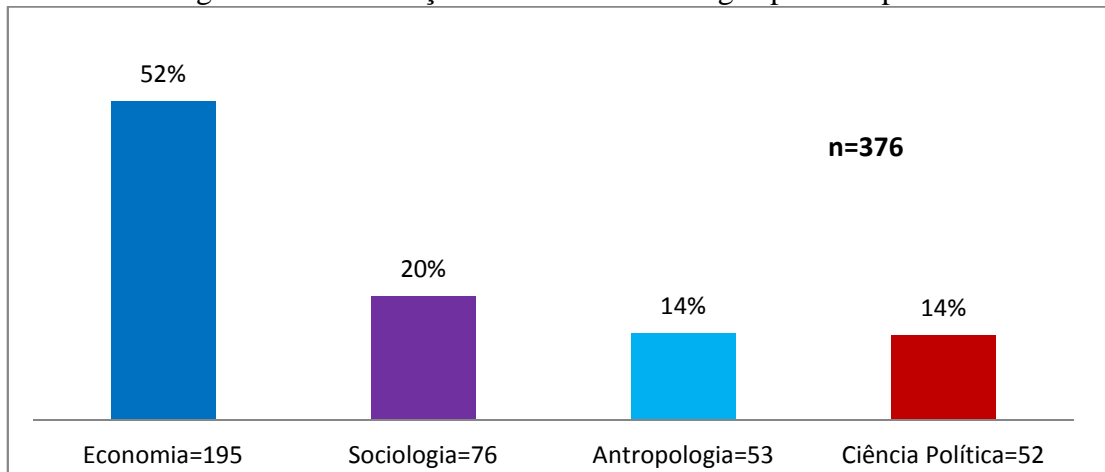
p - verdadeira probabilidade do evento;

e - erro amostra.

Esse cálculo foi utilizado para as quatro áreas, respeitando-se as proporções de artigos por revista, pois algumas revistas publicam mais artigos que outras, a exemplo daquelas semanais, fazendo com que a sua quantidade de artigos seja mais alta em comparação com revistas semestrais. Assim, **N** = 12.707 de economia, 4.949 de sociologia, 3.520 de antropologia e 3.422 de ciência política; **Z** = 1.64; e = 10% e **p** foi o percentual de revistas pertencente a cada área e **e** foi de 4%. De acordo com Richardson (1999), usualmente, nas ciências sociais trabalha-se com um erro de 4 a 5 %. O nível de confiança é de 95%. Com os devidos cálculos encontrou-se a amostra de 376 artigos, sendo para economia **n** = 195, sociologia **n** = 76, antropologia **n** = 53 e ciência política **n** = 52.

A seguir, a ilustração da distribuição por disciplina dos artigos selecionados na amostra.

Figura 7 – Distribuição da amostra dos artigos por disciplina



Fonte: autor.

A distribuição da amostra demonstra uma diferença, significativa, entre economia e as outras três disciplinas. A amostra de economia tem mais artigos que a soma das amostras das outras três disciplinas. O fato reflete a periodicidades das revistas de economia e das demais áreas.

7.3.1 Análise dos periódicos

Para analisar as inter-relações das disciplinas economia, sociologia, antropologia e ciência política no Brasil, e entre essas e outras disciplinas das ciências sociais, ciências naturais e humanidades, por meio da amostra dos periódicos listados no Qualis A1 e A2 de 2013, das quatro áreas estudadas, foi construída uma planilha com dados dos periódicos no SPSS versão 20.

As variáveis foram as disciplinas/áreas economia, sociologia, antropologia e ciência política, multidisciplinar/interdisciplinar, ciências naturais e ciências humanas. Nas linhas foram listados todos os periódicos A1 e A2 do Qualis da Capes de agosto de 2013, das quatro áreas analisadas. Foi atribuído um termo para cada área, como segue:

- 1 economia;
- 2 sociologia;
- 3 antropologia;
- 4 ciência política;
- 5 outra(s) ciências sociais;
- 6 multidisciplinar/interdisciplinar;
- 7 ciências naturais, e
- 8 ciências humanas.

Consideraram-se os periódicos que declararam ser de arqueologia, como antropologia, e os de relações internacionais, como ciência política, tendo em vista que a Lista Qualis as agrupa dessa maneira, arqueologia/ antropologia e relações internacionais/ciência política.

A base de dados foi sendo alimentada conforme a origem declarada pelo periódico. Aquele periódico listado em mais de uma disciplina recebeu o código que representa a área de origem, na coluna da referida área e também o mesmo código nas demais colunas (áreas ou disciplina) onde ocorreu. Para aquele periódico listado somente em uma área, e essa área ele declarou como a de origem, esse periódico ficou somente com marcação em uma coluna.

Os títulos de periódicos que apresentaram a versão impressa e *on-line* foram representados apenas uma vez. Em certos casos, algumas áreas que listaram o mesmo periódico nas versões impressas e *on-line* os listaram em estratos diferentes. Nesses casos, foi considerado para esses periódicos o estrato A1, mais alto, e eliminado o A2, mais baixo. A base de dados de inter-relações dos periódicos encontra-se no Apêndice 1.

Os indicadores de inter-relacionamento das disciplinas economia, sociologia, ciências política e antropologia no Brasil, e entre essas com outras disciplinas das ciências sociais, ciências naturais e humanidades, foram representados por um número na planilha que variou de zero a oito, por serem oito as possibilidades de inter-relacionamento.

7.3.2 Identificação da colaboração departamental, institucional e procedência geográfica

Para identificar a colaboração departamental, institucional e procedência geográfica foi elaborada uma planilha no Excel, com as variáveis propostas: título do periódico, ISSN, estrato Qualis, disciplina, ano, título do artigo, número de autores, idioma, afiliação institucional (departamento e instituição), afiliação por país. Exemplo dessa planilha segue no Apêndice 2.

Para obter o número de autores, verificou-se no corpo do artigo a quantidade de autores. Assim, foram inseridos, na coluna “autores”, o número que variou de 1 a 6. Com relação à variável idioma, a informação variou em inglês, português, espanhol, francês e alemão, anotada na coluna “idioma”,

Na mesma fonte, corpo do artigo, obteve-se informações relacionadas à variável departamento e instituição, ou seja, para cada autor um departamento e uma instituição. Nos casos em que não havia informação sobre departamento, a departamentalização, a célula recebeu o número zero. A notação zero foi registrada para todas as células para as quais não foi obtida informação. O país de filiação da instituição ao qual o autor pertence foi inserido na coluna “país”. Nos casos em que ocorreram mais de um país por artigo, estes foram divididos nas colunas seguintes.

Depois da planilha totalmente completa, foi executada uma apurada limpeza e organização dos dados. Na sequência, para analisar a colaboração, os artigos que possuíam apenas um autor foram excluídos. O total de artigos com autoria simples somou 211, ou seja, a maioria da amostra 376.

7.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Para identificar a colaboração departamental, institucional e procedência geográfica entre as disciplinas de economia, sociologia, antropologia e ciência política no Brasil, por meio da amostra dos periódicos listados no Qualis A1 e A2 de 2013 das quatro áreas, foi utilizada a metodologia de Análise de Redes Sociais – ARS. Segundo Moura (2009), Matheus e Silva (2009), Vanz (2009), a ARS permite identificar a colaboração entre entidades.

Quadro 6 - Conceitos que compõem a análise de redes sociais

	No trabalho em questão são as pessoas dentro do grupo de estudo. Mas podem ser setores, departamentos de uma empresa ou mesmo corporações inteiras e até mesmo países.
Ligações	São representações gráficas de linhas que conectam os pontos (atores).
Subgrupos	São os subconjuntos de atores de uma determinada rede, os quais resultam de aspectos que envolvem a localização, funções, hierarquia, idade, nível cultural, idade ou sexo. Quando envolvem ligações entre dois atores são denominados de díades e quando as ligações envolvem três atores são denominado de tríades.
Relação	É um tipo específico de ligações de um determinado grupo, por exemplo, o conjunto de ligações de negócios de uma associação das empresas de informática do estado da Bahia.
Tamanho	É a quantidade de ligações existentes entre os atores de uma determinada rede.
Densidade	É o quociente entre o número de ligações existentes pelo número de ligações possíveis em uma determinada rede. A densidade retrata a potencialidade da rede em termos de fluxo de informações, ou seja, quanto maior a densidade mais intensa é a troca de informações na referida rede e vice-versa.
Distância Geodésica	É o caminho mais curto entre dois atores de uma rede.
Diâmetro	É a maior distância geodésica entre quaisquer pares de atores de uma respectiva rede.

Fonte: Lago Júnior (2005, p.54).

Esta metodologia, ARS, busca identificar, de forma objetiva, conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) dentro de um sistema (uma rede pessoal geral) e, dessa forma, representar padrões de relações. Lago Junior (2005) cita várias medidas utilizadas na metodologia de análise de redes sociais,

das quais, neste estudo, serão utilizadas três: de centralidade, de proximidade e de intermediação.

A primeira, grau de centralidade, é a medida do quão acessível um determinado ator está para os demais atores de uma rede. Calcular a centralidade de um ator significa identificar a posição em que ele se encontra em relação às trocas e à comunicação na rede (LAGO JÚNIOR, 2005).

A segunda, grau de intermediação, é a medida baseada no controle exercido por um ator sobre as interações entre dois outros atores, denotando a capacidade de interrupção (LAGO JÚNIOR, 2005). De acordo com Wasserman e Faust (1994), grau de intermediação analisa o quanto um ator está no caminho geodésico (caminho mais curto que um ator deve seguir para se ligar a outro) entre outros atores da rede, representando ainda um intermediário (ponte) que se liga a vários outros atores que não se conectam diretamente.

E a terceira, grau de proximidade, é a medida do número mínimo de ligações que um ator necessita realizar para estabelecer uma relação com qualquer outro ator desta rede, denotando autonomia (LAGO JÚNIOR, 2005). A medida de proximidade de um ator é obtida por meio da soma das distâncias geodésicas entre todos os outros atores, como explicam Wasserman e Faust (1994).

As ligações ou laços podem ser concebidos como fortes ou fracos. Os laços fracos são a relação entre pessoas por meio de um intermediário em comum, ou seja, elas não são ligadas diretamente. E os laços fortes é a relação direta entre as pessoas de uma rede. De acordo com Granovetter (1973), os laços fracos são necessários para divulgar a inovação, por serem redes formadas de indivíduos com conhecimentos e formações variadas. Para o autor, nas redes de laços fortes, as dinâmicas de interações não vão além dos *clusters* e são relações com alto nível de credibilidade e influência. Ainda segundo Granovetter (1973), indivíduos que compartilham laços fortes, geralmente, são de um mesmo meio social, uma vez que os indivíduos com relações de laços

fracos são importantes porque ligam vários outros grupos, rompendo a configuração de “ilhas isoladas” dos *clusters* e assumindo a configuração de rede social.

As inter-relações analisadas por meio do método ARS foram as disciplinas, os departamentos, as instituições e os países. Todas as redes foram construídas com os *softwares* UCINET (versão 6) e NETDRAW¹. O *software* UCINET é livre e um dos principais sistemas utilizados para Análise de Redes Sociais. Ele calcula os índices das ARS e tem abas de acesso para outros programas como o NETDRAW. Esse último é um programa gráfico que permite visualização dos atores de uma rede, suas relações e características em forma de grafos (gráficos em rede).

¹ Informações sobre UCINET e NETDRAW podem ser encontradas na página da empresa Analytic Technologies: <www.analytictech.com/ucinet/>.

8 RESULTADOS OBTIDOS

Este capítulo está dividido em duas seções: análise dos periódicos para identificação das origens e identificação da colaboração entre as quatro áreas, em diferentes níveis de filiação: departamental, institucional e procedência geográfica. Na sequência, são apresentados os resultados obtidos na pesquisa e as discussões, divididos conforme as etapas desenvolvidas para alcançar o objetivo proposto.

8.1 ANÁLISE DOS PERIÓDICOS PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ORIGENS

A análise dos periódicos para identificação das suas origens partiu da investigação da amostra extraída de cada uma das listas Qualis estratos A1 e A2 de economia, sociologia, antropologia e ciência política. Por meio das análises das informações editoriais de cada periódico, foi possível identificar sua disciplina de origem.

Na Tabela 2 a seguir, coloca-se a matriz com os dados brutos das disciplinas. Por meio dela é possível obter a matriz de similaridades, onde a intersecção de linha e coluna mostra a similaridade de dois objetos. Assim, se há maior valor, a similaridade entre os objetos é maior e menor valor o inverso. Pela matriz dessa tabela, é possível observar os percentuais de colaboração inter e intradisciplina. Nas linhas, estão as disciplinas que o periódico declara ser e, nas colunas, as disciplinas que deram origem ao estrato Qualis.

Tabela 2 - Matriz com dados brutos entre a área que o periódico declara ser e as disciplinas

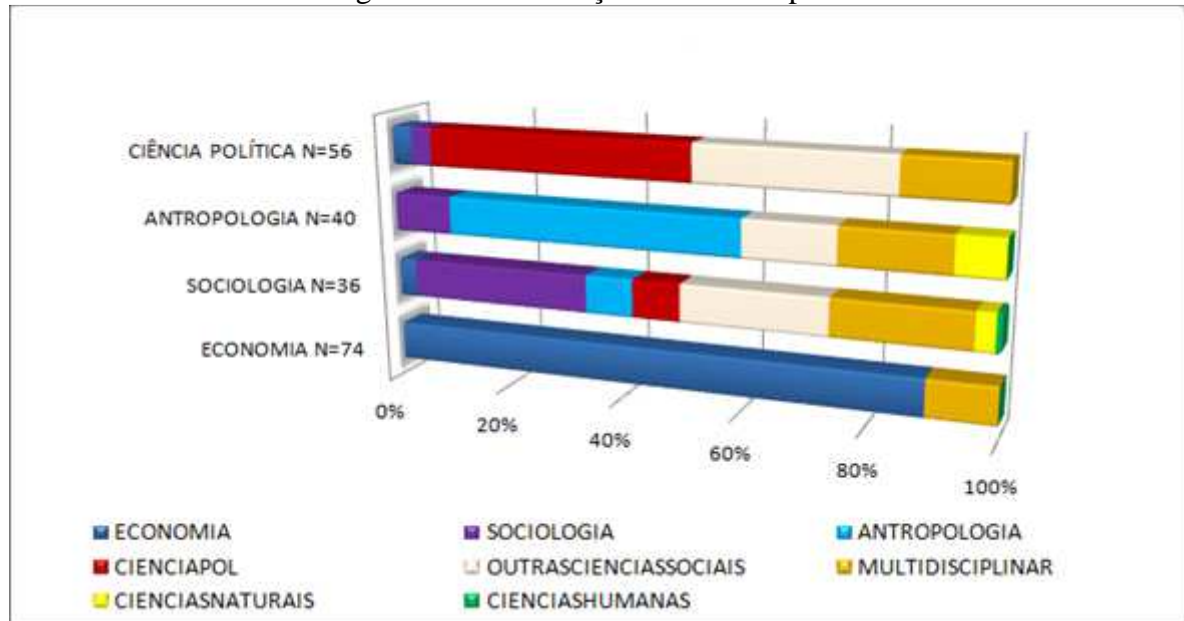
ÁREA DO PERIÓDICO	ECONOMIA	SOCIOLOGIA	ANTROP.	CIENPOL	TOTAIS
ECONOMIA	33	1	0	2	36
SOCIOLOGIA	0	23	4	2	29
ANTROPOLOGIA	0	6	20	0	26
CIENPOL	0	6	0	25	31
OUT.CIEN.SOCIAIS	0	18	8	18	81
MULT	3	15	6	9	56
CIÊNCIAS NATURAIS	0	2	3	0	8
CIÊNCIAS HUMANAS	0	1	0	0	2
TOTAIS	36	72	41	56	269
%Colab. Intra Áreas	92%	79%	77%	81%	329%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos periódicos dos estratos Qualis das áreas estudadas, em agosto de 2013.

As linhas da matriz representam o que o periódico declara ser e as colunas as disciplinas estudadas. Percebe-se que há um alto percentual de colaboração intradisciplina nas quatro disciplinas estudadas sendo economia a que tem maior percentual, 92%, e a que menos colabora com as demais disciplinas; sociologia é a segunda com 79%, porém é a que mais colabora com as outras.

A Fig. 8 representa graficamente a quantidade de periódicos incluídos em cada uma das quatro disciplinas estudadas e as áreas às quais esses periódicos afirmam pertencer.

Figura 8 - Inter-relações entre disciplinas



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos periódicos dos estratos Qualis das áreas estudadas, em agosto de 2013.

Observa-se, na Fig. 8, a variedade de assuntos que integram cada lista, apontando para o que poderia ser chamado de interdisciplinaridade nos interesses de cada comunidade. Percebe-se, também, como era de se esperar, que em cada lista predominam os periódicos oriundos da própria área da lista, mas, também, que a proporção de periódicos da própria área varia de lista para lista. E ainda, que periódicos da área denominada multidisciplinar estão presentes em todas as listas, embora em diferentes proporções.

Na lista de economia, a predominância de periódicos da própria área é a mais marcante, aproximadamente 89%; em seguida, vem a antropologia, cujos periódicos da área chegam a 50%, depois, a lista de ciência política, com 45% e, finalmente, a lista da sociologia, na qual seus periódicos chegam a apenas 31%.

Na Fig. 8, pode-se notar ainda que, na lista da economia, a presença de periódicos de outras áreas nos estratos mais elevados é inexistente, a não ser pelos periódicos da área multidisciplinar, sugerindo que a área atribui pouca relevância às demais áreas.

Contrastando com a economia, a sociologia é a disciplina que apresenta maior variedade na origem de periódicos que compõem sua lista, todas as oito

áreas identificadas, sugerindo compartilhamento de interesses com várias outras disciplinas. Há surpresas, no entanto: os periódicos oriundos das ciências humanas são os menos numerosos, menos do que aqueles oriundos das ciências naturais. Suas principais inter-relações ocorrem com as demais ciências sociais (excluído a antropologia e economia) e com os periódicos multidisciplinares, inclusive com ciências naturais e humanidades.

A lista da antropologia nos estratos estudados inclui periódicos de quatro das sete áreas estudadas, além de seus próprios periódicos. Essas áreas são: sociologia, outras ciências sociais, ciências naturais e ciências humanas. Entre as quatro disciplinas estudadas, é a que apresenta menos periódicos da própria área nos estratos estudados. Antropologia e sociologia são as únicas que incluíram periódicos das ciências naturais nos estratos mais altos de suas listas.

A lista de ciência política apresenta maior quantidade de periódicos do que as outras ciências sociais e multidisciplinares, além dos seus próprios, e apenas alguns títulos oriundos da economia e sociologia, contrariando as expectativas de um maior inter-relacionamento com essas disciplinas, especialmente a primeira.

Com a intenção de complementar os dados sobre as disciplinas analisadas, utilizou-se análise de redes sociais. Para tanto se calculou os graus de centralidade, intermediação e proximidade para o total de oito áreas.

A partir dos dados da Tabela 2, foram gerados os grafos que representam a medida da rede e suas relações. Toda a análise foi desenvolvida utilizando o *software* Ucinet com os dados da matriz simétrica de colaboração entre as áreas.

Para descrever e resumir os dados da pesquisa, foram feitas análises descritivas das amostras de disciplinas para obter uma estimativa geral que auxiliasse na compreensão dos resultados. As análises descritivas apresentam os indicadores de toda a rede pelos quais é possível verificar a média de todas as relações; o desvio padrão, ou seja, a variação da média; a soma de todas as

relações; o mínimo e o máximo, que por sua vez representam os graus máximo e mínimo de interações que as disciplinas têm dentro da rede.

Assim, a Tabela 3 apresenta a descritiva estimada das disciplinas conforme o seu poder de centralidade na rede.

Tabela 3 – Medidas de Centralidade na rede entre a área que o periódico declara ser e as disciplinas

MEDIDA	OCORRÊNCIA
Média	25
Desvio Padrão	18
Soma	196
Contagem	8
Mínimo	1
Máximo	49

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos periódicos dos estratos Qualis das áreas estudadas, em agosto de 2013.

Os dados apresentam uma média de 25 relações na rede. O mínimo de ocorrência na rede formada entre a área que o periódico declara ser e as disciplinas dos estratos Qualis estudadas para cada disciplina é um, enquanto o número máximo é 49. Porém, uma mesma disciplina pode ocorrer mais de uma vez se houver colaboração intradisciplina, ou seja, um periódico listado em uma dada disciplina declara ser desta mesma disciplina. Exemplo: um periódico listado em sociologia que declarou ser de sociologia. O total de disciplinas ilustra esta repetição de ocorrências: 305 entradas, sendo que individualmente são apenas quatro disciplinas.

A Tabela 4 apresenta de maneira detalhada o grau de centralidade das disciplinas.

Tabela 4 – Medidas da rede formada entre a área que o periódico declara ser e as disciplinas

ID	Grau de Centralidade	Grau de intermediação	Grau de Proximidade
ECONOMIA	3	0.000	0.368
SOCIOLOGIA	49	6.000	1.000
ANTROPOLOGIA	21	0.000	0.700
CIENPOL	31	0.000	0.700

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos periódicos dos estratos Qualis das áreas estudadas, em agosto de 2013.

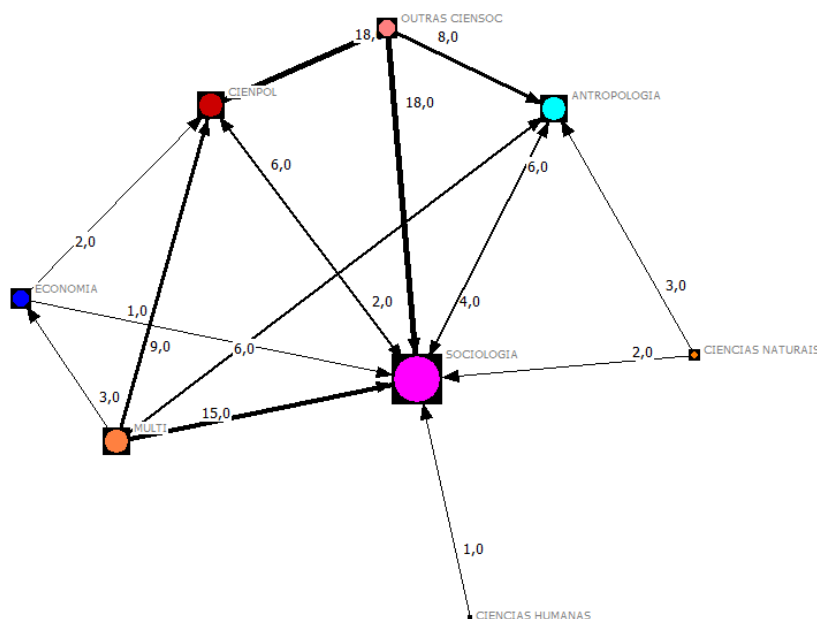
Observa-se que sociologia se destaca na rede por ter o maior grau de centralização. E é a única que possui capacidade de intermediação na rede, aplicando o conceito de Wasserman e Faust (1994), a sociologia atua como intermediadora (ponte) para que atores não adjacentes da rede possam se conectar por meio dela. Além de ser a área com maior grau de centralidade e intermediação, a sociologia também tem o maior grau de proximidade, ou seja, é a que está mais próxima das demais disciplinas estudadas.

A economia também é um exemplo a ser destacado nesta Tabela, pois, na comparação de seus índices com as demais, ela tem o menor grau de centralidade e o também o menor de proximidade, ou seja, é a disciplina que está mais distante das demais.

Tanto economia como antropologia e ciência política não tiveram índice de intermediação. Antropologia e ciência política possuem grau de centralidade próximos, em relação às demais disciplinas, 21 e 31 respectivamente. Além dessa característica, possuem o mesmo índice de proximidade.

A Fig. 9 destaca grafos com grau de centralidade das disciplinas estudadas. Cada ponto, ou nó, no emaranhado de redes, é uma disciplina/área. Os pontos na cor azul escuro representam a disciplina economia; lilás para sociologia; azul claro para antropologia; e vermelho para ciência política. O nós em tons laranja representam outras ciências sociais, multidisciplinar, ciências naturais e ciências humanas.

Figura 9 - Rede que o periódico declara ser e as disciplinas



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos periódicos dos estratos Qualis das áreas estudadas, em agosto de 2013.

A rede formada pelas disciplinas totalizou oito nós, 16 laços e grau de centralidade da rede de 25%. Esse grafo, Fig. 9, é uma representação dos dados da Tabela 4 e mostra a sociologia que tem o maior grau de centralidade no meio da rede.

Sociologia possui laços fortes com outras disciplinas das ciências sociais e com as multidisciplinares, os mais densos da rede, respectivamente 18 e 15. Além dessas duas, a sociologia possui laços com ciências humanas, 1, ciências naturais 2, e com antropologia, ciência política e antropologia 6.

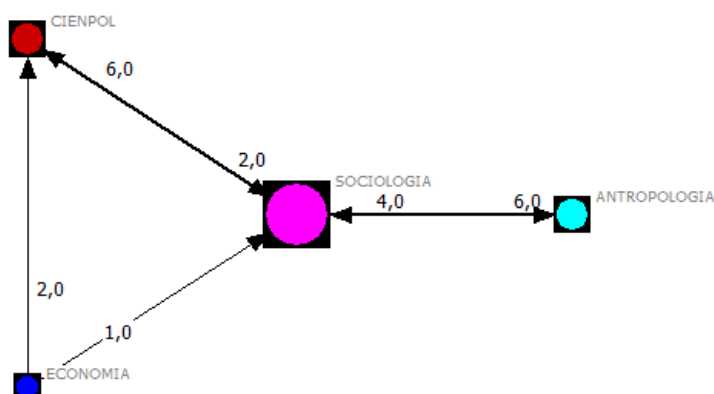
Outras ciências sociais mantêm laços fortes com ciência política 18 e com antropologia mais fraco 8. As multidisciplinares possuem laços com as quatro disciplinas estudadas com sociologia 15, ciência política 9, antropologia 9 e economia 3. Ciências humanas possui laços apenas com sociologia 1. E, ciências naturais possui dois laços com antropologia, 3; e sociologia 2.

Economia e antropologia são as duas disciplinas das estudadas que possuem laços mais fracos com as demais áreas. Economia referenciada por

duas áreas: ciência política e sociologia — e faz referência somente de multidisciplinar. Sociologia recebeu referência de todas as áreas, no entanto faz referência somente à antropologia e ciência política, que por sua vez fazem e recebem referências de sociologia.

Como pode ser visto na Fig. 9, muitos periódicos, mais de 50, declararam originarem-se de outra área, diferente daquela que o listou no Qualis. Ou seja, periódicos de origem diferente das quatro disciplinas estudadas. Assim, a Fig. 10 representa as redes de inter-relação somente dos periódicos que declararam ser de economia, sociologia, antropologia ou ciência política.

Figura 10 - Rede das disciplinas estudadas



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos periódicos dos estratos Qualis das áreas estudadas, em agosto de 2013.

A rede representada pela Fig. 10 demonstra que, mesmo sendo estudados somente os periódicos das quatro disciplinas, a economia não lista periódicos das outras áreas estudadas, mas é empregada por ciência política e sociologia.

Sociologia é a disciplina central na rede por ser aquela que mais se inter-relaciona com as outras três disciplinas, mantendo conexões, unidirecional com economia e bidirecional com ciência política e antropologia. Essa última apresentou ser a mais periférica, pois se inter-relaciona somente com sociologia.

8.2 COLABORAÇÃO ENTRE AS QUATRO ÁREAS

Para identificar aspectos da colaboração entre as quatro áreas, nos diferentes níveis de filiação, foram analisadas as características dos artigos para posteriormente identificar os departamentos, instituições e países aos quais os autores são filiados.

8.2.1 Análise geral das características dos artigos

A análise geral dos artigos apresenta os dados dos países que sediam as instituições às quais os autores são filiados, bem como dos autores e dos idiomas por artigos estudados.

Na Tabela 5, apresentam-se os países identificados nos artigos selecionados na amostra, por meio do país que sedia a instituição à qual os autores são afiliados. O Brasil é o terceiro país que mais apareceu na amostra. A porcentagem é sobre o número de ocorrência dos países no artigo.

Tabela 5 - Produção de artigos publicados por país do autor

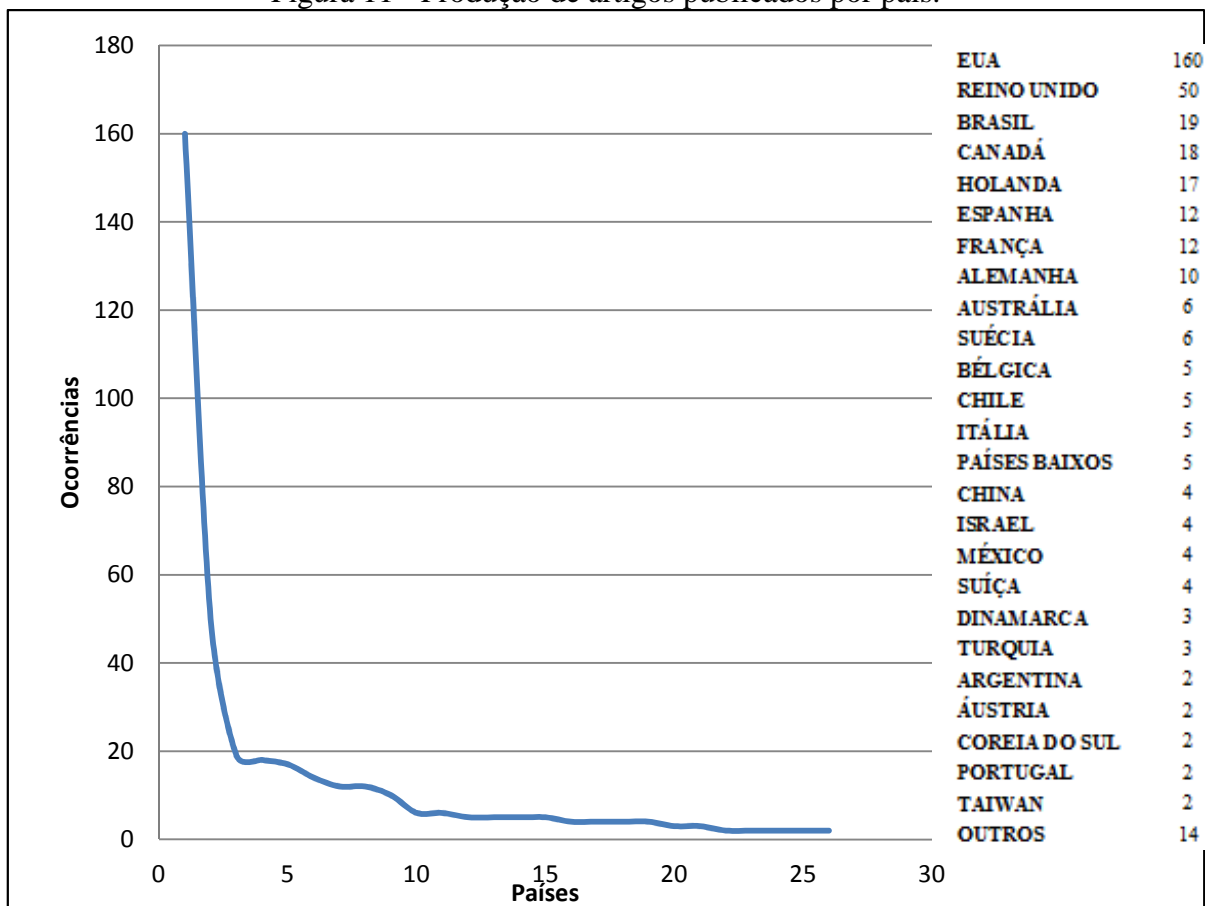
País	Ocorrência	%
EUA	160	42,6
REINO UNIDO	50	13,3
BRASIL	19	5,1
CANADÁ	18	4,8
HOLANDA	17	4,5
ESPANHA	12	3,2
FRANÇA	12	3,2
ALEMANHA	10	2,7
AUSTRÁLIA	6	1,6
SUÉCIA	6	1,6
BÉLGICA	5	1,3
CHILE	5	1,3
ITÁLIA	5	1,3
PAÍSES BAIXOS	5	1,3
CHINA	4	1,1
ISRAEL	4	1,1
MÉXICO	4	1,1
SUÍÇA	4	1,1
DINAMARCA	3	0,8
TURQUIA	3	0,8
ARGENTINA	2	0,5
ÁUSTRIA	2	0,5
COREIA DO SUL	2	0,5
PORTUGAL	2	0,5
TAIWAN	2	0,5
OUTROS	14	3,7
Total	376	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Os Estados Unidos apareceram como o principal país, seguido de Reino Unido, Brasil e Canadá. Na opção “outros”, foram reunidos os países com apenas uma ocorrência, totalizando 14 países com o percentual de 3,7%. Os Estados Unidos tiveram 42,6% da produção de artigos entre as quatro áreas das ciências sociais estudadas. Em segundo lugar, ficou o Reino Unido, com 13,3% da produção de artigos.

Diante desses números, em que poucos países concentram a maior quantidade de artigos e vários países concentram poucos artigos, foi produzido um gráfico de dispersão conforme segue.

Figura 11 - Produção de artigos publicados por país.

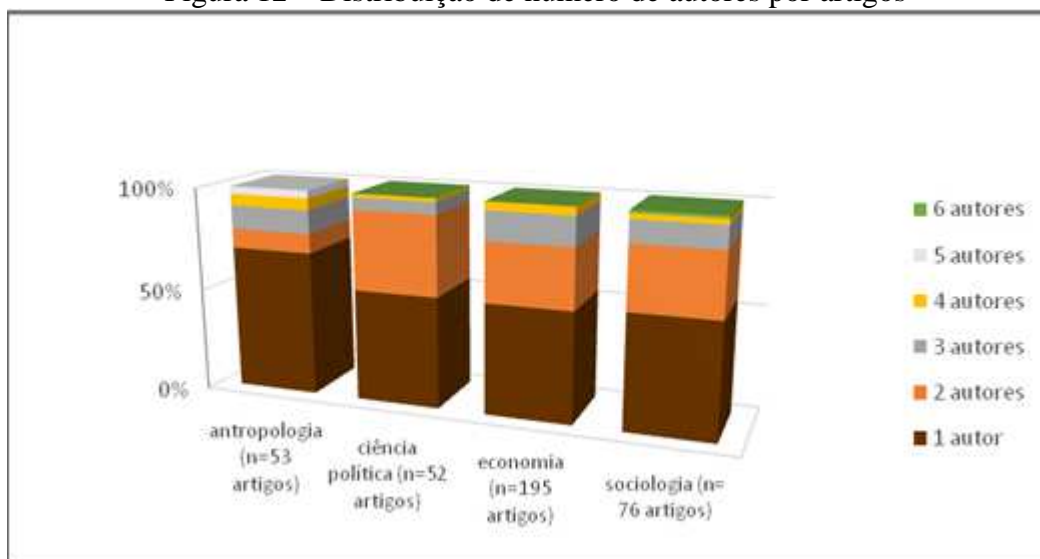


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

O gráfico da Fig. 11 representa a produção de artigos publicados por país, conforme a localização da instituição à qual o autor é vinculado, nas quatro áreas estudadas. Assim, é possível identificar, a partir desse gráfico, uma distribuição gráfica em forma de “J” inverso com uma longa cauda de pequenos países produtores.

Como descrito anteriormente, o número de autores foi verificado no corpo do artigo. A Fig. 12 apresenta o quadro de distribuição de quantidade de autores por artigo. Como se pode perceber no total das ciências sociais analisadas, a preferência geral é por autoria simples.

Figura 12 – Distribuição de número de autores por artigos



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Na amostra estudada de artigos, as autorias únicas foram maioria nas quatro disciplinas estudadas, superando, em todas, 50%. Essa predominância foi maior na antropologia, ultrapassando dois terços dos artigos, e alcançando, nas outras três disciplinas, percentagem bem semelhante, em torno de 53%. Autorias formadas por dois autores foram mais presentes em autorias dos artigos de economia, ciência política e sociologia, mas não em antropologia. De maneira geral, observa-se certa semelhança na distribuição percentual de autorias nessas três disciplinas, mas não na antropologia.

Como se pode perceber, economia difere das demais disciplinas por apresentar artigos publicados em autoria múltipla em todas as variâncias de quantidade de autores (1-6 autores). Sociologia e ciência política apresentaram menor variância entre números de autores, sendo que a primeira variou entre dois e seis autores, e a segunda entre dois e três autores.

O idioma mais utilizado por todas as áreas foi o inglês, lembrando que a amostra de artigos foi composta a partir de estratos A1 e A2 de periódicos do Qualis da Capes, que podem incluir mais periódicos internacionais que os estratos mais baixos. Entretanto a tabela 6 e Fig. 13, com o demonstrativo de

idioma por artigo, salientam que a disciplina de economia tem praticamente 100% de seus artigos, nos estratos considerados nesta amostra, escritos na língua inglesa, enquanto antropologia é a disciplina que tem menos artigos em inglês e distribui seus artigos entre as outras línguas.

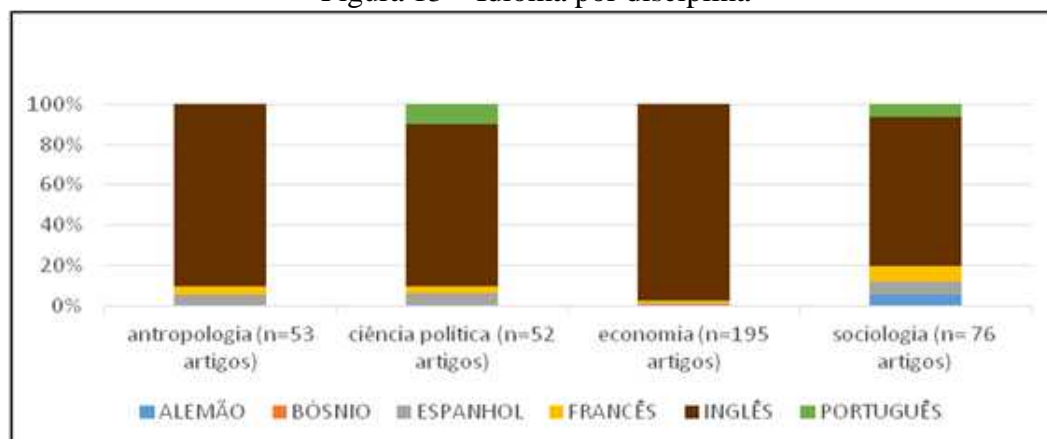
Tabela 6 – Idioma por disciplina

IDIOMA/ÁREA	Economia	Sociologia	Antropologia	Ciência Política	TOTAL
ALEMÃO	0	4	0	0	4
BÓSNIO	1	0	0	0	1
ESPAÑHOL	1	6	3	3	13
FRANCÊS	3	5	2	2	12
INGLÊS	190	56	48	42	336
PORTUGUÊS	0	5	0	5	10
TOTAL	195	76	53	52	376

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Os cinco idiomas identificados na investigação foram o inglês, francês, espanhol, português, alemão e um caso no qual o artigo foi escrito no idioma bósnio. Nessa mesma ordem estão as preferências, sendo o inglês o idioma com maior número e alemão com menor número de artigos. Percentualmente, considerando todos os artigos das quatro disciplinas estudadas na amostra, a maioria é escrita em inglês: 98% na economia, 90% na antropologia, 80% na ciência política e 74% na sociologia.

Figura 13 – Idioma por disciplina



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Finalizando este tópico, foi estabelecida uma visão geral que permite inferir que nos artigos que fizeram parte da amostra da pesquisa: os Estados

Unidos foi o país principal; que a autoria única é a preferencial; e que o idioma mais utilizado é o inglês.

8.2.2 Análise das inter-relações dos departamentos

Apresenta-se, a seguir, a segunda parte das análises envolvendo os departamentos (faculdades, institutos, etc.) das instituições às quais os autores dos 376 artigos da amostra são vinculados. Esta segunda etapa consiste em análises descritiva e de redes sociais por meio do estudo das matrizes de inter-relação dos departamentos declarados pelos autores nos artigos da amostra estudada. Optou-se por manter o nome completo do departamento para facilitar o entendimento dos quadros, tabelas e da matriz de dados (Apêndice A). A referida matriz foi base para o desenvolvimento de todas as análises de inter-relação entre departamentos.

Os artigos da amostra somaram 376. No entanto, após a eliminação daqueles que não declararam afiliação a nenhum departamento ou que registraram afiliação ao menos de dois departamentos diferentes, e ainda, após a padronização dos dados, restaram 60 artigos. Nesses 60 artigos, que registraram afiliações dois ou mais departamentos diferentes, foram identificados 122 departamentos que estão distribuídos na Tabela 7 por disciplina.

Tabela 7 - Quantidade de departamentos vinculados a artigos escritos em colaboração

Disciplina	Quantidade de departamentos	%
Economia	48	40
Sociologia	26	21
Antropologia	37	31
Ciência Política	11	9
Total	122	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Os dados da amostra revelam que a maior quantidade de departamentos que se inter-relacionam é de economia, 40% do total. Os departamentos de

antropologia vêm em segundo lugar em número de inter-relacionamentos, 31%, seguidos dos departamentos de sociologia, 26%, e, registrando o menor número, os departamentos de ciência política, com 11% do total. A seguir Tabela 8, apresenta-se a análise descritiva da centralidade de ocorrência dos departamentos vinculados aos autores dos artigos das disciplinas estudadas.

Tabela 8 - Estatística descritiva do grau de centralidade dos departamentos

Medida	Ocorrência
Média	1.453
Desvio Padrão	0.865
Soma	186.000
Variância	0.748
Mínimo	0.000
Máximo	5.000

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Conforme a centralidade da rede, a descritiva estatística mostra que a média é de quase 1,5 e desvio menor que 1. Não houve ocorrência mínima; e a máxima foi de 5, ou seja, um mesmo departamento pode se inter-relacionar até cinco vezes com outros. O total de departamentos ilustra tais repetições, são 186.00 entradas, sendo que individualmente são somente 122 departamentos.

A Tabela 9 traz o aprofundamento dos indicadores de centralidade dos 122 departamentos com maior ocorrência na rede.

Tabela 9 - Medidas entre os departamentos com mais de dois inter-relacionamentos

Departamento	Grau de centralidade	Grau de intermediação	Grau de proximidade
Institute of Human Origins_Arizona State University-A	5.000	0.000	0,337
School of Human Evolution and Social Change_Arizona State University-A	5.000	0.000	0,333
Department of Orthopaedics_Mt. Sinai School of Medicine-A	3.000	0.000	0,337
Department of Veterinary Sciences_University of Texas-A	3.000	0.000	0,337
Department of Economics_University of Iowa-E	3.000	2.000	0,337
Department of Material Science and Engineering_Johns Hopkins University-A	3.000	0.000	0,335
Department of Sociology_Duke University-E	3.000	0.000	0,335
School of Geog., Archaeology and Palaeoecolog_Queen's University Belfast-A	3.000	0.000	0,334
School of Psychology_University of St Andrews-A	3.000	0.000	0,333
Beijing Normal University_School of Geography-S	2.000	0.000	0,337
Departamento de Sociologia_Universidade Federal de Minas Gerais-CP	2.000	0.000	0,337
Department of Anthropology_Durham University-A	2.000	0.000	0,337
Department of Life Sciences_Imperial College London-S	2.000	0.000	0,337
Finance Department_University of Pennsylvania-E	2.000	0.000	0,337
Saxo Institute_University of Copenhagen-A	2.000	0.000	0,335
Department of Economics_University of California-E	2.000	0.000	0,335
Department of Economics_Boston College-E	2.000	0.000	0,335
Department of Gender and Cultural Studies_University of Sydney-S	2.000	0.000	0,335
Department of Prehistoric Archaeology_Aarhus University-A	2.000	0.000	0,335
Economics Department_University of Michigan-E	2.000	0.000	0,335
Groupe de Rec. A. et Contexte_École des Hautes Études en Sciences Sociales-A	2.000	0.000	0,335
Institut für Soziologie_Johannes Kepler Universität-S	2.000	0.000	0,335
Institut für Soziologie_Technische Universität Dortmund-S	2.000	0.000	0,335
Institute of Mathematics_National Academy of Sciences of Ukraine-E	2.000	0.000	0,335
Oxford Radiocarbon Accelerator Unit_University of Oxford-A	2.000	0.000	0,335
School of Anatomical Sciences_University of the Witwatersrand-A	2.000	0.000	0,335
School of Social Science_University of Queensland-A	2.000	0.000	0,335
Sociology Department_Washington State University-S	2.000	0.000	0,335
Center for Functional Anatomy and Evolution_Johns Hopkins University-A	2.000	0.000	0,333
Centre for Regional Science_Umeå University-E	2.000	0.000	0,333
Department of Archaeology_University of Calgary-S	2.000	0.000	0,333
Department of Archaeology_University of York-A	2.000	0.000	0,333
Department of D. and Security_Deutsches Inst. für Wirtschaftsforschung-CP	2.000	0.000	0,333
Department of Health Policy and Management_University of Georgia-E	2.000	0.000	0,333
Department of International Health and Development_Tulane University-S	2.000	0.000	0,333
Department of Politics and International Relations_University of London-CP	2.000	0.000	0,333
Department of Sociology_Cornell University-S	2.000	0.000	0,333
Faculty of Law_University of Toronto-CP	2.000	0.000	0,333
Institute of health p. and cl. mov. science_German Sport University Cologne-A	2.000	0.000	0,333
McDonald Institute for Archaeological Research_University of Cambridge-A	2.000	0.000	0,333
Population Studies Center_University of Michigan-S	2.000	0.000	0,333
Royal Government of Cambodia_Ministry of Environment-S	2.000	0.000	0,333
School of Archaeology_University of Liverpool-A	2.000	0.000	0,333
School of Economics_University of Sydney-E	2.000	0.000	0,333
Swiss Finance Institute_University of Lugano-E	2.000	0.000	0,333
Wharton School_University of Pennsylvania-E	2.000	0.000	0,333

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

O maior grau de centralidade da rede é do Institute of Human Origins e a School of Human Evolution and Social Change, dois departamentos da Arizona State University, Estados Unidos, que estão vinculados a artigos escritos em colaboração para periódicos de antropologia. As letras no final do nome

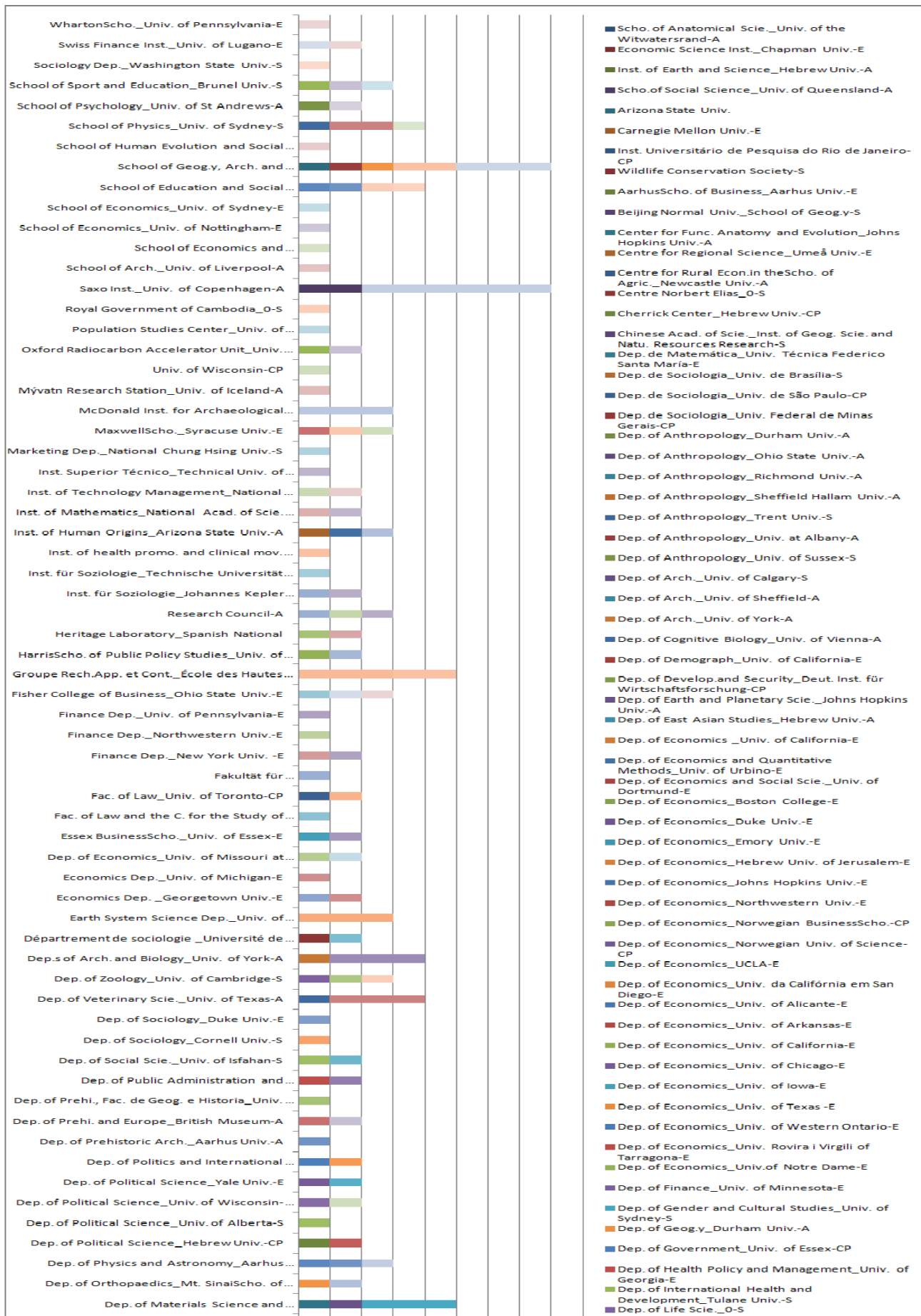
significam respectivamente a área a qual o departamento está vinculado, sendo: E-economia, S-sociologia, A-antropologia e CP Ciência Política.

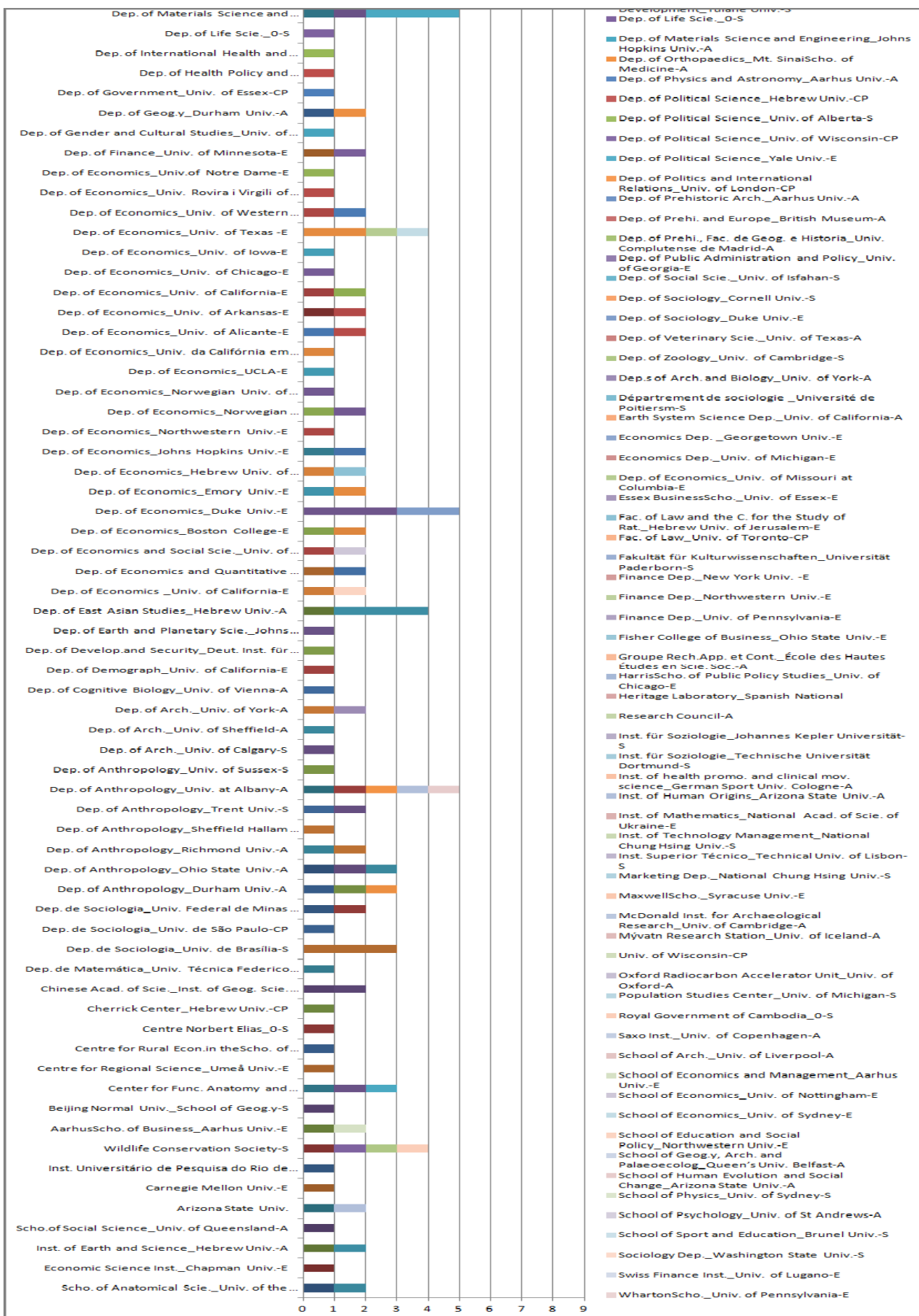
O maior número de departamentos com graus mais altos de centralidade da rede (5-3) são de antropologia, 7, seguida de economia com 2 departamentos. Porém a única disciplina que apresentou departamento com grau de intermediação foi a economia, grau 2. O departamento que promoveu essa intermediação foi o Department of Economics da University of Iowa, Estados Unidos. E o grau de proximidade da rede apresentou números de 0,333 a 0,337 — não variando significativamente.

Ciência política é a disciplina que revelou menor número de departamentos na rede, seguida de sociologia, as duas disciplinas também apresentaram os menores graus de centralidade, intermediação e proximidade.

A seguir, a Fig. 14 representa a inter-relação entre os departamentos vinculados aos autores que publicaram em colaboração artigos dos periódicos listados no Qualis “A” das quatro disciplinas estudadas. O nome do departamento é seguido pelo nome da instituição e a letra que simboliza a disciplina a qual está vinculado, sendo: A – antropologia, CP – ciência política, E – economia e S – sociologia respectivamente.

Figura 14 - Inter-relação dos departamentos





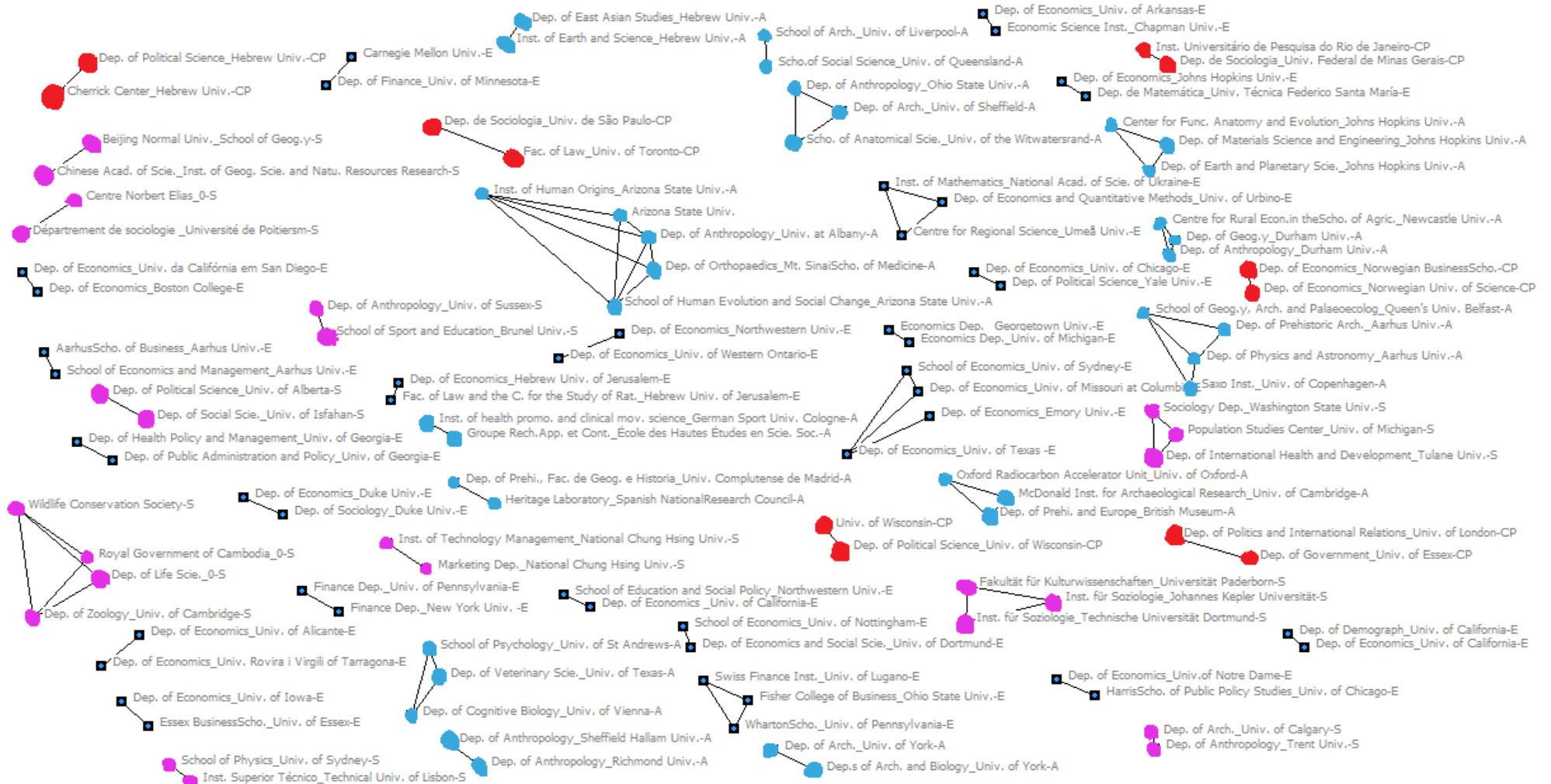
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Como pôde ser verificado, Fig. 14, o departamento que mais se intrareacionou foi a School of Archaeology, da University of Liverpool, Reino Unido, da disciplina de antropologia, a qual, na amostra estudada, apresentou maior número de ocorrências. A School of Archaeology tem a maior relação “intradepartamental”, ou seja, mais de um autor do mesmo departamento. Sua inter-relação foi somente com a School of Social Science da University of Queensland, Austrália, também de antropologia.

A School of Human Evolution and Social Change da Arizona State University, Estados Unidos, listada pela disciplina de antropologia, foi o departamento da amostra estudada que mais se inter-relacionou com outros departamentos. Esses inter-relacionamentos estão registrados em artigos escritos em colaboração para periódicos de antropologia.

A Fig. 15 traz as redes de inter-relação dos departamentos.

Figura 15 - Rede entre departamentos



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013

Na rede, a cor lilás representa sociologia; azul-escuro, economia; e azul-claro, antropologia. Nessa rede, Fig. 15, detectou-se que a ciência política não apareceu entre as principais redes do emaranhado. E antropologia foi a disciplina que mais formou redes significativas a partir da amostra estudada. Economia foi a disciplina que apresentou maior número de departamentos na rede e sociologia formou apenas uma rede secundária e composta por quatro departamentos.

8.2.3 Análise das inter-relações das instituições

Neste item, buscou-se verificar nas autorias múltiplas da amostra de artigos de periódicos das listas Qualis de cada uma das quatro áreas, estratos A1 e A2 com origem na própria área, a ocorrência de colaboração entre autores com vínculo em instituições diferentes.

A Tabela 10 traz o quantitativo de instituições diferentes por artigo e seu percentual cumulativo. Faz-se necessário salientar que esses dados são referentes aos 165 artigos da amostra escritos em colaboração, pois os demais 211 artigos da amostra são de autoria única. O número de instituições se refere à quantidade de instituições diferentes às quais os autores que deram origem ao artigo são vinculados, ou seja, caso houvesse dois autores em uma mesma instituição, esta foi contabilizada como um.

Tabela 10 - Número de instituições diferentes por artigo

INSTITUIÇÕES	ARTIGOS	%
1	51	31
2	88	54
3	22	13
4	4	2
Total	165	100%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos com autoria múltipla da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Do total de artigos escritos em colaboração, a maioria, 88 artigos, indicou duas instituições diferentes, totalizando, dessa forma, 53%. Em seguida, observou-se a colaboração na mesma instituição — 31%, enquanto apenas 15% do total de instituições registraram três ou mais instituições.

A seguir, a Tabela 11 apresenta a estatística descritiva do grau de centralidade das instituições. Todos os dados para os resultados a seguir foram gerados a partir da matriz de dados de instituições da amostra, no Apêndice A.

Tabela 116 - Estatística descritiva do Grau de Centralidade da rede das instituições

MEDIDAS	OCORRÊNCIAS
Média	4.023
Desvio Padrão	12.630
Soma	1.046.000
Variância	159.507
Mínimo	1.000
Máximo	189.000

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Conforme a centralidade da rede, a descritiva estatística mostra que a média foi superior a 4 e desvio acima de 12. A ocorrência mínima foi de 1 e a máxima, de 189. O total de instituições individuais foi de 238, vinculadas a autores que publicaram em colaboração entre os artigos da amostra selecionada para o estudo, mas o total de entradas, por causa das repetições, somou 1046.

A Tabela 12 apresenta o grau de centralidade, intermediação e de proximidade entre as Instituições da amostra selecionada.

Tabela 72 – Medidas entre as instituições com mais de dois inter-relacionamentos

INSTITUIÇÕES	Grau de centralidade	Grau de intermediação	Grau de proximidade
University of Cambridge	9	5.000	0.429
London School of Economics	7	13.000	0.422
Ohio State University	6	0.000	0.425
University of Minnesota	6	24.000	0.427
University of Texas	6	8.000	0.433
University of Birmingham	5	4.000	0.427
University of California	5	16.000	0.433
University of London	5	3.000	0.426
Wildlife Conservation Society	5	0.000	0.431
Aarhus University	4	4.000	0.424
Cornell University	4	0.000	0.427
University of Sydney	4	0.000	0.420
University of Toronto	4	3.000	0.426
CREST-ENSAE	3	0.000	0.420
Duke University	3	0.000	0.440
École des Hautes Études en Sciences Sociales	3	0.000	0.426
Erasmus Universiteit Rotterdam	3	0.000	0.420
Federal Reserve Board	3	0.000	0.422
Federal Reserve Bank of San Francisco	3	0.000	0.422
Georgetown University	3	2.000	0.423
Harvard Business School	3	0.000	0.420
Institute of Innovation and Knowledge Management	3	0.000	0.424
Mt. Sinai School of Medicine	3	0.000	0.424
Queen's University Belfast	3	2.000	0.424
Universidad Autónoma de Madrid	3	0.000	0.420
Université Ottawa	3	1.000	0.422
University of Copenhagen	3	2.000	0.424
University of Essex	3	5.000	0.422
University of Sheffield	3	2.000	0.424
University of Vienna	3	0.000	0.420

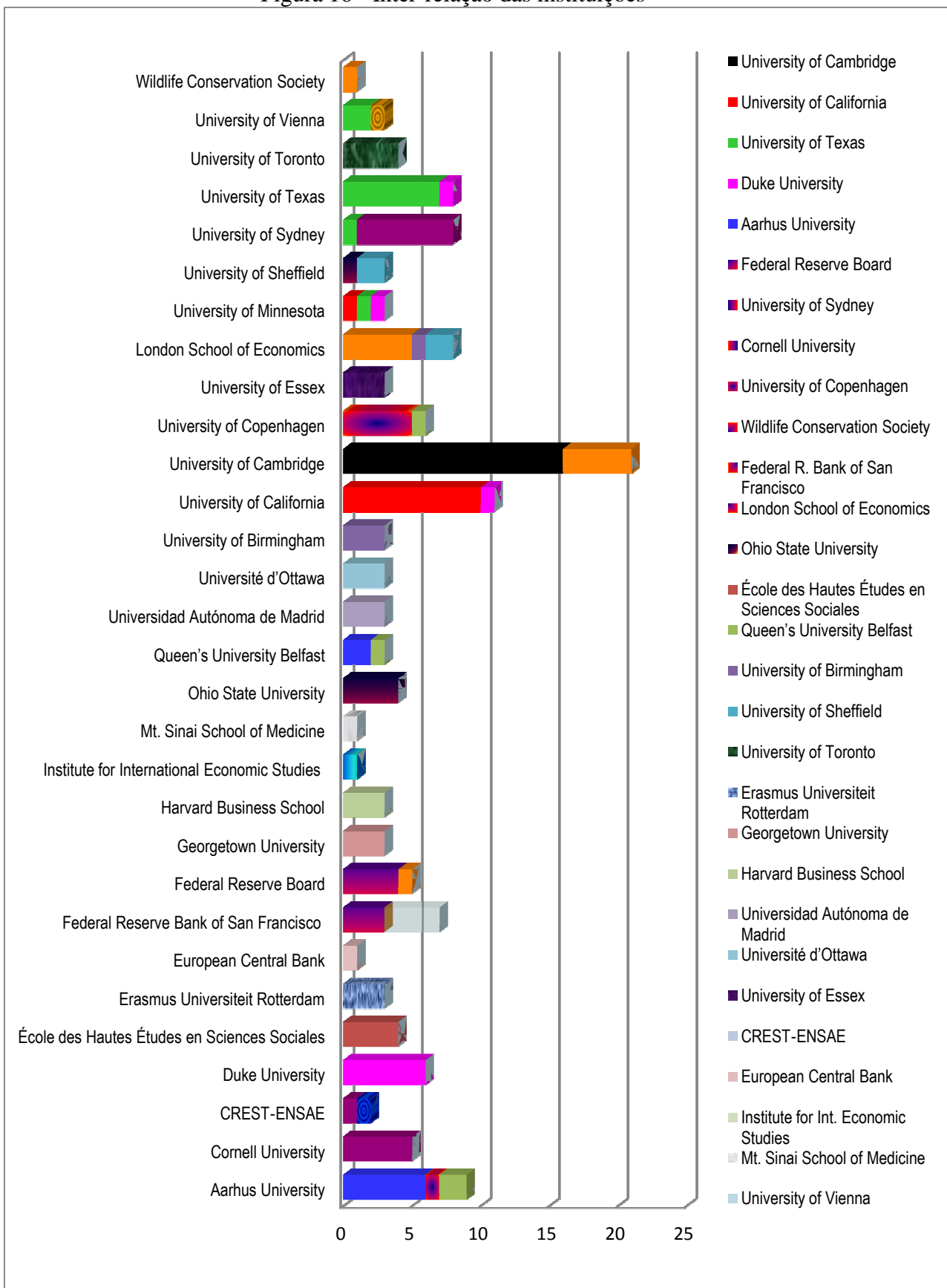
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

A instituição que revelou maior grau de centralidade foi a University of Cambridge, Reino Unido, com grau 9, seguida pela London School of Economics, Reino Unido — com 7. Entretanto a instituição com maior grau de intermediação foi a University of Minnesota, Estados Unidos — 24 — seguida pela University of California, Estados Unidos, com 16, e a terceira instituição com maior grau de intermediação foi a segunda em centralidade a London

School of Economics, Reino Unido, com 13. A Duke University, Estados Unidos, teve o maior grau de proximidade, igual a 440, seguida pela University of Texas e University of California, ambas nos Estados Unidos e ambas com 433.

A Fig. 16 apresenta o gráfico em barras da inter-relação entre as principais instituições às quais os autores que escreveram artigo em colaboração são vinculados, a sua matriz está no Apêndice 2. É importante destacar que a matriz original da amostra de instituições possui 238 universidades e os dados do gráfico a seguir se restringiram ao grupo das 29 instituições que tiveram mais ocorrências de relacionamento para uma melhor visualização dos casos.

Figura 16 - Inter-relação das instituições

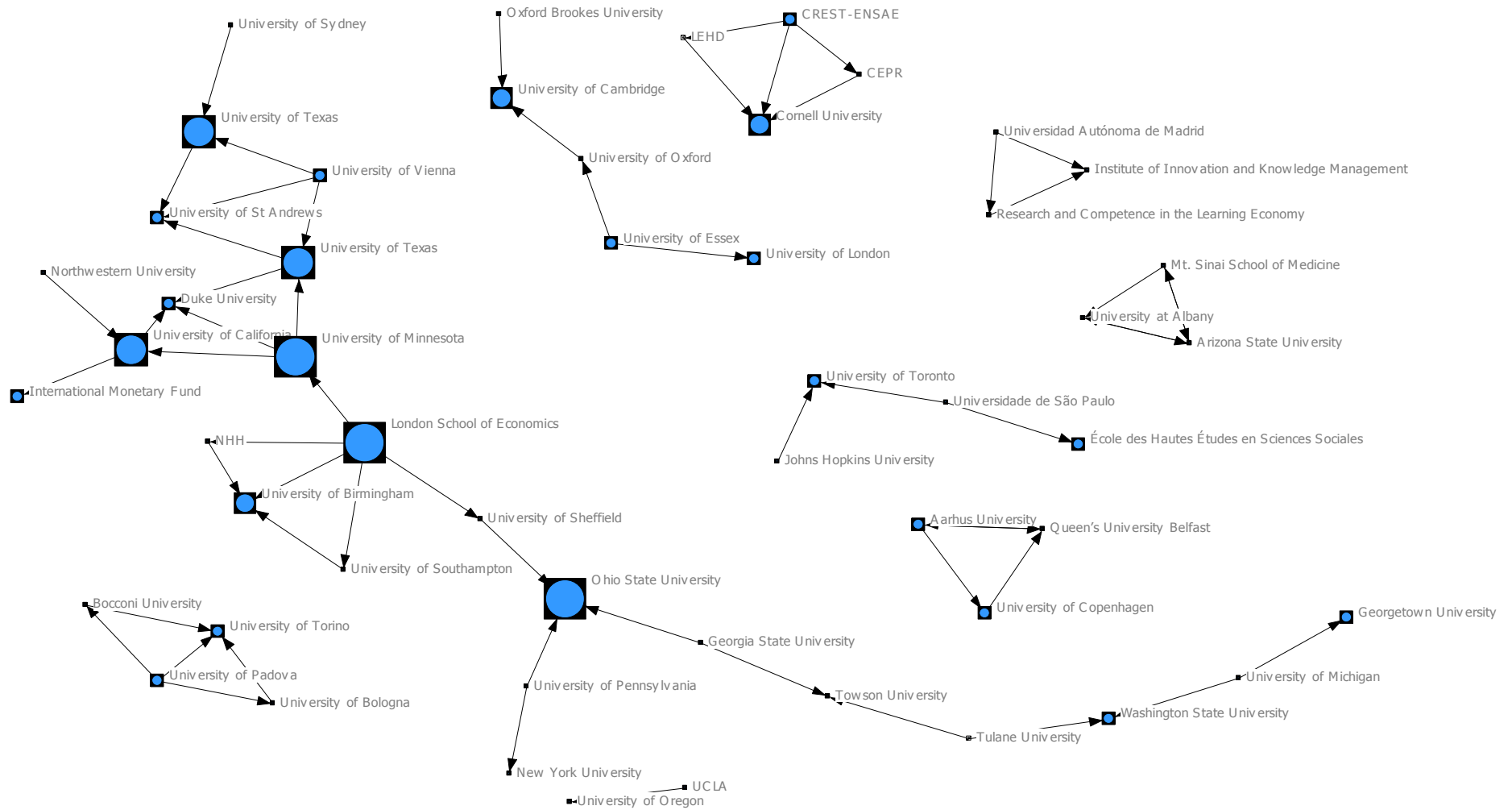


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Entre as 29 instituições que mais se inter-relacionaram na amostra estudada, a University of Cambridge, Reino Unido, teve mais de 20 relações, intra-institucionais e com a Duke University, Estados Unidos. Essa última também compôs as inter-relações da University of California, Estados Unidos, que, por sua vez, teve 11 ocorrências. Porém a Aarhus University, Dinamarca, mesmo sendo a terceira em número de ocorrência de relações, teve artigo publicado com duas outras instituições: a Queen's University Belfast, Irlanda do Norte- Reino Unido, e a University of Copenhagen, Dinamarca.

A rede dessas principais inter-relações entre instituições é assinalada com os dados do grafo da Fig. 17. A rede revela um grande grupo de instituições ligadas por relações fracas, as linhas não são densas, e outros pequenos grupos sem relações fortes. Para esse grafo se manteve a mesma cor para todas as instituições e aquelas com maior força na rede tem maior tamanho de nó.

Figura 17 - Rede das principais inter-relações entre instituições



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013

A Tabela 13 traz o grau de centralidade das instituições conforme a disciplina à qual está vinculada.

Tabela 8 - Grau de centralidade das instituições conforme disciplina vinculada

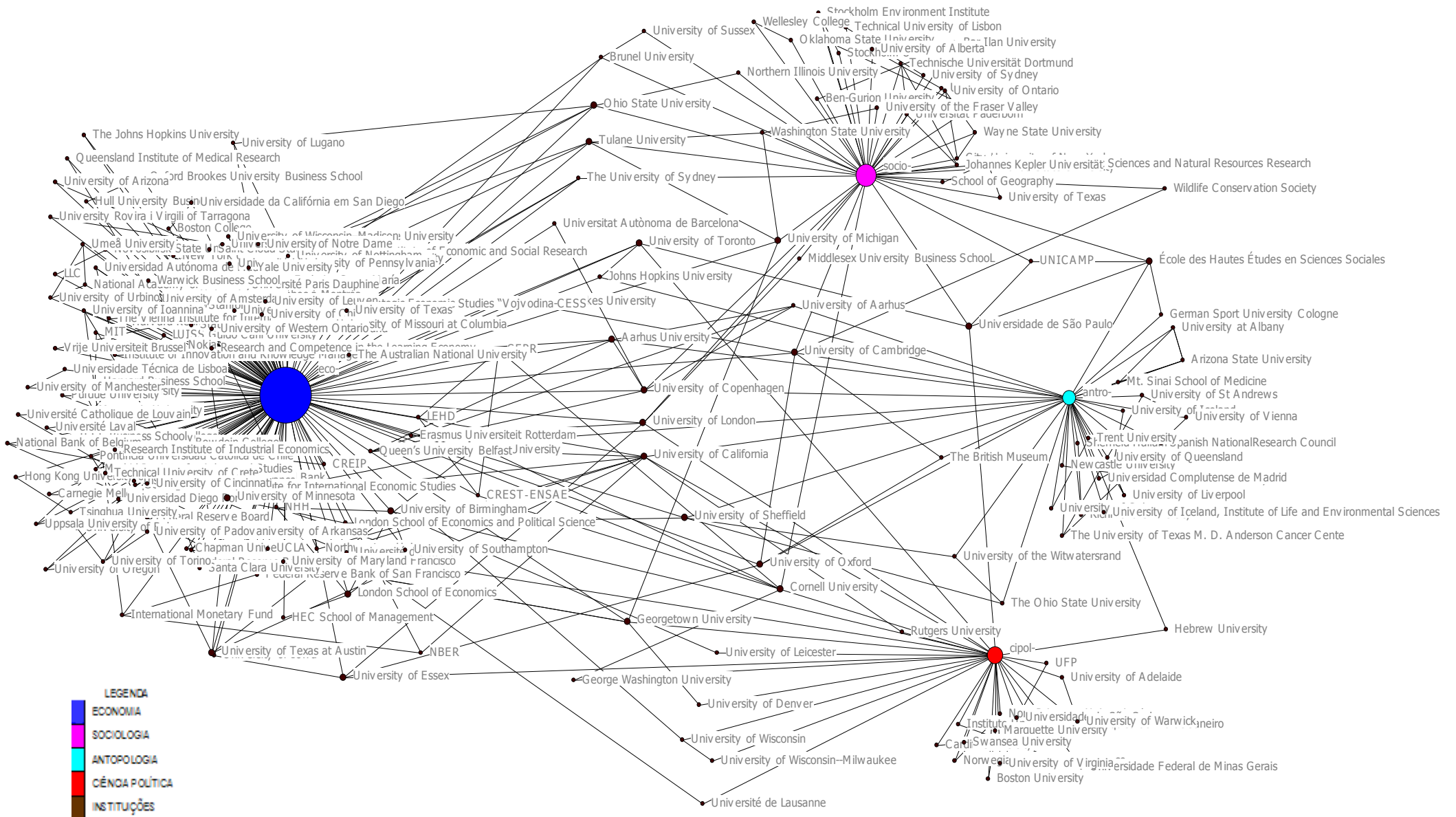
DISCIPLINA	Grau de Centralidade
Economia	189
Sociologia	57
Antropologia	49
Ciência Política	40

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Conforme os dados, economia foi a disciplina mais central entre as quatro estudadas. A disciplina sozinha teve grau de centralidade maior que a somas das outras três, 189, seguida pela sociologia, com 57; antropologia, 49; e ciência política, 40. O resultado, na amostra estudada, pode indicar que dentre as quatro áreas economia é a que mais se comunica institucionalmente.

O grafo da rede de instituições conforme a disciplina à qual está vinculada segue na Fig. 18. O nó de cor azul-escuro representa economia; lilás, sociologia; azul-clara, antropologia; vermelha, ciência política; e os azuis quadrados, são as instituições.

Figura 18 - Rede de colaboração entre as instituições



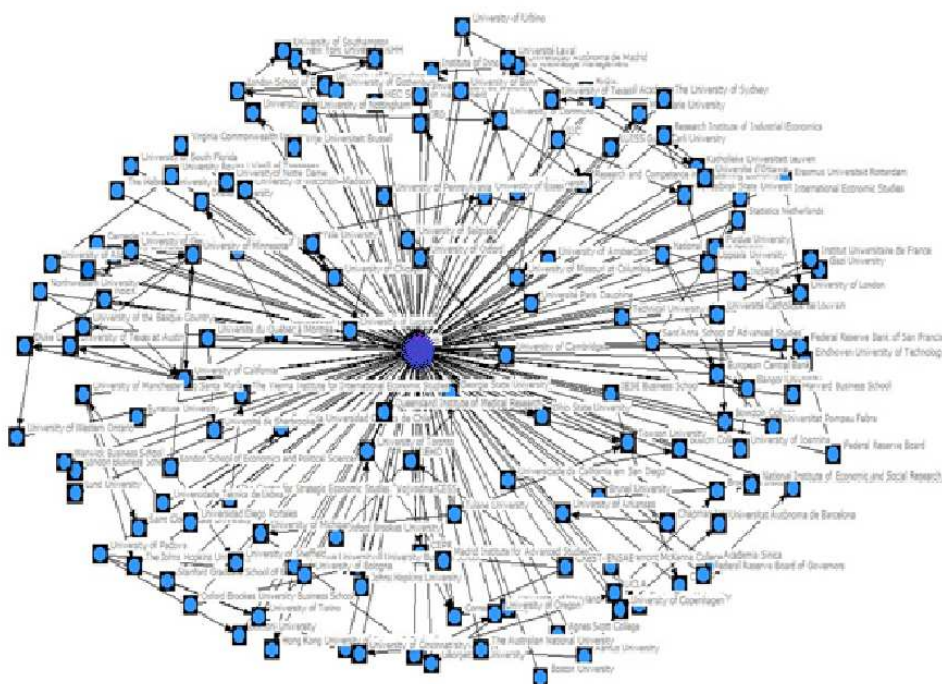
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Na Fig. 18, estão representadas as redes de colaboração entre economia, sociologia, antropologia e ciência política formada pelas instituições. As quatro áreas representadas por quatro coloridos e as instituições pela cor marrom, conforme legenda. Pôde-se perceber que uma área concentra a maioria das instituições, essa é economia, seguida de sociologia, antropologia e ciência política. Porém todas se inter-relacionam por meio de uma instituição.

Destaca-se nesta rede duas instituições brasileiras a UNICAMP e a USP que formam pontes de colaboração entre as quatro áreas.

Ao observar as disciplinas de modo desmembrado do contexto global, foi possível aprofundar-se nas informações e na dinâmica de cada uma das disciplinas e das instituições (Fig.s 19 a 22).

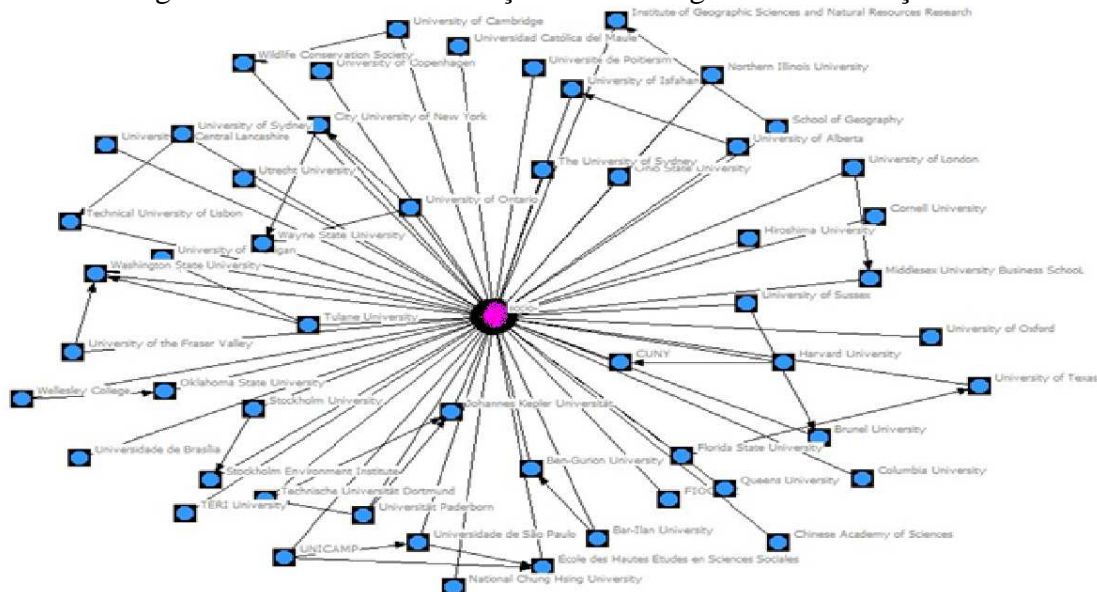
Figura 19 - Rede de colaboração de Economia entre instituições



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

A rede de instituições que se inter-relacionaram por meio do interesse na disciplina economia teve um total de 159 instituições. Foi o maior aglomerado entre as demais disciplinas.

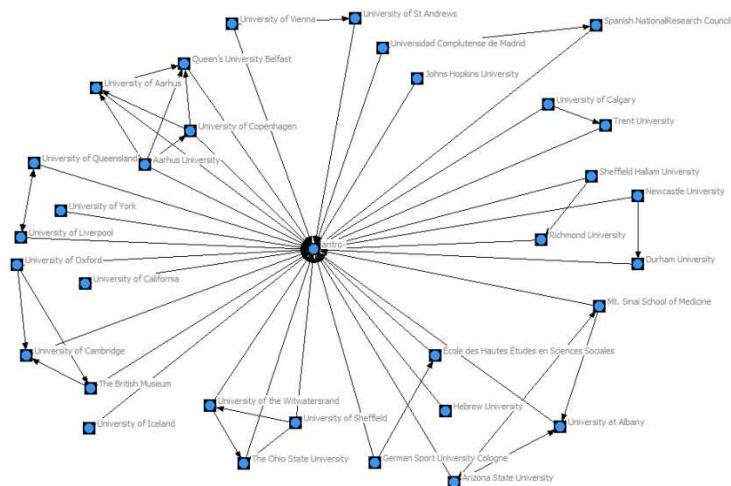
Figura 20 - Rede de colaboração de Sociologia entre instituições



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

A rede composta pelas instituições que se inter-relacionaram com sociologia foi composta por 53 instituições. A sociologia formou a segunda maior rede de instituições entre as quatro disciplinas estudadas.

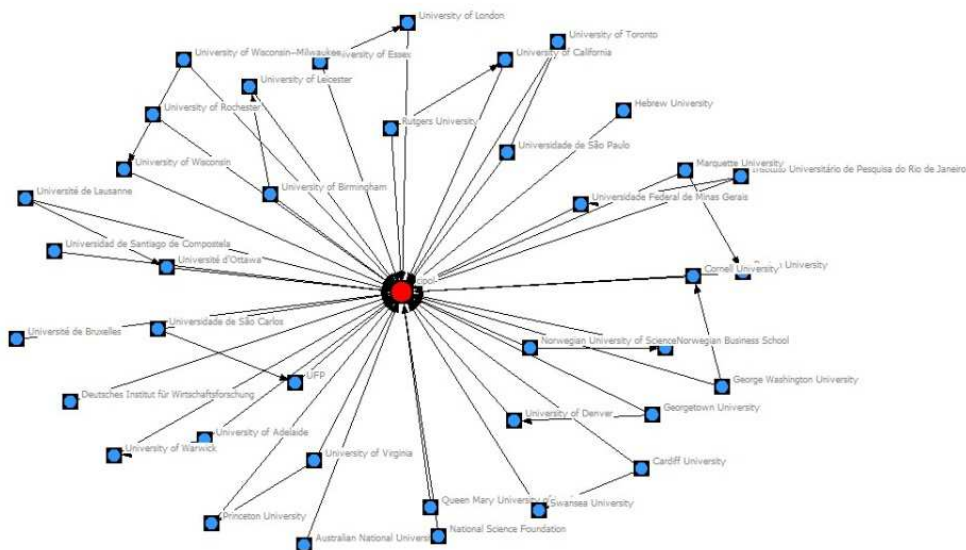
Figura 21 - Rede de colaboração de Antropologia entre instituições



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

As redes de antropologia, com 34 instituições, e de ciência política, com 38 instituições, foram as menores.

Figura 22- Rede de colaboração de Ciência Política entre instituições



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

8.2.4 Análise das inter-relações dos países

A análise das inter-relações dos países apresenta os resultados obtidos da amostra referente aos países aos quais os autores são filiados. Para este item, foram retirados da amostra de 376 artigos aqueles que registraram autorias em colaboração entre países, resultando em 32 artigos.

Após a limpeza dos dados, a matriz foi construída com 27 países, matriz disponível no Apêndice 3. A descritiva estatística da centralidade dos países segue na Tabela 14.

Tabela 14 - Descritiva estatística de artigos por disciplina com colaboração entre países

Medidas	Ocorrências
Média	2.444
Desvio Padrão	2.217
Soma	66.000
Mínimo	1.000
Máximo	9.000
Contagem	27.000

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

A média de ocorrências de países foi maior que dois e com desvio padrão também maior que dois. O máximo de ocorrências foi nove; e o mínimo, um. O total de países é 27, porém a soma das possibilidades é de 66.

A Tabela 15 apresenta o grau de centralidade, intermediação e proximidade da rede entre países.

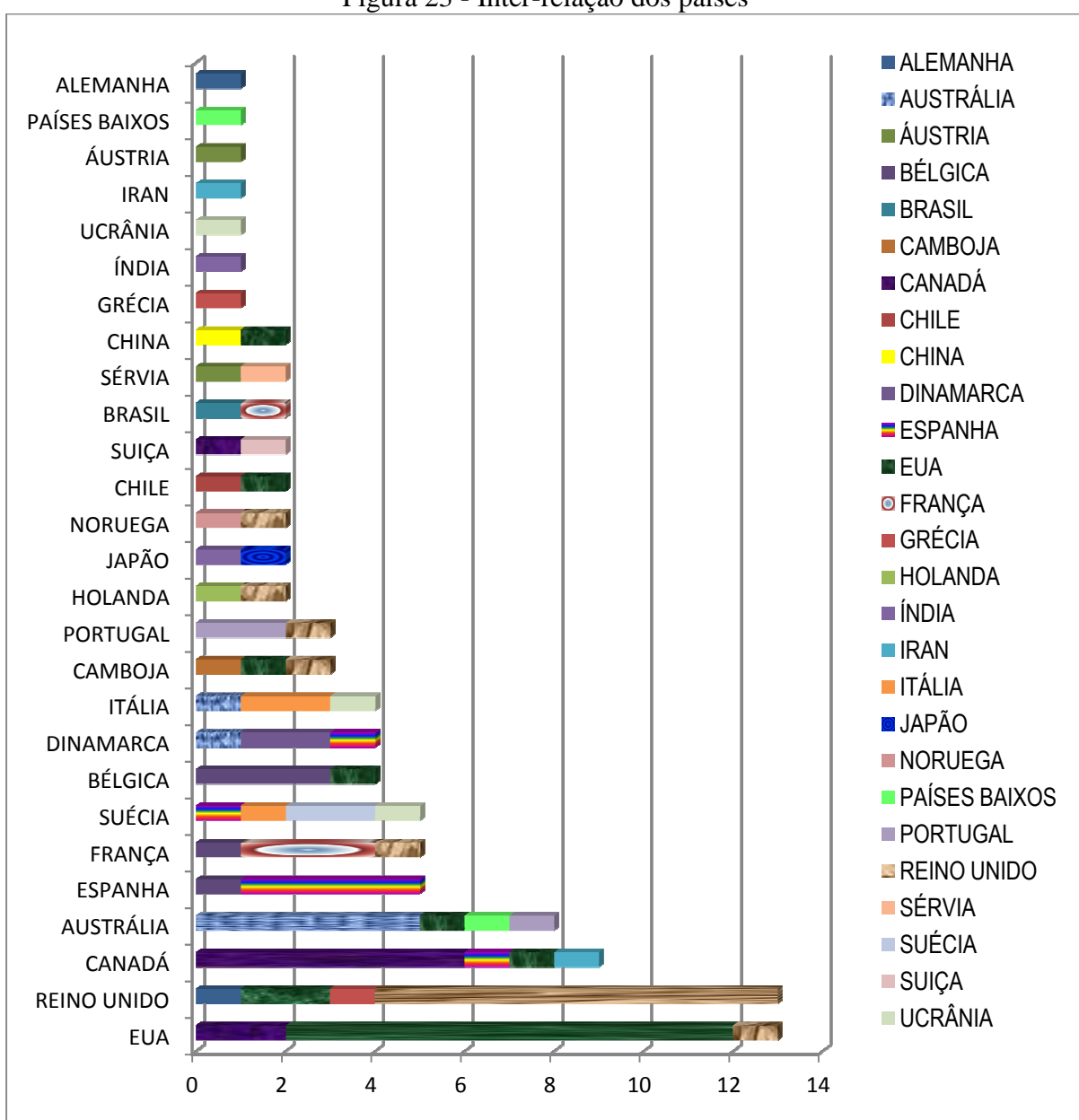
Tabela 15 - Grau de centralidade, intermediação e proximidade entre países

País	Grau de centralidade	Grau de intermediação	Grau de proximidade
EUA	8	75.500	0.313
REINO UNIDO	6	53.000	0.295
CANADÁ	3	46.000	0.268
ESPAÑA	3	16.500	0.250
AUSTRÁLIA	2	23.500	0.183
BÉLGICA	2	12.500	0.236
UCRÂNIA	2	0.000	0.178
ALEMANHA	1	0.000	0.260
ÁUSTRIA	1	0.000	0.172
FRANÇA	1	8.000	0.172
GRÉCIA	1	0.000	0.26
ÍNDIA	1	0.000	0.172
IRAN	1	6.500	0.239
ITÁLIA	1	0.000	0.172
PAÍSES BAIXOS	1	0.000	0.186
PORTUGAL	1	5.500	0.186
BRASIL	0	0.000	0.167
CAMBOJA	0	0.000	0.167
CHILE	0	0.000	0.167
CHINA	0	0.000	0.167
DINAMARCA	0	0.000	0.167
HOLANDA	0	0.000	0.167
JAPÃO	0	0.000	0.167
NORUEGA	0	0.000	0.167
SÉRVIA	0	0.000	0.167
SUÉCIA	0	0.000	0.167
SUÍÇA	0	0.000	0.167

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

Os Estados Unidos foi o país com maior grau de centralidade, 8, de intermediação, 75,5 e também de proximidade, 0,313. O Reino Unido foi o segundo país em grau de centralidade, 6, intermediação, 53, e proximidade, 0,295. O terceiro país foi o Canadá, distante dos dois primeiros, com grau 3 de centralidade, 46 de intermediação e 0,268 de proximidade. A Espanha também apresentou grau 3 de centralidade, e marcas menores nas demais medidas (Tabela 14). Os 27 países mantiveram colaboração com pelo menos um outro país da amostra, por meio das autorias de artigos, conforme a Fig. 23.

Figura 23 - Inter-relação dos países

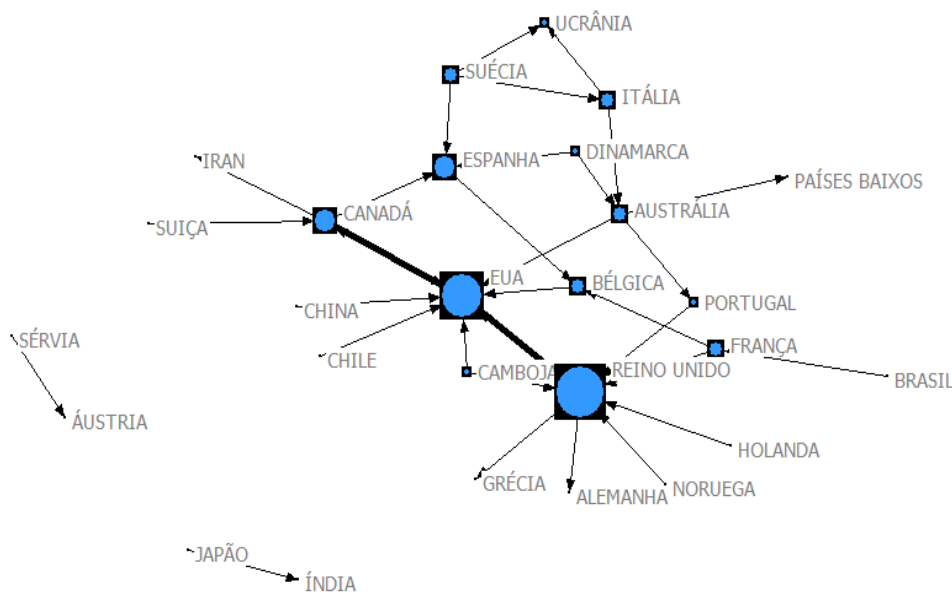


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013.

As barras representadas na Fig. 23 confirmam a tabela anterior em que os Estados Unidos destacaram-se significativamente como o país a inter-relacionar-se mais na amostra estudada, seguido do Reino Unido, Canadá, Espanha e Austrália.

A Fig. 24 representa a rede de centralidade de inter-relação dos países.

Figura 24 - Rede de inter-relação entre países



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013

A rede formada pelos países de afiliação declarada pelos autores de artigos em colaboração totalizou 27 nós e 33 linhas. Uma rede principal na qual todos se ligam e duas redes isoladas. Este grafo é uma representação da centralidade de inter-relação dos países, sendo que os principais estão ao centro da rede e em destaque. São eles: os Estados Unidos, o Reino Unido, Canadá e Espanha.

Os Estados Unidos se inter-relacionaram com quase todos os países da rede principal, e essa relação é especialmente forte com o Reino Unido e Canadá, como representada pela espessura dos laços. Entre os demais países da rede principal está o Brasil, que se inter-relacionou com a França. As duas redes secundárias são formadas pela Índia e Japão, e pela Sérvia e Áustria.

Sob o ponto de vista das disciplinas, a quantidade de países envolvidos nas inter-relações em artigos de economia, sociologia, antropologia e ciência política está exposta na Tabela 16.

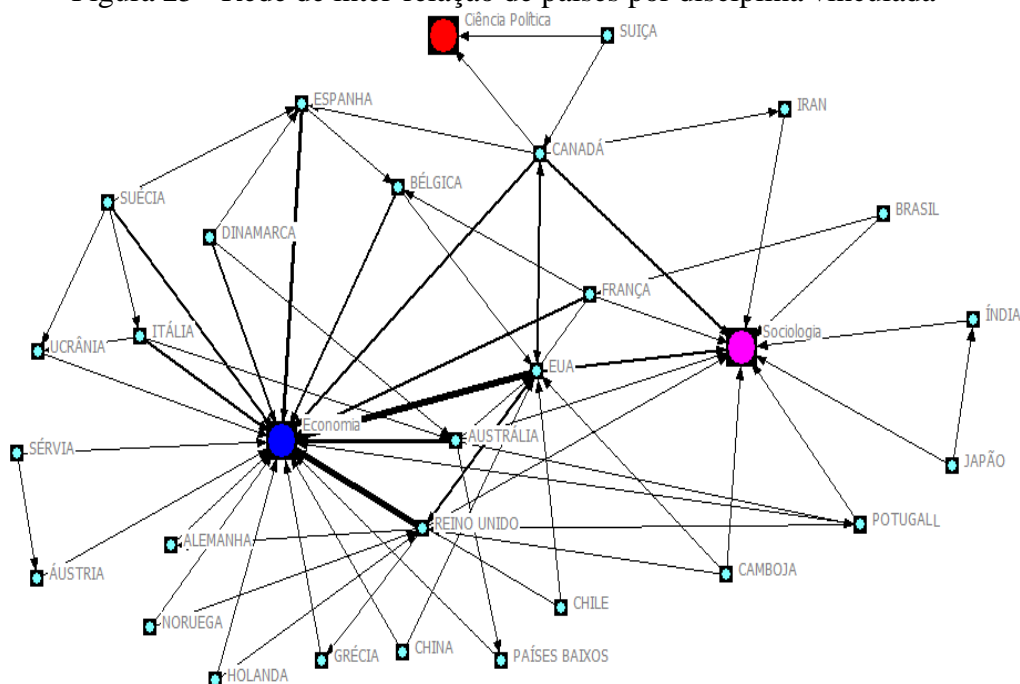
Tabela 16 - Quantidade de países que se inter-relacionam por disciplina estudada

Disciplina	N. de países
Economia	21
Sociologia	11
Antropologia	0
Ciência Política	2

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013

São 21 diferentes países registrados em artigos de economia, 11 países em artigos de sociologia, 2 países em artigos de ciência política. Não foi encontrada nenhuma ocorrência de artigos em colaboração internacional para a disciplina antropologia na amostra estudada. A rede que representa esses dados segue na Fig. 24. O nó vermelho representa ciência política; o azul-escuro, economia; o lilás, sociologia; e os azul-claros representam os países.

Figura 25 - Rede de inter-relação de países por disciplina vinculada



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos artigos da amostra extraída dos estratos Qualis, em agosto de 2013

A rede de inter-relação de países por disciplina vinculada possui 30 nós e 65 laços. Os laços mais fortes revelaram-se entre Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Espanha, em artigos da disciplina economia. Os Estados Unidos inter-relacionaram-se diretamente nas disciplinas economia e sociologia e indiretamente na disciplina ciência política, através do Canadá. O único país da amostra que manteve ligação direta nas três disciplinas, economia, sociologia e ciência política, foi o Canadá. O Brasil se inter-relacionou diretamente com os Estados Unidos na disciplina sociologia, e indiretamente, por meio da França, na disciplina economia.

9 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados analisados no capítulo anterior buscaram entender como se dá a interdisciplinaridade das disciplinas de economia, sociologia, ciência política e antropologia por meio da análise de características de artigos e periódicos dessas disciplinas, listados nos estratos Qualis A1 e A2 da Capes, no período de 2010 a 2012. A discussão de agora em diante é: de que forma esses resultados ajudaram a melhor compreender a interdisciplinaridade das ciências sociais?

Este estudo iniciou-se com um levantamento na literatura para verificar o nível de consenso sobre as disciplinas das ciências sociais, entre os autores que escrevem sobre esse assunto, entre eles clássicos das áreas sociais, livros texto de metodologia em pesquisa nessa área e livros de referência sobre serviços bibliotecários. Com os dados coletados pode-se perceber que há consenso total que a sociologia e a economia são disciplinas das ciências sociais e um consenso parcial para as disciplinas ciência política e antropologia. Outras disciplinas foram mencionadas por poucos autores. Assim, esta pesquisa teve como centro de sua análise as quatro disciplinas mais citadas: economia, sociologia, antropologia e ciência política.

Tradicionalmente, as características de inter-relacionamento entre pesquisas têm sido verificadas com o suporte de técnicas bibliométricas, que permitem monitorar quantitativamente a dinâmica da produção do conhecimento científico (PRICE, 1976). Nesta pesquisa, as técnicas bibliométricas e o estudo de redes sociais constituíram a base sobre a qual a inter-relação das disciplinas de economia, sociologia, antropologia e ciência política foi exposta no tema da comunicação científica.

De acordo com os estudos bibliométricos comumente utilizados e as análises de redes sociais aplicados à amostra de periódicos selecionada para esta pesquisa, pôde-se observar que em cada lista Qualis predominam os periódicos oriundos da própria área da lista. Mas percebe-se também que a proporção de

periódicos da própria área varia de lista para lista. Na lista de economia, a predominância de periódicos da própria área é de 89%: antropologia, 50%; ciência política com 45%; e sociologia, 31%.

Entre as quatro disciplinas estudadas, percebeu-se o quanto a economia se distancia das demais por estar centrada na sua própria área. Ou seja, ela indica pouco mais de 10% de periódicos de outras áreas como sendo de “qualidade”. Do mesmo modo, os resultados revelam que a disciplina já tem teorias, métodos próprios e objeto de estudo bem definidos, uma vez que referencia muito pouco outras áreas. O grafo da rede entre as disciplinas realça o isolamento da disciplina de economia, que, por sua vez, inter-relaciona-se somente com ciência política, sociologia e multidisciplinar, dessas, ela lista somente a multidisciplinar. Esse fato está em consonância com Rossetti (1987), Gastaldi (2001), Ziman (1968), Gulbenkian (1996), entre outros autores, que relatam o caráter universal da disciplina em questão.

Economia tem ainda o maior aglomerado, em comparação às outras disciplinas estudadas, na rede formada por instituições ligadas a uma disciplina. E ainda é a disciplina que apresenta maior grau de inter-relação internacional. Características próprias das ciências nomotéticas, como relatado por Wallerstein (2007), entre outros.

Pode-se inferir, ainda, que a sociologia é a mais interdisciplinar das quatro disciplinas estudadas, pois é a que indica maior quantidade de periódicos de outras áreas nas suas listas Qualis. O fato ressalta os trabalhos de Max Weber e Durkheim, que procuravam promover a interação sociológica das disciplinas, ou seja, da sociologia com outras disciplinas, de acordo com Bottomore (1962). Ademais, os resultados reforçam as afirmações de Lima e Cortes (2013) de que a sociologia desenvolve constante debate com a especificidade de seu objeto de estudo e questiona sua cientificidade. A disciplina se mostra dinâmica e reflexiva, incorporando saberes e contribuições de todas as formas de conhecimento (LIMA; CORTES, 2013).

Essas inferências se aplicam ainda ao resultado do grau de centralidade, intermediação e proximidade da rede formada pelas quatro disciplinas estudadas. Uma vez que a rede de sociologia tem o maior grau de centralização e é a única que possui capacidade de intermediação na rede, portanto, aplicando o conceito de Wasserman e Faust (1994), a sociologia atua como intermediadora (ponte) para que atores não adjacentes da rede possam se conectar por meio dela. Além de ser a disciplina com maior grau de centralidade e intermediação, sociologia, também, indicou maior grau de proximidade, ou seja, é a que está mais próxima das demais disciplinas estudadas.

Além disso, ao estudar o grafo formado pela rede composta entre as disciplinas estudadas e as áreas informadas pelos periódicos listados nos estratos das disciplinas estudadas, percebeu-se que a sociologia é central, mantendo relações diretas com todas as demais disciplinas. No entanto a maioria dessas relações representam as áreas declaradas pelos periódicos que sociologia lista, ou seja, todas as disciplinas possuem setas direcionadas à sociologia; por sua vez, a sociologia tem setas direcionadas somente à antropologia e ciência política.

A lista da antropologia, entre os estratos estudados, destaca-se por ser a disciplina que apresenta menos periódicos da própria área. Antropologia e sociologia são as únicas que incluíram periódicos das ciências naturais nos estratos mais altos de suas listas. De acordo com Barrio (2005), a antropologia física tem suas vertentes voltadas para áreas naturais, e isso pode explicar o fato da referida disciplina listar periódicos das ciências naturais. A área não lista periódicos de economia nem de ciência política, porém lista de sociologia, o que corrobora a expectativa de aproximação dessas duas disciplinas. Do mesmo modo, no grafo da rede formada somente pelas quatro disciplinas estudadas, a antropologia resta isolada inter-relaciona-se somente com a sociologia.

O estudo da rede dos departamentos apresentou como a disciplina central a antropologia, representada pelos departamentos da Arizona State University, o

Institute of Human Origins e a School of Human Evolution and Social Change, ou seja, a área tem caráter local e com grande inter-relação intrainstitucional. A antropologia, além de demonstrar relações intrainstitucionais, não teve nenhuma ocorrência de inter-relação internacional, suas publicações se restringem a colaborações entre autores do mesmo país. Resultado que destaca a característica nomotética da disciplina, como destacado por Gulbenkian (1996), que afirma que a antropologia usa metodologia muito específica e resiste a formular leis universais, desse modo, dedicando-se à “epistemologia idiográfica”.

Ciência política não listou periódicos de antropologia e de ciências naturais, porém listou grande quantidade de periódicos de outras ciências sociais, semelhante à sociologia, que listou o mesmo número. O fato pode estar relacionado com o que afirmam Shmitter (1984), Azambuja (2008) e Duverger (1962), ou seja, de que a ciência política é uma ciência ainda jovem, assim busca auxílio nas outras ciências sociais. Esse fato a distancia da economia, todavia o que a aproxima dessa disciplina é o fato de não listar periódicos de ciências naturais nem de antropologia, o mesmo sucedendo com a economia. Além de listar periódicos de economia também.

Os números das redes formadas pelos departamentos e instituições ligados à ciência política não são expressivos em comparação com as outras três disciplinas estudadas. Na rede formada por países, a disciplina apresenta inter-relacionamento somente com a Suíça e o Canadá, todas essas evidências remetem para a característica da área, segundo Shmitter (1984), Azambuja (2008) e Duverger (1962), de que a ciência política é uma ciência ainda jovem.

Ao analisar as características gerais da amostra dos artigos e periódicos das disciplinas estudadas, detectou-se que o resultado verificado por Mueller e Oliveira, em 2003, ainda é recorrente, pois aponta que os Estados Unidos compõem o principal centro de atividade científica; e os demais centros sofrem sua influência e também buscam referência dele (centro principal). Isso pôde ser

percebido uma vez que a tabela da produção de artigos publicados por país, conforme a localização da instituição à qual o autor é afiliado, nas quatro áreas estudadas, assinalou que, nos Estados Unidos, ocorrem três vezes mais (160) produções que na segunda ocorrência de país, Reino Unido, com 50. O mesmo acontece com o estudo do idioma da amostra dos artigos estudados, o inglês é a principal língua.

Entre as redes de instituições, as que mais se inter-relacionam, na amostra estudada, foram a University of Cambridge, Duke University e University of California. Na medida de centralidade da rede, a mais central foi a University of Cambridge, seguida de London School of Economics. A instituição com maior grau de intermediação revelou-se a University of Minnesota, seguida da University of California, a terceira instituição com maior grau de intermediação foi a segunda em centralidade, isto é, a London School of Economics. A Duke University revelou maior grau de proximidade, seguida da University of Texas e University of California. Ou seja, as instituições principais da amostra estudada são de língua inglesa, americanas e também do Reino Unido, o que confirme os resultados anteriores de idioma principal e países centrais na produção do conhecimento. O mesmo ocorre no grafo da rede formada por países, que reafirma a centralidade dos Estados Unidos, seguidos do Reino Unido.

Quanto ao número de autores por artigo de periódicos listados no Qualis das disciplinas estudadas, pôde-se perceber que, no presente estudo, prevaleceram os resultados de Meadows (1999), publicados há mais de duas décadas, quando ele verificou que nas ciências sociais estudadas a preferência era por autoria única.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a interdisciplinaridade nas ciências sociais e a necessidade da ciência da informação em conhecer as diferenças de hábitos de comunicação específicas de cada disciplina dessa grande área, esta pesquisa buscou investigar tais assuntos em relação às disciplinas de economia, sociologia, ciência política e antropologia no Brasil, tendo como fonte de dados artigos e periódicos listados nas suas Listas Qualis A1 e A2.

Dentre as classificações das ciências estudadas, pode-se perceber características de que antropologia é uma disciplina idiográfica e economia, sociologia e ciência política são nomotéticas.

Quadro 7 – Características das áreas

Disciplina	Classificação	Interdisciplinaridade	Caráter
Economia	Nomotética	Centrada na própria área	Universal
Sociologia	Nomotética	Interdisciplinaridade com outras áreas	Universal
Antropologia	Hidiográfica	Centrada na própria área	Local
Ciência Política	Nomotética	Interdisciplinar. Utiliza de leis de outras áreas por ser jovem	Universal

Ao analisar as características específicas da amostra de artigos e periódicos é possível traçar uma linha imaginária das disciplinas entre dois extremos, nomotético de um lado e idiográfico do outro:



Na amostra estudada, economia é a disciplina com mais características nomotéticas e antropologia é mais idiográfica entre as demais. E entre sociologia e ciência política, essa última possui mais características nomotéticas.

Porém, ao estudar todos os resultados da amostra é possível afirmar que sociologia é a disciplina mais interdisciplinar, a que promove maior número de inter-relações entre as quatro ciências sociais enquanto economia estaria em outro extremo, a de menor grau de interdisciplinaridade:



Com sociologia e economia nos extremos, a ciência política, na amostra estudada, pode ser considerada a segunda mais interdisciplinar das quatro disciplinas enquanto antropologia a segunda menos interdisciplinar.

Diante do exposto é possível afirmar, considerando a amostra selecionada, que o objetivo proposto de entender como se dá a interdisciplinaridade das disciplinas de economia, sociologia, ciência política e antropologia foi atingido. Especificamente, a pesquisa conseguiu identificar as áreas de origem dos periódicos que compõem os estratos de cada uma das disciplinas estudadas e também verificou, nos artigos com autoria múltipla do grupo de periódicos com origem na própria área, a ocorrência de colaboração entre autores com filiações, com o intuito de identificar inter-relações segundo filiação institucional e procedência geográfica.

Acredita-se, portanto que a primeira e hipótese da pesquisa **se confirma parcialmente**, é possível verificar interdisciplinaridade entre economia e ciência política e entre sociologia e antropologia. Porém a interdisciplinaridade não é da maneira suposta pois a lista Qualis de economia, estratos A1 e A2, não inclui periódicos da disciplina ciência política e nem das disciplinas sociologia ou antropologia. Na amostra estudada, economia incluiu periódicos somente da própria área e de áreas consideradas multidisciplinares. E o número de

periódicos de sociologia listados nos estratos Qualis de ciência política é maior, e não de economia, como foi suposto.

Deste modo, a amostra estudada demonstra que a ciência política mesmo tendo origem na economia política, assim como economia, se inter-relaciona, não com essa disciplina mas com sociologia. Provavelmente tal resultado pode ser atribuído ao fato de que no Brasil, antropologia, ciência política e sociologia residirem em um mesmo “campo construindo espaços comuns de discussão ao mesmo tempo em que paralelamente fortaleciam-se as trajetórias disciplinares” (LIMA e CORTES, 2013).

Entretanto, nas listas Qualis de sociologia e antropologia, estratos A1 e A2, sociologia inclui número maior de periódicos da disciplina de antropologia do que periódicos das disciplinas de economia ou ciência política. E antropologia, inclui nas suas listas número maior de periódicos da disciplina de sociologia do que periódicos das disciplinas de economia ou ciência política.

A segunda hipótese **se confirma**, pois a lista Qualis de economia analisada, inclui o menor número de periódicos de outras áreas estudadas já a lista de sociologia inclui maior número de periódicos de outras áreas. Isso corrobora as afirmações de que sociologia, dentre as quatro disciplinas estudadas, é a mais interdisciplinar, enquanto economia é a mais centrada em seus próprios estudos, utilizando pouco as outras áreas do conhecimento para desenvolver suas pesquisas.

Por fim, nas autorias múltiplas dos artigos de periódicos, da amostra selecionada, a terceira hipótese **se confirma parcialmente**, pois a pesquisa descreve que quanto à ocorrência de colaboração entre disciplinas:

a) departamental (autores com filiações em departamentos ou faculdades diferentes) - não houve ocorrência, na amostra de artigos, de colaboração entre departamentos de disciplinas diferente. A colaboração entre departamentos de uma mesma instituição acontece por disciplina e com maior frequência entre departamentos de antropologia;

b) institucional (diferentes afiliações institucionais dos autores) - a colaboração entre instituições de disciplinas diferentes acontece nas quatro áreas estudadas. Instituições funcionam como pontes para ligar as quatro disciplinas estudadas;

c) procedência geográfica (país de origem das instituições de afiliação dos autores) – a colaboração entre países acontece entre economia, sociologia e ciência política. Antropologia não teve nenhuma ocorrência de colaboração internacional. E a predominância é de colaborações entre países desenvolvidos sobre colaboração entre países em desenvolvimento ou entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Ou seja, país em desenvolvimento escreve em colaboração, na amostra estudada, somente com países desenvolvidos.

Finalmente, considera-se que a pesquisa trouxe avanço quanto a descrição de indicadores de inter-relacionamento das disciplinas de economia, sociologia, ciência política e antropologia no Brasil. O estudo da interdisciplinaridade nas ciências sociais e o esclarecimento de especificidades de comunicação de cada disciplina estudada trouxeram informações adicionais para compreensão dessa área, informações essas que não poderiam ser apreendidas estudando-se tais disciplinas de maneira isolada. Entretanto, a pesquisa mostra a necessidade de estudos futuros, ampliando-se as amostras com periódicos classificados em outros estratos das Listas Qualis, e também pesquisas em outras bases de dados, em livros, eventos e patentes. E ainda, com o estabelecimento de redes de relações entre outros dados, tais como principais autores e também editoras; pesquisa qualitativa com atores de cada disciplina para certificar dos resultados e comparar respostas; aprofundar os resultados encontrados por departamentos, instituições e países para verificar o motivo da colaboração.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, R.U. Obsolescência da literatura sobre a Lei de Lotka. **DataGramZero**, v.10, n.1, fev. 2009.

ANDALÉCIO, A.M.L. **Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: mudanças na ciência, na universidade e na comunicação científica**. 2009. 277fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ANDERSEN, H. Political attitudes and cognitive convictions among danish social science researchers. **Scientometrics**, v. 46, n. 1, 1999, p.87-108.

Disponível em:

<http://download.springer.com/static/pdf/219/art%253A10.1007%252F02766297.pdf?originUrl=http%3A%2F%2Flink.springer.com%2Farticle%2F10.1007%2F02766297&token2=exp=1445452710~acl=%2Fstatic%2Fpdf%2F219%2Fart%25253A10.1007%25252F02766297.pdf%3ForiginUrl%3Dhttp%253A%252F%252Flink.springer.com%252Farticle%252F10.1007%252F02766297*~hmac=f7500b1a5ea62b8dbb1471a8f6fa6a93338a0edbd429fa9bd06d232a27aa5628>. Acesso em: 20 set. 2015.

ANDRÉS, A. **Measuring academic research: how to undertake a bibliometric study**. Chandos: Oxford, 2009.

ARAÚJO, C.A.A. A Ciência da Informação como ciência social. **Ci. Inf.** Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.

_____. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

AZAMBUJA, Darcy. **Introdução à ciência política**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2008.

BALANCIERI, R. et al. A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na Plataforma Lattes. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 64-77, abr. 2005.

Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/619/551>>. Acesso em: 20 de nov. 2014.

BARRIO, A.E. **Manual de antropologia cultural**. Recife: Manssagana, 2005.

BOWMAN, T.D. ; TSOU, A. NI, C.; SUGIMOTO, C.R. Post-interdisciplinary frames of reference: exploring permeability and perceptions of disciplinarity in the social sciences. **Scientometrics**, v. 101, n.3, p.1695-1714, dez. 2014.

BJÖRK, B.C. **Scientific communication life-cycle model**. OACS - Open Access Communication for Science. 2005. Disponível em: <<http://oacs.shh.fi/publications/Model35explanation2.pdf>>. Acesso em: 08 de nov. 2010.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p. 3-5, 1968.

BOBBIO, N. O significado de política. In: **Política e ciência política**. Brasília: UNB, 1984. (Curso de introdução a Ciência política, v. 1).

BOMENY, H.M.B; BIRMAN, P.; PAIXÃO, A.L. **As assim chamadas ciências sociais**: formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1991.

BONAVIDES, P. **Ciência Política**. 3. ed. São Paulo: Forense, 1976.

BOTTOMORE, T.B. **Introdução à sociologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962.

BEATTEI, J. **Introdução à antropologia social**: objetivos, métodos e realizações da antropologia social. São Paulo: EDUSP, 1971.

BICALHO, L.M. **As relações interdisciplinares refletidas na literatura brasileira da Ciência da Informação**. 2009. 267fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BLISS, H.E. **The Organization of Knowledge and the System of the Sciences**. New York: Henry Holt and Company, 1929.

BUFREM, L.S.; FAUSTINO JUNIOR, R.G.; SORRIBAS, T.V. Redes sociais na pesquisa científica da área de Ciência da Informação. **DataGramaZero**, v. 12, n. 4, agos., 2011.

BURTON, R.E.; KEBLER, R.W. The half-life of some scientific and technical literatures. **American Documentation**, v. 11, n. 2, p. 18-22, jan. 1960.

BRONOWSKI, J. **O senso comum da ciência**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 5. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2003.

CHASE, S. **Introdução as ciências sociais**. São Paulo: Sociologia e Política, 1956.

CHI, R.; YOUNG, J. The interdisciplinary structure of research on intercultural relations: a co-citation network analysis study. **Scientometrics**, v.91 n.2, p.399-416, 2012.

CHINOY, E. **Sociedade: uma introdução à sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CHON, G. **Max Weber: a “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006.

CHRISTOVÃO, H.T. Da comunicação informal a comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, 1979. p. 3-36.

COLLINS, R. **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

COMTE, C. **Traite de Philosophie**. Lyon-Paris: [s.:n.], 1945.

COSTA, A.F.C. da. Estrutura da produção editorial dos periódicos biomédicos brasileiros. **Transinformação**, Campinas, v. 1, jan./abr. 1989.

COSTA, S.M.S. **Impactos de uma “filosofia aberta” na comunicação científica hoje: as mudanças que o acesso aberto/livre (open access) provocaram**. Disponível em: <repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18469/1/R4604-1.pdf>. Acesso em: 16 de nov. 2010.

_____. Mudanças no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: MUELLER, S.P.M.; PASSOS, E. (Orgs.). **Comunicação científica**. Brasília: Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2000. p. 95-105.

_____. **The impact of computer usage on scholarly communication amongst academic social scientists**. 1999. 318 fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Loughborough University, Inglaterra, 1999. Disponível em: <<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/2025>>. Acesso em: 05 de mar. 2011.

DAL'EVEDOVE, P.R.; FUJITA, M.S. L. O movimento interdisciplinar em Ciência da Informação: uma reflexão epistemológica. **Datagramazero**, v. 14, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/114788>>. Acesso em: 20 set. 2015.

DUVERGER, M. **Ciência política: teoria e método**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962.

EVANGELISTA, O. Formar o mestre na universidade: a experiência paulista nos anos de 1930. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 247-259, jul./dez. 2001.

FORJAZ, M.C.S. A emergência da ciência política no Brasil: aspectos institucionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, fev. 1997.

FREEMAN, L.C. Some antecedents of social network analysis. **Connections**, v. 19, n. 1, p. 39-42, 1996.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

GARFIELD, E. Journal impact factor: a brief review. **Canadian Medical Association Journal**, v.161, n.8. p. 979-980, out. 1999.

GARVEY, W.D. et al. Comunitation in the physical and the social sciences. **Science**, v. 170, n. 3963, dez. 1970.

GARVEY, W.D. et al. Research studies in patterns of scientific communication: II, the role of the national meeting in scientific and technical communication. In: _____. **Communication: the essence of science**. Oxford: Pergamon Press, 1979. p.165-183.

GARVEY, W.D.; GRIFFITH, B.C. Communication and information process within scientific disciplines, empirical findings for psychology. In: GARVEY, W.D. **Communication: the essence of science; facilitating information among librarians, scientists, engineers and students**. Oxford: Pergamon, 1979. 332p. Appendix A, p.127-147.

GLÄNZEL, W.; MOED, H.F. Journal impact measures in bibliometric research. **Scientometrics**, v. 53, n.2, p.171-193, 2002.

GOUBENKIAN (Fundação Calouste Gulbenkian). **Para abrir as Ciências sociais**: relatório da Comissão Gulbenkian sobre a reestruturação das Ciências sociais. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

GOMES, H.F. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **Datagramazero**, v. 2, n. 4, 2001.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**., Chicago, v. 78, n. 6, p.1930-1938, 1973.

HAART, H.P.H. Characteristics of social science information: a selective review of the literature. **Social Science Information Studies**, v. 3, p.147-164, 1983.

HARGENS, L.L. Featured Essay: impressions and misimpressions about sociology journals. **Contemporary Sociology**, v.20, n.3, maio 1991.

HECKHAUSEN, H. Discipline and interdisciplinarity. In: CENTRE FOR EDUCATIONAL RESEARCH AND INNOVATION. **Interdisciplinarity**: problems of teaching and research in universities. Paris: Economic Cooperation and Development, 1972.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HICKS, D. The four literatures of social science. **Journal of Management and Social Sciences**, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2005. Disponível em: <http://www.biztek.edu.pk/downloads/research/jmss_v1_n1/v1n1_1->. Acesso em: 25 mar. 2010.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches-traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

_____. **Information seeking and subject representation**: an activity-theoretical approach to Information Science. New York: Greenwood Press, 1997.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v.46, n.6, p.400-425, jul.1995.

HOU, H.Y.; KRETSCHMER, H.; LIU, Z.Y. The structure of scientific collaboration networks in scientometrics. **Scientometrics**, v.75, n.2, p.189-202, 2008.

JHURD, J.M. Models of scientific communication systems. In: CRAWFORD, S.Y.; HURD, J.M.; WILLER, A.C. **From print to electronic: the transformation of scientific communication**. Medford, NJ: Information Today, 1996. p. 9-33.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

JANTSCH, A.P.; BIANCHETTI, L. **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 1995.

KATZ, J.S.; MARTIN, B. **What is research collaboration?** 1995. Disponível em: <http://www.sussex.ac.uk/Users/sylvank/pubs/Res_col9.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2014.

KAUFMANN, F. **Metodologia das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KERLINGER, F.N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: E.P.U., 1980.

KHUN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectivas, 2003.

LAGO JÚNIOR, M.W. do. **Redes sociais informais intraorganizacionais e os processos e mudanças organizacionais: estudo em uma empresa de tecnologia da informação**. 2005. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração, Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/mario_wilson_lago_junior.pdf>. Acesso em: 30 de mar. 2015.

LARSEN, K. Knowledge network hubs and measures of research impact, science structure and publication output in nanostructured solar cell research. **Scientometrics**, v.74, n.1, p. 123-142, 2008.

LE COADIC, Y.F. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LIMA, J.C.; CORTES, S.M.V. A sociologia no Brasil e a interdisciplinaridade nas ciências sociais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 416-435, set./dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Tatiane/Downloads/16522-64252-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 20 set.2015.

LINDHOLM-ROMANTSCHUK, Y.; WARNER, J. The role of monographs in scholarly communication: an empirical study of philosophy, sociology and economics. **Journal of documentation**, v.52, n.4, p. 394-396, dez. 1996.

LINE, M.; ROBERTS, S. The size, growth and composition of social science literature. **Int. Soc. Sci. J**, v. 28, n.1, 1976.

LINE, M.; SANDISON, A. "Obsolescence" and changes in the use of literature with time. **Journal of Documentation**, London, v. 30, n. 3, p. 283-350. set.1974.

LUCKESI, C. et al. **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MACIAS-CHAPULA, C.A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/agos. 1998.

MAIA, M.F.S.; ZANOTTO, S.R.; CAREGNATO, S.E. Colaboração científica e análise das redes sociais. **Biblos**: revista do instituto de ciências humanas e da informação, v. 25, n.2, p.43-55, jul./dez. 2011. Disponível em:<file:///C:/Users/Tatiane/Downloads/2274-7573-1-PB.pdf>. Acesso em: 1º dez. 2014.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCELLINO, N.C. **Introdução às ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1988.

MARCIANO, J.L.P. Abordagens epistemológicas à Ciência da Informação: fenomenologia e hermenêutica. **Transinformação**, Campinas v. 18, n 13 set./dez. 2006.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z.M.N. **Antropologia**:uma introdução. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARQUES, D. **Democracia e ciências sociais no Brasil**. 2007. 17fls.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciência Política,
Brasília, 2007.

MARTELETO, R.M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de
transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-
81, jan./abr. 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/Tatiane/Downloads/226-
729-1-PB.pdf>. Acesso em: 1º dez. 2014.

MARTINS, C.B. **O que é sociologia**. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
(Coleção Primeiros Passos).

MICELI, S. **Condicionantes do desenvolvimento das Ciências sociais no
Brasil 1930-1964**. Disponível em:
<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_05/rbcs05_01.htm>.
Acesso em: 25 de set. 2014.

MEDOWS, A.J. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos,
1999.

MUELLER, S.P.M. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais
preferenciais. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v.6, n.1,
fev. 2005. Disponível em:
<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/980/2/ARTIGO_PublicacaoCiencia.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2010.

_____. Estudo sobre comunicação e informação científica na Ciência da
Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO, 8, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: ANCIB, 2007.

_____. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. **Data Grama
Zero: Revista de Ciência da Informação**, n.0, dez. 1999. Disponível em:
<http://www.datagramazero.org.br/dez99/F_I_art.htm>. Acesso em: 15 out.
2010.

_____. O periódico científico. In: CAMPELLO, B.S.; CENDÓN, B.V.;
KREMER, J. M. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e
profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

MUELLER, S.P.M.; PASSOS, E.J.L. (Orgs.). **Comunicação científica**.
Brasília: Departamento de Ciências da Informação e Documentação da UnB,
2000. p.144., v. 1.

NÉRICI, I.G. **Metodologia do ensino superior**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

NUNES, S.A. Questões preliminares sobre as ciências sociais. **Cadernos G.I.S.**, n. 10, 1973.

NOGUEIRA FILHO, O.C. **Introdução à ciência política**. Brasília: Unilegis, 2006.

OLIVEIRA, M. A pesquisa científica na ciência da informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 6, n. 1, p. 143-156, 2001.

PARSONS, T. **On the concept of political power**. Nova York: American Philosophical Association, 1963.

PIAGET, J. Classificação das ciências sociais e ciências humanas. In: _____. **A situação das ciências do homem no sistema das ciências**. Lisboa: Bertrand, 1973. Disponível em:<
http://basedameditacao.com.sapo.pt/psy_novo/aulas/piaget_ciencias-sociais-e-humanas.pdf>. Acesso em: 07 agos. 2014.

PILETTI, N.; PILETTI, C. **História da Educação**. São Paulo: Ática: 1990.

PIMENTA, C. Apontamentos sobre complexidade e epistemologia nas Ciências Sociais. In: _____. **Sobre Interdisciplinaridade**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005. Disponível em:<
<http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/textos/pdf/E026578.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.

PINHEIRO, L.V.R. (Org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999.

_____. **Ciência da informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**. Disponível em:<
<http://www.uff.br/ppgci/editais/lenavanialeituras.pdf>> . Acesso em: 23 fev.2006.

_____. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação e sociedade**, v.15, n.1, 2005.

PINHEIRO, L.V.R.; LOUREIRO, J.M.M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 33-42, jan./abr. 1995.

POMBO, O. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. Porto: Universidade do Porto, 2003. Disponível em:
<http://www.uesc.br/cpa/artigos/epistemologia_interdidciplinaridade.pdf>.
Acesso em: 18 set. 2014.

PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, v. 25, n.4, p. 348-349, dec. 1969.

REDE NACIONAL DE PESQUISA (RNP). **Comunidade Acadêmica Federada: CAFÉ**. 2014. Disponível em: <<http://www.rnp.br/servicos/servicos-avancados/caffe>>. Acesso em: nov. 2014.

SANCHO, R. Indicadores bibliométricos utilizados em La evaluación de La ciencia y La tecnologia. Revisión bibliográfica. **Revista Española de Documentación Científica**, v. 13, n. 3-4, p. 842-865, 1990.

SANTOS, A.P.L.; RODRIGUES, M.E.F. Ciência da Informação: demarcação teórico-disciplinar e as interações interdisciplinares com a Biblioteconomia. **TransInformação**, Campinas, v.26, n.1, p.91-100, jan./abr., 2014.

SANTOS, A.P.L. **Relações interdisciplinares entre a ciência da informação e a biblioteconomia**: limites e possibilidade. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estud. Av.**, v.2, n.2, p. 46-71, 1988.

SANTOS, R.N.M. dos; KOBASHI, N.Y. Análise de teses e dissertações de Ciência da Informação: estudo de institucionalização de um campo científico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007, Salvador, BA. **Anais eletrônicos...** Salvador: ANCIB, 2007. Disponível em:
<<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/21/43>>. Acesso em: nov. 2014.

SANTOS, S.M. dos. **Perfil dos periódicos científicos de ciências sociais e humanidades**: mapeamento das características extrínsecas. 2010. 176 fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHLEYER, J.R. O ciclo da comunicação e informação nas ciências sociais. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.9, n.2, set. 1980.

SCHMITTER, P. Reflexões sobre o conceito de política. In: **POLÍTICA e ciência política**. Brasília: UNB, 1984. (Curso de Introdução à Ciência Política, v. 1). p.

SCHWARTZMAN, S. A ciência da ciência. **Ciência Hoje**, v.2, n.11, p. 54-59, mar./abr. 1984.

_____. Modos de produção do conhecimento científico e tecnológico e as oportunidades para o setor de ensino superior particular. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO NAS IES PARTICULARES, 6, 2005, Salvador. **Anais...** Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/2005_salvador.pdf>. Acesso em: 16 agos. 2014.

SHUTZ, A. **Le chercheur ET Le quotidien**. Paris: Méridiens, 1987.

SILVA, A.; LIMA, I.; ARAÚJO, C. Desvelando a interdisciplinaridade da Ciência da Informação: o enfoque dos alunos do PPGCI/UFMG. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 31-41, jan./abr. 2009.

SILVA, E.L. da; MENEZES, E.M.; PINHEIRO, L.V. Avaliação da produtividade científica dos pesquisadores nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas. **Informação e Sociedade**, v. 13, n. 2, pp. 193-222, jul./dez., 2003.

SMALL, H. Citation and consilience in science. **Scientometrics**, v. 43, n.1, 1998.

SONDERGAARD, T.; ANDERSEN, J.; HJØRLAND, B. Documents and the communication of scientific and scholarly information revising and updating the Unisist Model. **Journal of Documentation**, v. 59, p. 278-320, 2003.

SONNENWALD, D. The conceptual organization: an emergent organizational form for collaborative R&D. **Science and Public Policy**, v.30, n.4, p.261-272, 2003.

SOUZA, E.D. de. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. 346 fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

SPINAK, E. Indicadores cienciométricos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 141-148, 1998.

STUMPF, I.R. A comunicação da ciência na universidade: o caso da UFRGS. In: MUELLER, S.P.M.; PASSOS, E. (Orgs). **Comunicação científica**. Brasília: Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2000. p. 107-121.

_____. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 3, p. 383-386, set./dez. 1996. Disponível em: <<http://capim.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/463/422>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

TARGINO, M. das G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.10 n.2, 2000. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/326/248>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

TOMAÉL, M.I.; ALCARÁ, A.R.; DI CHIARA, I.G. Das redes sociais a inovação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/agos. 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/642/566>>. Acesso em: 1º dez. 2014.

TRZESNIAK, P. Indicadores quantitativos: reflexões que antecedem seu estabelecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 159-164, maio/agos., 1998.

VANTI, N.A.P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/agos. 2002.

VANZ, S.A. de S.; CAREGNATO, S.E. Estudos de citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. **Em questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 295-307, 2003.

VANZ, S.; STUMPF, I.R.C. Procedimentos e ferramentas aplicados aos estudos bibliométricos. **Informação e Sociedade: estudos**, v.20, n.2, p.65- 75, 2010.

VIET, J. **Métodos estruturalistas nas ciências sócias**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

VILAN FILHO, J.L. **Autoria múltipla em artigos de periódicos científicos das áreas de informação no Brasil**. 2010. 215fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

WALLESRTEIN, I. As Ciências sociais no Século XIX. Trad. Carina Morgado. **História agora**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1-15, out. 2007. Disponível em: <http://www.historiagora.com/dmdocuments/Historia3_ciencias_sociais_seculo_XXI.pdf>. Acesso em: 21 maio 2010.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. Social network analysis: methods and applications. In: **STRUCTURAL analysis in social the social sciences series**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WATIER, P. **Uma introdução à sociologia compreensiva**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

WEBER, M. **Ciência política**: duas vocações. Trad. Leonidas Hegenberg; Octany Silveira Mota. São Paulo: Cultrix, 2011.

WHITE, C.M. **Sources of information in the social sciences**: a guide to the literature. Chicago: ALA, 1973.

ZIMAN, J. **Conhecimento público**. São Paulo: EDUSP, 1979.

_____. Knowledge, information and communication. **Nature**, n.224, p.318-324, out. 1979.

_____. **O conhecimento confiável**: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência. São Paulo: Papirus, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE 1
UNIVERSO DE PERIODICOS

Periódico	ISSN	EXTRATO	ECONOMIA	SOCIOLOGIA	ANTROPOLOGIA	CIENPOL	OUTRAS CIENSOC	MULTI	CIENCIAS NATURAIS	HUMANIDADES
Simulation Modelling Practice and Theory	1569-190X	A2	0	0	0	7	0	0	7	0
Journal of Latin American Studies (Print)	0022-216X	A1	0	6	6	6	0	6	0	0
Análise Social	0003-2573	A1	0	6	0	6	0	6	0	0
Latin American Research Review	0023-8791	A1	0	6	0	6	0	6	0	0
Social Indicators Research	0303-8300	A1	0	6	0	6	0	6	0	0
Bulletin of Latin American Research	0261-3050	A1+A2	0	6	0	6	0	6	0	0
Futures (London)	0016-3287	A2	0	6	0	6	0	6	0	0
Brazilian Review of Social Sciences	1234-0987	A1	0	0	0	6	0	6	0	0
Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly	0899-7640	A1	0	0	0	6	0	6	0	0
Studies in Comparative International Development	0039-3606	A1	0	0	0	6	0	6	0	0
Development in Practice (Print)	0961-4524	A2	0	0	0	6	0	6	0	0
Environmental Sciences (Lisse. Print)	1569-3430	A2	0	0	0	6	0	6	0	0
Estudios de Asia y Africa	0185-0164	A2	0	0	0	6	0	6	0	0
Estudos Avançados (Online)	1806-9592	A2	0	0	0	6	0	6	0	0

Homicide Studies	1088-7679	A2	0	0	0	6	0	6	0	0
International Journal of Urban and Regional Research (Online)	1468-2427	A2	0	0	0	6	0	6	0	0
Journal of Human Security	1835-3800	A2	0	0	0	6	0	6	0	0
Millennium	0305-8298	A2	0	0	0	6	0	6	0	0
New Global Studies	1940-0004	A2	0	0	0	6	0	6	0	0
Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso)	0102-6909	A1	0	5	5	5	5	0	0	0
Dados (Rio de Janeiro. Impresso)	0011-5258	A1+A2	0	5	5	5	5	0	0	0
Theory, Culture & Society	0263-2764	A1	0	5	0	5	5	0	0	0
Latin American Politics and Society	1531-426X	A1+A2	0	5	0	5	5	0	0	0
Lua Nova (Impresso)	0102-6445	A1+A2	0	5	0	5	5	0	0	0
Third World Quarterly (Print)	0143-6597	A1+A2	0	5	0	5	5	0	0	0
Fordham Law Review	0015-704X	A2	0	5	0	5	5	0	0	0
Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies	0826-3663	A2	0	5	0	5	5	0	0	0
Interamerican Journal of Psychology	0034-9690	A2	0	5	0	5	5	0	0	0
Electoral Studies	0261-3794	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Environmental Politics	0964-4016	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
International Political Sociology (Print)	1749-5679	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Journal of Strategic Studies	0140-2390	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Legislative Studies Quarterly	0362-9805	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Mobilization: an international journal	1086-671X	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
PAR. Public Administration Review	0033-3352	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Political Psychology	0162-895X	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Public Administration and Development (Print)	0271-2075	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
The International Journal of Intelligence and Counter Intelligence	0885-0607	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Opinião Pública (UNICAMP. Impresso)	0104-6276	A1+A2	0	0	0	5	5	0	0	0
BAR. Brazilian Administration Review	1807-7692	A2	0	0	0	5	5	0	0	0

Cornell International Law Journal	0010-8812	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Criminal Law and Philosophy	1871-9805	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Europe-Asia Studies	0966-8136	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Foro Internacional	0185-013X	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Intelligence and National Security	0268-4527	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
International and Comparative Law Quarterly	0020-5893	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
International Journal of Automotive Technology and Management	1470-9511	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
International Journal of Forecasting	0169-2070	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Journal of Latin American Cultural Studies	1356-9325	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Journal of Third World Studies	8755-3449	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Population et Sociétés	0184-7783	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Regional & Federal Studies	1359-7566	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Revista de Administração Pública (Impresso)	0034-7612	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Social Science Information	1461-7412	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Sociológica (México)	0187-0173	A2	0	0	0	5	5	0	0	0
Politics & Society	0032-3292	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Public Management Review (Print)	1471-9037	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Chinese Journal of International Law (Boulder, Colo.)	1540-1650	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Cities	0264-2751	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Citizenship Studies (Abingdon. Print)	1362-1025	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Info (Cambridge. Print)	1463-6697	A1	0	0	0	5	5	0	0	0
Relaciones Internacionales (Madrid)	1699-3950	A2	0	0	4	4	0	0	0	0
Law & Policy (Online)	1467-9930	A2	0	0	4	4	0	0	0	0
Comparative Politics	0010-4159	A1	0	4	0	4	0	0	0	0
International Journal of Politics, Culture and Society	0891-4486	A1	0	4	0	4	0	0	0	0
International Political Science Review	0192-5121	A1	0	4	0	4	0	0	0	0

World Political Science Review	1935-6226	A1+A2	0	4	0	4	0	0	0	0
Politique et Sociétés (Montréal)	1203-9438	A2	0	4	0	4	0	0	0	0
Revista de Sociologia e Política (Online)	1678-9873	A2	0	4	0	4	0	0	0	0
Revista Crítica de Ciências Sociais	0254-1106	A1	0	4	0	4	0	0	0	0
Questions Internationales (Paris. 2003)	1761-7146	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
American Politics Research	1532-673X	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Comparative Political Studies	0010-4140	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Conflict Resolution Quarterly	1536-5581	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Cooperation and Conflict	0010-8367	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Ethics & Global Politics	1654-4951	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
International Peacekeeping	1353-3312	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
International Studies Review (Malden, Mass.)	1521-9488	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Journal of Democracy	1045-5736	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Journal of Peace Research	0022-3433	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Perspectives on Politics (Print)	1537-5927	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Political Behavior	0190-9320	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Political Research Quarterly	1065-9129	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Political Studies (Print)	0032-3217	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Refugee Survey Quarterly	1020-4067	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Revista Brasileira de Política Internacional (Online)	0034-7329	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Revista de Ciencia Política (Santiago. en Línea)	0718-090X	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Revue Française de Science Politique	0035-2950	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
The American Political Science Review	0003-0554	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
The Journal of Politics	0022-3816	A1	0	0	0	4	0	0	0	0
Alternatives (Amsterdam)	0304-3754	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Australian Journal of International	1035-7718	A2	0	0	0	4	0	0	0	0

Affairs										
Brazilian Political Science Review	1981-3821	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Contexto Internacional (PUCRJ. Impresso)	0102-8529	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Cultures et Conflits (Revue)	1157-996X	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Internasjonal Politikk	0020-577X	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Internationale Politik (Bonn. Verl. fur Internat. Politik)	1430-175X	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
La Revue Internationale et Stratégique	1287-1672	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Middle East Policy	1061-1924	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Parliamentary Affairs (Print)	0031-2290	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Revista CIDOB d'Afers Internacionals (1985)	1133-6595	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Revista Española de Ciencia Política	1575-6548	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Revista Española de Desarrollo y Cooperación	1137-8875	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
World Politics (Print)	0043-8871	A2	0	0	0	4	0	0	0	0
Information sur les Sciences Sociales (Paris)	0539-0184	A1+A2	0	2	2	2	0	0	0	0
Revue Internationale de Sociologie	0390-6701	A1+A2	0	2	2	2	0	0	0	0
International Journal of Contemporary Sociology	0019-6398	A2	0	2	0	2	0	0	0	0
Review of African Political Economy	0305-6244	A2	0	2	0	2	0	0	0	0
Revista de Sociologia e Política (UFPR. Impresso)	0104-4478	A2	0	2	0	2	0	0	0	0
Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso)	0102-311X	A2	0	7	7	0	0	0	7	0
American Journal of Human Biology	1042-0533	A1+A2	0	7	7	0	0	0	7	0
Radiation Measurements	1350-4487	A2	0	0	7	0	0	0	7	0
Earth and Planetary Science Letters	0012-821X	A1	0	0	7	0	0	0	7	0
Quaternary International	1040-6182	A1	0	0	7	0	0	0	7	0
Anthropological Theory	1463-4996	A2	0	0	7	0	0	0	7	0

Anuário Antropológico	0102-4302	A2	0	0	7	0	0	0	7	0
Childhood (Copenhagen)	0907-5682	A2	0	0	7	0	0	0	7	0
Current Research in the Pleistocene	8755-898X	A2	0	0	7	0	0	0	7	0
Journal of Applied Physics	0021-8979	A2	0	0	7	0	0	0	7	0
Revista de Estudos Feministas	1806-9584	A1	0	6	6	0	0	6	0	0
Caderno CRH (Online)	1983-8239	A1+A2	0	6	6	0	0	6	0	0
Anthropology of Consciousness	1053-4202	A2	0	0	6	0	0	6	0	0
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas	1981-8122	A2	0	0	6	0	0	6	0	0
Human Ecology (New York, N.Y.)	0300-7839	A2	0	0	6	0	0	6	0	0
Law & Society Review	0023-9216	A2	0	0	6	0	0	6	0	0
Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America	0027-8424	A2	0	0	6	0	0	6	0	0
Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso)	0104-8333	A1	0	5	5	0	5	0	0	0
Anthropology & Education Quarterly	0161-7761	A2	0	5	5	0	5	0	0	0
Ethnohistory	0014-1801	A2	0	5	5	0	5	0	0	0
IDS Bulletin (Brighton. 1984)	0265-5012	A2	0	5	5	0	5	0	0	0
Journal of Contemporary Religion	1353-7903	A2	0	5	5	0	5	0	0	0
Revista Brasileira de Estudos de População (Impresso)	0102-3098	A2	0	5	5	0	5	0	0	0
Signs (Chicago, Ill.)	0097-9740	A2	0	5	5	0	5	0	0	0
Cahiers Internationaux de Sociologie	0008-0276	A2	0	5	5	0	5	0	0	0
Public Culture	0899-2363	A1	0	0	5	0	5	0	0	0
Quaternary Research (Print)	0033-5894	A1	0	0	5	0	5	0	0	0
Religião & Sociedade (Impresso)	0100-8587	A1+A2	0	0	5	0	5	0	0	0
Anais da Academia Brasileira de Ciências (Impresso)	0001-3765	A2	0	0	5	0	5	0	0	0
Archives de Sciences Sociales des Religions	0335-5985	A2	0	0	5	0	5	0	0	0
Feminist Review (Print)	0141-7789	A2	0	0	5	0	5	0	0	0

Feminist Theory	1464-7001	A2	0	0	5	0	5	0	0	0
International Journal of Law, Policy and the Family	1360-9939	A2	0	0	5	0	5	0	0	0
Polar Record	0032-2474	A2	0	0	5	0	5	0	0	0
ReVista (Cambridge, Mass.)	1541-1443	A2	0	0	5	0	5	0	0	0
Social Text	0164-2472	A2	0	0	5	0	5	0	0	0
Sociedade e Cultura (Impresso)	1415-8566	A2	0	0	5	0	5	0	0	0
American Anthropologist	0002-7294	A1	0	3	3	0	0	0	0	0
Current Anthropology	0011-3204	A1	0	3	3	0	0	0	0	0
Etnográfica (Lisboa)	0873-6561	A1	0	3	3	0	0	0	0	0
Horizontes Antropológicos (Online)	1806-9983	A1	0	3	3	0	0	0	0	0
Mana (Rio de Janeiro. Online)	1678-4944	A1	0	3	3	0	0	0	0	0
L'Homme (Paris. 1961)	0439-4216	A1+A2	0	3	3	0	0	0	0	0
Revista de Antropologia (USP. Impresso)	0034-7701	A1+A2	0	3	3	0	0	0	0	0
Ethnos (Stockholm)	0014-1844	A2	0	3	3	0	0	0	0	0
American Ethnologist	0094-0496	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
American Journal of Physical Anthropology	0002-9483	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Annual Review of Anthropology (Print)	0084-6570	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Antiquity (Cambridge)	0003-598X	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Historical Archaeology	0440-9213	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Journal of Archaeological Method and Theory	1072-5369	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Journal of Archaeological Science	0305-4403	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Journal of Human Evolution	0047-2484	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Journal of the Royal Anthropological Institute	1359-0987	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Latin American Antiquity	1045-6635	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Radiocarbon	0033-8222	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
SAGUNTUM	2174-517X	A1	0	0	3	0	0	0	0	0

Vibrant (Florianópolis)	1809-4341	A1	0	0	3	0	0	0	0	0
Archaeologies	1555-8622	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Civilisations (Bruxelles)	0009-8140	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Environmental Archaeology	1461-4103	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Ethnologie Française (Paris)	0046-2616	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Geoarchaeology (New York. Print)	0883-6353	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
International Journal of Historical Archaeology	1092-7697	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
International Journal of Osteoarchaeology (Print)	1047-482X	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Journal of Field Archaeology	2042-4582	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Journal of Island & Coastal Archaeology	1556-4894	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Journal of Latin American and Caribbean Anthropology (Online)	1935-4932	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Kroeber Anthropological Society	0	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
North American Dialogue	1556-4819	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
NWIG, New West Indian Guide	1382-2373	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Public Archaeology	1465-5187	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Revista de Arqueologia Americana	0188-3631	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Social Anthropology (Online)	1469-8676	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Transforming Anthropology	1051-0559	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
World Archaeology	0043-8243	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Chungara (Arica, Impresa)	0716-1182	A2	0	0	3	0	0	0	0	0
Actes de la Recherche en Sciences Sociales	0335-5322	A1	0	2	2	0	0	0	0	0
Current Sociology (Print)	0011-3921	A1+A2	0	2	2	0	0	0	0	0
Social Compass (Imprimé)	0037-7686	A1+A2	0	2	2	0	0	0	0	0
Journal de la Société des Américanistes	0037-9174	A2	0	2	2	0	0	0	0	0
Perspectiva Teológica (Belo Horizonte)	0102-4469	A1	0	8	0	0	0	0	0	8

Epidemiology (Cambridge, Mass., Print)	1044-3983	A1	0	7	0	0	0	0	7	0
AIDS Research and Human Retroviruses	0889-2229	A2	0	7	0	0	0	0	7	0
Computers and Education	0360-1315	A2	0	7	0	0	0	0	7	0
Information Systems (Oxford)	0306-4379	A2	0	7	0	0	0	0	7	0
Journal of Machine Learning Research (Online)	1533-7928	A2	0	7	0	0	0	0	7	0
Natures Sciences Sociétés	1240-1307	A2	0	7	0	0	0	0	7	0
Revista de Saúde Pública (Online)	1518-8787	A2	0	7	0	0	0	0	7	0
Archives of Sexual Behavior	0004-0002	A1	0	6	0	0	0	6	0	0
Ethnic and Racial Studies (Print)	0141-9870	A1	0	6	0	0	0	6	0	0
História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso)	0104-5970	A1	0	6	0	0	0	6	0	0
International Journal on Working Conditions	2182-4096	A1	0	6	0	0	0	6	0	0
Thesis Eleven (Print)	0725-5136	A1	0	6	0	0	0	6	0	0
Novos Estudos CEBRAP (Impresso)	0101-3300	A1+A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Aids Care (Print)	0954-0121	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Ambiente & Sociedade (Online)	1809-4422	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Ambio (Oslo)	0044-7447	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Catena (Cremlingen)	0341-8162	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Diogenè (Ed. Française)	0419-1633	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Diogenes (English ed.)	0392-1921	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Journal of Public Administration Research and Theory	1053-1858	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Public Understanding of Science (Print)	0963-6625	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Revista Internacional del Trabajo (Impresa)	0378-5548	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Sexualities (London)	1363-4607	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Stockholm Review of Latin American Studies	1654-0204	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Surveillance & Society (Online)	1477-7487	A2	0	6	0	0	0	6	0	0

Work Organisation, Labour & Globalisation (Print)	1745-641X	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Canadian Journal of Urban Research	1188-3774	A2	0	6	0	0	0	6	0	0
Constellations (Oxford. Print)	1351-0487	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Culture & Psychology	1354-067X	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Democratization (London)	1351-0347	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Educação & Sociedade (Impresso)	0101-7330	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Etudes Rurales	0014-2182	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Journal of Social Issues (Print)	0022-4537	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Philosophy & Social Criticism	0191-4537	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Philosophy of the Social Sciences	0048-3931	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Research in Social Stratification and Mobility	0276-5624	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Sociedade e Estado (UnB. Impresso)	0102-6992	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
The Annals of the American Academy of Political and Social Science	0002-7162	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
World Development	0305-750X	A1	0	5	0	0	5	0	0	0
Arbor (Madrid)	0210-1963	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Comparative Education Review	0010-4086	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Durkheimian Studies	1362-024X	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Employee Relations	0142-5455	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Ensaio (Fundação Cesgranrio. Impresso)	0104-4036	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Humboldt (Spanische Ausg.)	0018-7615	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
International Review of Administrative Sciences	0020-8523	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Journal of Consumer Policy	0168-7034	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Journal of Peasant Studies	0306-6150	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Journal of Religion in Africa (Print)	0022-4200	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Journal of Social History	0022-4529	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Latin American and Caribbean Ethnic Studies (Print)	1744-2222	A2	0	5	0	0	5	0	0	0

New Media & Society (Print)	1461-4448	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Nueva Sociedad	0251-3552	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Personality & Social Psychology Bulletin	0146-1672	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso)	0102-7972	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Revista Brasileira de História (Online)	1806-9347	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso)	0104-026X	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
Sociología del Trabajo	0210-8364	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
South African Review of Sociology	2152-8586	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
The Hispanic American Historical Review	0018-2168	A2	0	5	0	0	5	0	0	0
An International Journal of Politics, Culture and Society (Dordrecht. Online)	1573-3416	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Estudios Sociológicos	0185-4186	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
European Journal of Social Theory	1368-4310	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
International Social Science Journal (Print)	0020-8701	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
International Sociology	0268-5809	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Journal of Classical Sociology	1468-795X	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Journal of Historical Sociology (Online)	1467-6443	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Revista Mexicana de Sociología	0188-2503	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Social Forces	0037-7732	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Sociologia Ruralis (Print)	0038-0199	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Sociologias (UFRGS. Impresso)	1517-4522	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Sociological Theory	0735-2751	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Sociologie du Travail	0038-0296	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Sociology of Religion	1069-4404	A1	0	2	0	0	0	0	0	0

Soziologie (Opladen)	0340-918X	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Tempo Social (USP. Impresso)	0103-2070	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Work and Occupations	0730-8884	A1	0	2	0	0	0	0	0	0
Berliner Journal fur Soziologie	0863-1808	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Capital & Class	0309-8168	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Civitas: Revista de Ciências Sociais (Impresso)	1519-6089	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Cultural and Social History (Online)	1478-0046	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Economic and Industrial Democracy	0143-831X	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Habitat International	0197-3975	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Hispanic Research Journal	1468-2737	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Innovation: The European Journal of Social Science Research	1469-8412	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
International Journal of Action Research	1861-1303	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Journal of Political & Military Sociology	0047-2697	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Luso-Brazilian Review (Online)	1548-9957	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Population Review (Print)	0032-471X	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Population, Space and Place	1544-8444	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Reproductive Health Matters (Print)	0968-8080	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Revista Internacional de Sociología	0034-9712	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Social Identities (Print)	1350-4630	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Sociétés (Paris)	0765-3697	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
The Tocqueville Review	0730-479X	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Zeitschrift fur Soziologie	0340-1804	A2	0	2	0	0	0	0	0	0
Latin American Perspectives	0094-582X	A1+A2	1	1	0	1	0	0	0	0
Cambridge Review of International Affairs	0955-7571	A1	1	0	0	1	0	0	0	0
Econometric Theory (Print)	0266-4666	A1+A2	1	0	0	1	0	0	0	0
Economic Theory	0938-2259	A1+A2	1	0	0	1	0	0	0	0

Journal of Economic Issues	0021-3624	A2	1	0	0	1	0	0	0	0
Panoeconomicus	1452-595X	A2	1	0	0	1	0	0	0	0
Population Research and Policy Review (Dordrecht. Online)	1573-7829	A2	1	0	0	1	0	0	0	0
Revista de Economía Política (Impresso)	0101-3157	A2	1	0	0	1	0	0	0	0
Revista de la CEPAL (Impresa)	0252-0257	A2	1	0	0	1	0	0	0	0
International Review of Applied Economics	0269-2171	A1	1	1	0	0	0	0	0	0
Journal of Agrarian Change (Print)	1471-0358	A2	1	1	0	0	0	0	0	0
New Left Review	0028-6060	A2	1	1	0	0	0	0	0	0
Revue Tiers Monde	1293-8882	A2	1	1	0	0	0	0	0	0
Research Policy	0048-7333	A1+A2	1	1	0	0	0	0	0	0
Cambridge Journal of Economics	0309-166X	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Econometrica (Chicago)	0012-9682	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
European Economic Review	0014-2921	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Games and Economic Behavior (Print)	0899-8256	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
History of Political Economy	0018-2702	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
International Economic Review (Philadelphia)	0020-6598	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Business & Economic Statistics	0735-0015	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Econometrics	0304-4076	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Economic Literature	0022-0515	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Economic Methodology	1350-178X	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Economic Theory (Print)	0022-0531	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Financial Economics	0304-405X	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of International Economics (Print)	0022-1996	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Monetary Economics (Print)	0304-3932	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Money, Credit and Banking	0022-2879	A1	1	0	0	0	0	0	0	0

Journal of Political Economy	0022-3808	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Public Economics	0047-2727	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Review of Economics and Statistics (Online: CatchWord Ltd.)	1530-9142	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
The American Economic Review	0002-8282	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
The Journal of Economic Perspectives	0895-3309	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
The Journal of Finance (New York. Print)	0022-1082	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
The Quarterly Journal of Economics	0033-5533	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
The Rand Journal of Economics	0741-6261	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
The Review of Economic Studies	1467-937X	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
The Review of Economics and Statistics	0034-6535	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
The Review of Financial Studies	0893-9454	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Applied Econometrics (Chichester, England. Online)	0883-7252	A1+A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Post Keynesian Economics	0160-3477	A1+A2	1	0	0	0	0	0	0	0
The Journal of Human Resources (Online)	0022-166X	A1+A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Brookings Papers on Economic Activity (Print)	0007-2303	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Canadian Journal of Economics	0008-4085	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Economic Inquiry	0095-2583	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Economics Letters	0165-1765	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Development Economics (Print)	0304-3878	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Economic Behavior & Organization	0167-2681	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Economic Dynamics & Control	0165-1889	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Economic Growth (Boston)	1381-4338	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Economic Studies (Bradford)	0144-3585	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Environmental Economics and Management (Print)	0095-0696	A2	1	0	0	0	0	0	0	0

Journal of Financial Intermediation (Print)	1042-9573	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Health Economics	0167-6296	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Industrial Economics (Print)	0022-1821	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of International Money and Finance	0261-5606	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Labor Economics	0734-306X	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Journal of Mathematical Economics (Print)	0304-4068	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Macroeconomic Dynamics (Print)	1365-1005	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
National Tax Journal	0028-0283	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Review of Economic Dynamics (Print)	1094-2025	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Review of Political Economy	0953-8259	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Review of Radical Political Economics	1552-8502	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Social Choice and Welfare	0176-1714	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
The Journal of Business (Chicago)	0021-9398	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
The Journal of Economic History (Online)	1471-6372	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
The Journal of Law & Economics	0022-2186	A2	1	0	0	0	0	0	0	0
Review of Economic Studies	0034-6527	A1	1	0	0	0	0	0	0	0
Ecological Economics (Amsterdam)	0921-8009	A2	2	2	0	0	0	0	0	0
Population and Environment	0199-0039	A2	2	2	0	0	0	0	0	0
European Journal of Political Research	0304-4130	A2	4	0	0	4	0	0	0	0
American Journal of Public Health (1971)	0090-0036	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
American Journal of Transplantation (Print)	1600-6135	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
Environment & Planning. B, Planning & Design (Print)	0265-8135	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
European Journal of Operational Research	0377-2217	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
International Journal of Human Resource Management	0958-5192	A2	5	0	0	0	5	0	0	0

International Journal of Industrial Organization	0167-7187	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
International Journal of Production Economics	0925-5273	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
Journal of Banking & Finance (Print)	0378-4266	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
Scientometrics (Online)	1588-2861	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
The Review of Radical Political Economics	0486-6134	A2	5	0	0	0	5	0	0	0
América Latina Hoy	1130-2887	A1+A2	6	6	0	6	0	6	0	0
Social Science & Medicine (1982)	0277-9536	A1+A2	6	6	6	0	0	6	0	0
Science (New York, N.Y.)	0036-8075	A1+A2	6	0	6	0	0	6	0	0
Cahiers du Genre (Paris)	1298-6046	A2	6	6	0	0	0	6	0	0
The International Food and Agribusiness Management Review	1096-7508	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Annals of Statistics	0090-5364	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Biomass & Bioenergy	0961-9534	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Energy (Oxford)	0360-5442	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Environmental Modelling & Software	1364-8152	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
IEEE Transactions on Automatic Control (Print)	0018-9286	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Industrial and Corporate Change	0960-6491	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Integrated Computer-Aided Engineering	1069-2509	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Journal of Adolescent Health	1054-139X	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Journal of Law, Economics, & Organization	8756-6222	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Precision Agriculture (Print)	1385-2256	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Transportation Research	0965-8564	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Urban Water Journal (Print)	1573-062X	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Water Resources Management	0920-4741	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Water Resources Research	0043-1397	A2	6	0	0	0	0	6	0	0
Nature (London)	0028-0836	A2	7	0	0	7	0	0	7	0

Advances in Water Resources	0309-1708	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Applied Geochemistry	0883-2927	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Bioinformatics (Oxford. Print)	1367-4803	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Bioresource Technology	0960-8524	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Chemical Engineering Journal (1996)	1385-8947	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Chest (American College of Chest Physicians)	0012-3692	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Clinical Journal of the American Society of Nephrology	1555-9041	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Computational Optimization and Applications	0926-6003	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Computers in Human Behavior	0747-5632	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
European Journal of Applied Mathematics (Print)	0956-7925	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Fuzzy Sets and Systems	0165-0114	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
IEEE Transactions on Fuzzy Systems	1063-6706	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Infection Control and Hospital Epidemiology	0899-823X	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
International Journal of Game Theory (Print)	0020-7276	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
International Journal of Hydrogen Energy	0360-3199	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Journal of Biological Chemistry (Online)	1083-351X	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Journal of Water Resources Planning and Management	0733-9496	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Linear and Multilinear Algebra	0308-1087	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Nuclear Fusion	0029-5515	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Philosophical Transactions - Royal Society. Mathematical, Physical and Engineering Sciences (Print)	1364-503X	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Physical Review Letters (Print)	0031-9007	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Physical Review. B, Condensed Matter and Materials Physics	1098-0121	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Plos One	1932-6203	A2	7	0	0	0	0	0	7	0

Psychiatry and Clinical Neurosciences (Carlton, Vic. Print)	1323-1316	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Solar Energy Materials and Solar Cells	0927-0248	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Test (Madrid)	1133-0686	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
The Annals of Applied Probability	1050-5164	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
The Journal of Rheumatology (Online)	1499-2752	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
The Lancet (North American edition)	0099-5355	A2	7	0	0	0	0	0	7	0
Transplantation	0041-1337	A2	7	0	0	0	0	0	7	0

APÊNDICE 2
AMOSTRA DE ARTIGOS

Periódico	ISSN	ESTRATO	DISCIPLINA	ANO	ARTIGO	N. DE AUTOR	IDIOMA	FILIAÇÃO INSTITUCIONAL1	FILIAÇÃO DEPARTAMENTAL	FILIAÇÃO INSTITUCIONAL1	FILIAÇÃO DEPARTAMENTAL	FILIAÇÃO INSTITUCIONAL1	FILIAÇÃO DEPARTAMENTAL	FILIAÇÃO INSTITUCIONAL1	FILIAÇÃO DEPARTAMENTAL	FILIAÇÃO INSTITUCIONAL1	FILIAÇÃO DEPARTAMENTAL	PAIS	PAIS	PAIS
Actes de la Recherche en Sciences Sociales	0335-5322	A1	Sociologia	2012	Le capital culturel dans tous ses états	1	FRANÇÊS	Université Paris 1	Centre européen de sociologie et de science politique	0	0	0	0	0	0	0	0	FRANÇ A		
Actes de la Recherche en Sciences Sociales	0335-5321	A1	Sociologia	2011	Sociétés du spectacle	1	FRANÇÊS	Université Paris 1	Institut d'Histoire Moderne et contemporaine	0	0	0	0	0	0	0	0	FRANÇ A		
Actes de la Recherche en Sciences Sociales	0335-5320	A1	Sociologia	2010	La fabrique des goûts	2	FRANÇÊS	Université de Poitiers	Département de sociologie	0	Centre Norbert Elias	0	0	0	0	0	0	FRANÇ A		
American Journal of Physical Anthropology	0002-9483	A1	Antropologia	2010	Variations in the Mechanical Properties of Alouattapallata Molar Enamel	4	INGLÊS	Johns Hopkins University	Department of Materials Science and Engineering	Johns Hopkins University	Center for Functional Anatomy and Evolution	Johns Hopkins University	Department of Earth and Planetary Sciences	Johns Hopkins University	Department of Materials Science and Engineering	0	0	EUA		
American Journal of Physical Anthropology	0002-9483	A1	Antropologia	2012	Growth and the Development of Sexual Size Dimorphism in Lorises and Galagos	5	INGLÊS	Arizona State University	School of Human Evolution and Social Change	University at Albany	Department of Anthropology	Arizona State University	School of Human Evolution and Social Change	Mt. Sinai School of Medicine	Department of Orthopaedics	Arizona State University	Institute of Human Origins	EUA		
American Politics Research	1532-673X	A1	Ciência Política	2010	Committee Parallelism and Bicameral Agenda Coordination	1	INGLÊS	Oakland University	Department of Political Science	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
American Politics Research	1532-673X	A1	Ciência Política	2011	Legislating Versus Campaigning: The Legislative Behavior of Higher	1	INGLÊS	Universidade George Mason	College of Humanities and	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		

					Office-Seekers:				Social Sciences											
American Politics Research	1532-673X	A1	Ciência Política	2012	The Individual-Level Effects of Presidential Conventions on Candidate Evaluations	2	INGLÊS	University of Wisconsin	Department of Political Science	University of Wisconsin--Milwaukee	não encontrado	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
An International Journal of Politics, Culture and Society (Dordrecht. Online)	1573-3416	A1	Sociologia	2011	The Globalization of Nationalism and the Future of the Nation-State	1	INGLÊS	Boston University	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
An International Journal of Politics, Culture and Society (Dordrecht. Online)	1573-3416	A1	Sociologia	2010	Ideas in Exile: Refugees from Nazi Germany and the Failure to Transplant Historical Sociology into the United States	1	INGLÊS	University of Michigan	Department of Sociology	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
An International Journal of Politics, Culture and Society (Dordrecht. Online)	1573-3416	A1	Sociologia	2012	Everybody Wants Secularism—But Which One? Contesting Definitions of Secularism in Contemporary Turkey	1	INGLÊS	Arizona State University	School of Historical, Philosophical & Religious Studies,	Suleyman Sah University	Department of Sociology	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
Antiquity (Cambridge)	0003-598X	A1	Antropologia	2010	Subsistence diversity in the Younger Stone Age landscape of Varangerfjord, northern Norway	1	INGLÊS	University of Western Ontario	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
Antiquity (Cambridge)	0003-598X	A1	Antropologia	2011	Sanzuodian: the structure, function and social significance of the earliest stone fortified sites in China	3	INGLÊS	Hebrew University	Department of East Asian Studies	Hebrew University	Institute of Earth and Science	Hebrew University	Department of East Asian Studies	0	0	0	0	0	EUA	
Antiquity (Cambridge)	0003-598X	A1	Antropologia	2011	Ritual in the landscape: evidence from Pinarbasi in the seventh-millennium cal BC Konya plain	4	INGLÊS	University of Liverpool	School of Archaeology	University of Liverpool	School of Archaeology	University of Queensland	School of Social Science	University of Liverpool	School of Archaeology	0	0	0	EUA	
Archaeologies	1555-8622	A2	Antropologia	2012	The Future of WAC: A Fringe or	1	INGLÊS	Technion-Israel	Department of	0	0	0	0	0	0	0	0	0	ISRAEL	

Cambridge Journal of Economics	0309-166X	A1	Economia	2011	Could international labour rights play a role in US trade?	1	INGLÊS	University of Massachusetts	Department of Public Policy and Public Affairs	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO		
Cambridge Journal of Economics	0309-166X	A1	Economia	2011	Sketching a socio-economic model of labour markets	1	INGLÊS	University of the West of England	Department of HRM	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO		
Cambridge Journal of Economics	0309-166X	A1	Economia	2012	Cambridge Journal of Economics	1	INGLÊS	University Roma Tre	Department of Economics	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO		
Cambridge Review of International Affairs	0955-7571	A1	Economia	2010	The roles of conflict resolution scholars in Georgian –Abkhaz and Georgian – South-Ossetian conflict and conflict resolution	1	INGLÊS	George Mason University	Center for Peacemaking Practice	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Cambridge Review of International Affairs	0955-7571	A1	Economia	2011	Victory in scholarship on strategy and war	1	INGLÊS	Tufts University	The Fletcher School of Law and Diplomacy	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Cambridge Review of International Affairs	0955-7571	A1	Economia	2011	The United States and the ICC: the force and force of the legal arguments	1	INGLÊS	University of Cambridge	Centre for International Law	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Canadian Journal of Economics	0008-4085	A2	Economia	2010	Aid, non-traded goods, and growth	1	INGLÊS	Tokyo Institute of Technology	Department of Social Engineering	0	0	0	0	0	0	0	0	CANADÁ		
Canadian Journal of Economics	0008-4085	A2	Economia	2010	Import competition and firm refocusing	1	INGLÊS	University of Alberta	School of Business	0	0	0	0	0	0	0	0	CANADÁ		
Canadian Journal of Economics	0008-4085	A2	Economia	2012	Offshoring, immigration, and the native wage distribution	1	INGLÊS	Williams College	Department of Economics	0	0	0	0	0	0	0	0	CANADÁ		
Canadian Journal of Economics	0008-4085	A2	Economia	2011	Viewpoint: An extended class of instrumental variables for the estimation of causal	2	INGLÊS	Boston College	Department of Economics	Universidade da Califórnia em San	Department of Economics	0	0	0	0	0	0	CANADÁ		

Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	Outside the Paint: When Basketball Ruled at the Chinese Playground,	1	INGLÊS	Pitzer College	Asian American studies and sociology	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	Body Panic: Gender, Health, and the Selling of Fitness,	1	INGLÊS	San Jose State University		0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	Rise of the Red Engineers: The Cultural Revolution and the Ongins of China's New Class,	1	INGLÊS	Stanford University		0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	he Rewards of Punishment: A Relational Theory of Norm Enforcement	1	INGLÊS	Stanford University		0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	Beyond Reproduction: Women's Health, Activism, and Public Policy,	1	INGLÊS	State University		0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	en in Caring Occupations: Doing Gender Differently	1	INGLÊS	University of New York		0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	Cultural Movements and Collective Memory: Christopher Columbus and the Rewriting of the National Origin Myth,	1	INGLÊS	University of Wisconsin		0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	Biosecurity Interventions: Global Health and Security in Question,	2	INGLÊS	Columbia University P		0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Contemporary Sociology (Washington)	0094-3061	A1	Sociologia	2010	Suffering and Evil: The Durkheimian Legacy	2	INGLÊS	Queens University		0	0	0	0	0	0	0	0	CANADÁ		
Cultures et Conflits (Revue)	1157-996X	A2	Ciência Política	2010	La représentation politique des minorités linguistiques Une analyse comparée	2	FRANÇÊS	Université de Bruxelles		0	0	0	0	0	0	0	0	BÉLGICA		

					in the Elbe River basin																
Ecological Economics (Amsterdam)	0921-8009	A2	Sociologia	2011	CSD water partnerships: Privatization, participation and legitimacy	1	INGLÈS	University of Amsterdam	Faculty of Earth and Life Sciences	0	0	0	0	0	0	0	0	HOLANDA			
Ecological Economics (Amsterdam)	0921-8009	A2	Sociologia	2011	Does urbanization lead to less energy use and lower CO2emissions? A cross-country analysis	2	INGLÈS	Hiroshima University		0	0	0	0	0	0	0	0	JAPÃO			
Ecological Economics (Amsterdam)	0921-8009	A2	Sociologia	2012	Reprint of "Can Earth system interactions be governed? Governance functions for linking climate change mitigation with land use, freshwater and biodiversity protection"	2	INGLÈS	Stockholm Environment Institute		0	Stockholm University	0	0	0	0	0	0	SUÈCIA			
Ecological Economics (Amsterdam)	0921-8009	A2	Sociologia	2012	The role of fairness norms the household-based natural forest conservation: The case of Wolong, China	3	INGLÈS	Chinese Academy of Sciences		0	0	0	0	0	0	0	0	CHINA			
Ecological Economics (Amsterdam)	0921-8009	A2	Sociologia	2010	Spatial and temporal flows of China's forest resources: Development of a framework for evaluating resource efficiency	4	INGLÈS	Institute of Geographic Sciences and Natural Resources Research	Chinese Academy of Sciences	School of Geography	Beijing Normal University	0	0	0	0	0	0	CHINA			
Ecological Economics (Amsterdam)	0921-8009	A2	Sociologia	2012	Income-based environmental responsibility	4	INGLÈS	Technical University of Lisbon	Instituto Superior Técnico	University of Sydney	School of Physics	0	0	0	0	0	0	PORTUGAL	AUSTRÀLIA		
Ecological Economics (Amsterdam)	0921-8009	A2	Sociologia	2010	Payments for biodiversity conservation in the context of weak institutions: Comparison of	6	INGLÈS	Wildlife Conservation Society		0	University of Cambridge	Department of Zoology	0	Royal Government of Cambodia	0	Department of Life Sciences	0	0	EUA	REINO UNIDO	CAMBOJA

Games and Economic Behavior (Print)	0899-8256	A1	Economia	2012	Justifiable choice	1	INGLÈS	University of Oxford		0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Games and Economic Behavior (Print)	0899-8256	A1	Economia	2012	A class of strategy-correlated equilibria in sender-receiver games	1	INGLÈS	University of Pittsburgh	Department of Economics	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Habitat International	0197-3975	A2	Sociologia	2010	Institutional capacities in the land development for housing on greenfield sites in Istanbul	2	INGLÈS	Cornell University	Department of Sociology	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Hispanic Research Journal	1468-2737	A2	Sociologia	2012	History and Stories of Love and Conversion in Fourteenth-Century Burgos	1	INGLÈS	Universidade de Santiago de Compostela		0	0	0	0	0	0	0	0	0	ESPAÑA		
History of Political Economy	0018-2702	A1	Economia	2010	The Moralizing Role of Distance in Adam Smith: The Theory of Moral Sentiments as Possible Praise of Commerce	1	INGLÈS	Trinity University	Department of Economics	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
History of Political Economy	0018-2702	A1	Economia	2011	A 1930s North American Creative Community: The Harvard "Pareto Circle"	1	INGLÈS	Université Paris 1	Centre d'Économie de la Sorbonne	0	0	0	0	0	0	0	0	0	FRANÇA		
History of Political Economy	0018-2702	A1	Economia	2012	Adam Smith's "Science of Human Nature"	1	INGLÈS	University of Glasgow	School of Social and Political Sciences	0	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO		
History of Political Economy	0018-2702	A1	Economia	2011	Reconceiving Quality: Political Economy and the Rise of Hedonic Price Indexes	1	INGLÈS	University of Notre Dame		0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
History of Political Economy	0018-2702	A1	Economia	2011	Hayek's Business Cycle Theory during the 1930s: A Critical Account of Its Development	1	INGLÈS	University of Oxford		0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
History of Political Economy	0018-2702	A1	Economia	2010	Harvard, the Chicago Tradition, and the Quantity	1	INGLÈS	University of Western	Department of Econom	0	0	0	0	0	0	0	0	0	CANADÀ		

Science					probability distributions in archaeology: a review of methods			National University	Environment and Society										
Journal of Archaeological Science	0305-4403	A1	Antropologia	2011	The use of predictive modelling to target Neolithic settlement and occupation activity in mainland Scotland	1	INGLÈS	University of Edinburgh	Department of Archaeology	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO	
Journal of Archaeological Science	0305-4403	A1	Antropologia	2011	Selected with care? – the technology of crucibles in late prehistoric Scotland. A petrographic and chemical assessment	1	INGLÈS	University of Glasgow	Department of Archaeology	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO	
Journal of Archaeological Science	0305-4403	A1	Antropologia	2012	Taphonomy and sample size estimation in paleoethnobotany	1	INGLÈS	University of Oregon	Department of Anthropology	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO	
Journal of Archaeological Science	0305-4403	A1	Antropologia	2012	Seasonal fluctuations in diet and death during the late horizon: a stable isotopic analysis of hair and nail from the central coast of Peru	2	INGLÈS	Trent University	Department of Anthropology	University of Calgary	Department of Archaeology	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO	
Journal of Archaeological Science	0305-4403	A1	Antropologia	2010	Reassessing the diet of Upper Palaeolithic humans from Gough's Cave and Sun Hole, Cheddar Gorge, Somerset, UK	3	INGLÈS	University of Cambridge	McDonald Institute for Archaeological Research	The British Museum	Department of Prehistory and Europe	University of Oxford	Oxford Radiocarbon Accelerator Unit, Research Laboratory for Archaeology and the History of Art	0	0	0	0	REINO UNIDO	
Journal of Archaeological Science	0305-4403	A1	Antropologia	2010	Sorting the butchered from the boiled	3	INGLÈS	University of York	Departments of Archaeology and	University of York	Department of Archaeology	University of York	Departments of Archaeology and	0	0	0	0	REINO UNIDO	

									Biology				Biology								
Journal of Archaeological Science	0305-4403	A1	Antropologia	2011	'Old wood' effect in radiocarbon dating of prehistoric cremated bones?	5	INGLÊS	Queen's University Belfast	School of Geography, Archaeology and Palaeocology	University of Aarhus	Department of Physics and Astronomy	University of Copenhagen	Saxo Institute	Aarhus University	Department of Prehistoric Archaeology	0	0		REINO UNIDO		
Journal of Business & Economic Statistics	0735-0015	A1	Economia	2011	Bias-corrected matching estimators for average treatment effects	2	INGLÊS	Harvard Kennedy School	0	Stanford Graduate School of Business	0	0	0	0	0	0	0	EUA			
Journal of Classical Sociology	1468-795X	A1	Sociologia	2010	Du Bois on citizenship: Revising the 'Du Bois as sociologist' canon	1	INGLÊS	Indiana University Bloomington	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA			
Journal of Classical Sociology	1468-795X	A1	Sociologia	2010	A single societal community with full citizenship for all': Talcott Parsons, citizenship and modern society	1	INGLÊS	Università di Trento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	ITALIA			
Journal of Democracy	1045-5736	A1	Ciência Política	2012	the coming wave	1	INGLÊS	Stanford University	Spogli Institute for International Studies	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA			
Journal of Development Economics (Print)	0304-3878	A2	Economia	2010	Financial market participation and the developing country business cycle	1	INGLÊS	Central Bank of Turkey	0	0	0	0	0	0	0	0	0	TURQUIA			
Journal of Development Economics (Print)	0304-3878	A2	Economia	2011	Reputation, group structure and social tensions	1	INGLÊS	University of Zurich	0	Department of Economics	0	0	0	0	0	0	0	SUIÇA			
Journal of Development Economics (Print)	0304-3878	A2	Economia	2012	Seasonality of income and poverty in Bangladesh	1	INGLÊS	World Bank	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA			
Journal of Development Economics (Print)	0304-3878	A2	Economia	2010	Inflation targeting in emerging economies: Panel evidence	2	INGLÊS	INSPER	0	0	0	0	0	0	0	0	0	BRASIL			
Journal of Econometrics	0304-4076	A1	Economia	2012	Statistical inference in the	1	INGLÊS	McGill University	0	Department of	0	0	0	0	0	0	0	CANADÁ	EUA		

Journal of Economic Studies (Bradford)	0144-3585	A2	Economia	2010	Modeling the non-linear behaviour of option price deviations from the Black Scholes model	1	INGLÈS	University of East Anglia	Norwich Business School	0	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO			
Journal of Economic Studies (Bradford)	0144-3585	A2	Economia	2011	Evidence on the impact of exchange rate regimes on bilateral FDI flows	2	INGLÈS	Hull University Business School		0	Oxford Brookes University Business School	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO		
Journal of Economic Studies (Bradford)	0144-3585	A2	Economia	2010	Assessing a feasible degree of product market integration: a pilot analysis	3	INGLÈS	Novosibirsk State University		0	LLC	0	0	0	0	0	0	0	0	RÚSSIA		
Journal of Economic Theory (Print)	0022-0531	A1	Economia	2010	The premiss-based approach to judgment aggregation	2	INGLÈS	London School of Economics		0	HEC School of Management	0	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO	FRANÇA	
Journal of Economic Theory (Print)	0022-0531	A1	Economia	2012	HEC School of Management	2	INGLÈS	The Johns Hopkins University	Department of Economics		Universidad Técnica Federico Santa María	Departamento de Matemática	0	0	0	0	0	0	0	EUA	CHILE	
Journal of Environmental Economics and Management (Print)	0095-0696	A2	Economia	2010	Allowance price drivers in the first phase of the EU ETS	1	INGLÈS	Centre for Energy Policy and Economics		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	SUIÇA		
Journal of Environmental Economics and Management (Print)	0095-0696	A2	Economia	2011	Trade, technology, and the environment: Does access to technology promote environmental regulation?	2	INGLÈS	Syracuse University	The Maxwell School	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Journal of Environmental Economics and Management (Print)	0095-0696	A2	Economia	2010	Scale factors and hypothetical referenda: A clarifying note	2	INGLÈS	University of Gothenburg		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	SUÉCIA		
Journal of Environmental Economics and Management (Print)	0095-0696	A2	Economia	2011	Household incidence of pollution control policies: A robust	3	INGLÈS	Université Laval		0	Université d'Ottawa	0	0	0	0	0	0	0	0	CANADÀ		

									onal Relation s												
Journal of Human Evolution	0047-2484	A1	Antropologia	2011	Mousterian technology and settlement dynamics in the site of Hummal (Syria)	1	INGLÈS	University of Cologne	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Journal of Human Evolution	0047-2484	A1	Antropologia	2010	Nacurrie 1: Mark of ancient Java, or a caring mother's hands, in terminal Pleistocene Australia?	1	INGLÈS	University of New England	Faculty of Arts and Sciences	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		
Journal of Human Evolution	0047-2484	A1	Antropologia	2010	How do stone knappers predict and control the outcome of flaking? Implications for understanding early stone tool technology	3	INGLÈS	École des Hautes Études en Sciences Sociales	Groupe de Recherche Apprentissage et Contexte	École des Hautes Études en Sciences Sociales	Groupe de Recherche Apprentissage et Contexte	German Sport University Cologne	Institute of health promotion and clinical movement science	0	0	0	0	0	EUA		
Journal of Human Evolution	0047-2484	A1	Antropologia	2011	New species of Cercopithecoides from Haasgat, North West Province, South Africa	3	INGLÈS	The Ohio State University	Department of Anthropology	University of the Witwatersrand	School of Anatomical Sciences	University of Sheffield	Department of Archaeology	0	0	0	0	0	EUA		
Journal of Human Evolution	0047-2484	A1	Antropologia	2010	Bipedal tool use strengthens chimpanzee hand preferences	4	INGLÈS	University of St Andrews	Centre for Social Learning and Cognitive Evolution and Scottish Primate Research Group, School of Psychology	The University of Texas M. D. Anderson Cancer Centre	Department of Veterinary Sciences	The University of Texas M. D. Anderson Cancer Centre	Department of Veterinary Sciences	University of Vienna	Department of Cognitive Biology	0	0	0	EUA		
Journal of Industrial Economics (Print)	0022-1821	A2	Economia	2010	COMPETITION AND MANAGERIAL INCENTIVES: BOARD	2	INGLÈS	University of South Florida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA		

					INDEPENDENCE, INFORMATION AND PREDATION														
Journal of International Economics (Print)	0022-1996	A1	Economia	2012	Financial crises and the multilateral response: What the historical record shows	3	INGLÈS	International Monetary Fund	0	University of California	0	NBER	0	0	0	0	0	EUA	
Journal of International Economics (Print)	0022-1996	A1	Economia	2012	Sequential exporting	4	INGLÈS	University of Birmingham	0	University of Southampton	0	NHH	0	London School of Economics	0	0	0	REINO UNIDO	NORUEGA
Journal of International Money and Finance	0261-5606	A2	Economia	2012	Financial friction in an emerging economy	1	INGLÈS	National Chengchi University	0	0	0	0	0	0	0	0	0	TAIWAN	
Journal of International Money and Finance	0261-5606	A2	Economia	2011	Risk contagion among international stock markets	2	INGLÈS	Lund University	0	0	0	0	0	0	0	0	0	SUÈCIA	
Journal of International Money and Finance	0261-5606	A2	Economia	2011	Bank lending and commercial property cycles: Some cross-country evidence	2	INGLÈS	National Institute of Economic and Social Research	0	Brunel University	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO	
Journal of International Money and Finance	0261-5606	A2	Economia	2010	Supersanctions and sovereign debt repayment	2	INGLÈS	Santa Clara University	0	Claremont McKenna College	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
Journal of International Money and Finance	0261-5606	A2	Economia	2012	How the UK economy weathered the financial storm	3	INGLÈS	Warwick Business School	0	London Business School	0	0	0	0	0	0	0	REINO UNIDO	
Journal of Labor Economics	0734-306X	A2	Economia	2012	Personality and marital surplus	1	INGLÈS	University of California	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
Journal of Labor Economics	0734-306X	A2	Economia	2012	What happens after enrollment? An analysis of the time path of racial differences in GPA and major choice	3	INGLÈS	Duke University	Department of Economics	Duke University	Department of Economics	Duke University	Department of Sociology	0	0	0	0	EUA	
Journal of Labor	0734-306X	A2	Economia	2012	Persistent inter-industry wage	4	INGLÈS	Cornell University	0	CEPR	0	LEHD	0	CREST-ENSAE	0	0	0	EUA	

Economics					differences: rent sharing and opportunity costs			ty											
Journal of Latin American and Caribbean Anthropology (Online)	1935-4932	A2	Antropologia	2012	Stop Loss: Developing Interethnic Relations in Brazil's Xingu Indigenous Park	1	INGLÈS	MacEwan University	0	0	0	0	0	0	0	0	0	CANADÀ	
Journal of Latin American and Caribbean Anthropology (Online)	1935-4932	A2	Antropologia	2012	Borders and Bridges: Exploring a New Conceptual Architecture for (U.S.–Mexico) Border Studies	1	INGLÈS	University of California	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
Journal of Latin American and Caribbean Anthropology (Online)	1935-4932	A2	Antropologia	2012	Commodifying Intimacy: Women, Work, and Care in Peruvian Migration	1	INGLÈS	University of Copenhagen	0	0	0	0	0	0	0	0	0	DINAMARCA	
Journal of Latin American and Caribbean Anthropology (Online)	1935-4932	A2	Antropologia	2012	A Middle Class Besieged: Brazilians' Motives to Migrate	1	INGLÈS	University of Manchester	0	0	0	0	0	0	0	0	0	REINUNITID	
Journal of Mathematical Economics (Print)	0304-4068	A2	Economia	2012	Cournot outcomes under Bertrand–Edgeworth competition with demand uncertainty	1	INGLÈS	California Polytechnic State University	0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
Journal of Mathematical Economics (Print)	0304-4068	A2	Economia	2011	Existence of equilibria in economies with externalities and non-convexities in an infinite-dimensional commodity space	1	INGLÈS	Universidad Nacional de San Martín	0	0	0	0	0	0	0	0	0	ARGENTINA	
Journal of Mathematical Economics (Print)	0304-4068	A2	Economia	2011	Public and private learning from prices, strategic substitutability and complementarity, and equilibrium multiplicity	2	INGLÈS	CREIP	0	IESE Business School	0	0	0	0	0	0	0	ESPANHA	
Journal of Mathematical Economics (Print)	0304-4068	A2	Economia	2011	Preference for flexibility and the	2	INGLÈS	Universitat	0	University of	0	0	0	0	0	0	0	ESPANHA	DINAMARCA

					Methodological Analysis														
Panoeconomicus	1452-595X	A2	Economia	2010	Bihevioristička ekonomija blagostanja	1	BÓSNIO	Stanford University	Department of Economics	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA	
Panoeconomicus	1452-595X	A2	Economia	2012	Marchés obligataires et crises bancaires dans les pays émergents: le rôle des institutions Bond Markets and Banking Crises in Emerging Market Economies: The Role of Institutions	1	INGLÈS	Université de Tunis		0	0	0	0	0	0	0	0	TUNÍSI A	
Panoeconomicus	1452-595X	A2	Economia	2011	Causes and Consequences of the Spanish Economic Crisis: Why the Recovery is Taken so Long?	1	INGLÈS	University of Minho		0	0	0	0	0	0	0	0	PORTUGAL	
Panoeconomicus	1452-595X	A2	Economia	2010	The Endogeneity of the Natural Rate of Growth: An Application to Turkey	2	INGLÈS	Gazi University		0	0	0	0	0	0	0	0	TURQUI A	
Panoeconomicus	1452-595X	A2	Economia	2011	The New Political Macroeconomics in Modern Macroeconomics and Its Appliance to Transition Processes in Serbia	2	INGLÈS	University of Belgrade		0	0	0	0	0	0	0	0	SÉRVIA	
Panoeconomicus	1452-595X	A2	Economia	2011	A Critical Revision of the Empirical Literature on Chinese Outward Investment: A New Proposal	2	INGLÈS	University of the Basque Country		0	0	0	0	0	0	0	0	ESPANHA	
Panoeconomicus	1452-595X	A2	Economia	2012	Effects of Serbian Accession to the European Union	2	INGLÈS	The Vienna Institute for International Economic Studies	The Centre for Strategic Economic Studies "Vojvodina-CESS	0	0	0	0	0	0	0	0	ÁUSTRI A	SÉRVIA

Economics and Statistics								of Management and NBER	Economics										
The Review of Economics and Statistics	0034-6535	A1	Economia	2011	MORTALITY RISK AND HUMAN CAPITAL INVESTMENT: THE IMPACT OF HIV/AIDS IN SUB-SAHARAN AFRICA	1	INGLÈS	Mathematica Policy Research.		0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA
The Review of Economics and Statistics	0034-6535	A1	Economia	2010	ON THE INTERNATIONAL EFFECTS OF INFLATION TARGETING	1	INGLÈS	University of Colorado Denver		0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA
The Review of Economics and Statistics	0034-6535	A1	Economia	2011	WELFARE PAYMENTS AND CRIME	1	INGLÈS	Harvard Business School		0	NBER	0	0	0	0	0	0	0	EUA
The Review of Economics and Statistics	0034-6535	A1	Economia	2011	Racial Disparity in Unemployment	2	INGLÈS	University of Minnesota	Department of Finance	Carnegie Mellon University	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA
The Review of Economics and Statistics	0034-6535	A1	Economia	2011	Inference with "Difference in Differences" with a Small Number of Policy Changes0	2	INGLÈS	University of Chicago		University of Wisconsin-Madison	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA
The Review of Financial Studies	0893-9454	A1	Economia	2010	Dynamic Asset Allocation: Portfolio Decomposition Formula and Applications	2	INGLÈS	Boston University School of Management		0	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA
The Review of Financial Studies	0893-9455	A2	Economia	2012	The Inventory Growth Spread	2	INGLÈS	University of Minnesota		London School of Economics and Political Science	0	0	0	0	0	0	0	0	EUA REINO UNIDO
The Review of Financial Studies	0893-9454	A1	Economia	2011	What's Vol Got to Do with It	2	INGLÈS	New York University	Finance Department	University of Pennsylvania	Finance Department	0	0	0	0	0	0	0	EUA
The Review of Financial Studies	0893-9454	A1	Economia	2012	Hedge Fund Stock Trading in the Financial Crisis of	3	INGLÈS	Ohio State University	Fisher College of	University of Lugano	Swiss Finance Institute	University of Pennsylv	Wharton School	0	0	0	0	0	EUA

